JERRY BRIDGES

O PODER TRANSFORMADOR DO EVANGELHO

AQUELE QUE NÃO CONHECEU PECADO,
ELE O FEZ PECADO POR NÓS;
PARA QUE, NELE, FÔSSEMOS
FEITOS JUSTIÇA DE DEUS.
(2 CORÍNTIOS 5.21)



O Poder Transformador do Evangelho
Copiright © 2015 pela Editora Batista Regular do Brasil

Esta edição emitida por acordo contratual com Nav Press, uma divisão de The Navigators, U.S.A. Originalmente publicada pela Nav Press em inglês com o título: **The Transforming Power of the Gospel**, copyright 13/01/2012 por Jerry Bridges.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em sistema de processamento de dados ou transmitida em qualquer forma ou qualquer meio — eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou qualquer outro — exceto para citações resumidas com o propósito de rever ou comentar, sem prévia autorização dos Editores.

Tradução: Márcia Piedade Santos de Oliveira
Revisão: Simone Granconato
Diagramação: Edvaldo Cardoso Matos
Revisão final e Supervisão de Produção: Carol Medeiros de Oliveira Simão
Thiago André Monteiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Maurício Amormino Júnior, CRB6/2422)

B851p

Bridges, Jerry, 1929-.

O poder transformador do evangelho / Jerry Bridges; tradução Márcia Piedade Santos de Oliveira. – São Paulo (SP): Editora Batista Regular, 2015.

Título original: The transforming power of the gospel

ISBN 978-85-7414-052-0

1. Religião. 2. Vida cristã. 3. Virtudes. I. Martins, Maria da Conceição de Souza. II. Título.

CDD-248.4

editora batista regular

Rua Kansas, 770 - Brooklin - CEP 04558-002 - São Paulo - SP
Telefone: (11) 5561-3239 - Site: www.editorabatistaregular.com.br

Índice

PREFÁCIO 5

SOBRE O AUTOR 7

CAPÍTULO 1 9
Velho cedo demais, esperto tarde demais.

CAPÍTULO 2 17
A santidade de Deus

CAPÍTULO 3 27
A vileza do nosso pecado

CAPÍTULO 4 40
A grande permuta

CAPÍTULO 5 53
Abraçando o Evangelho diariamente

CAPÍTULO 6 65
A motivação do Evangelho

CAPÍTULO 7 78
Entendendo a graça de Deus

CAPÍTULO 8 90
A obra transformadora do Espírito Santo

CAPÍTULO 9 107
Responsabilidade dependente

CAPÍTULO 10 120
Instrumentos da graça

CAPÍTULO 11 132
A Palavra de Deus e a oração

CAPÍTULO 12 147
A graça da adversidade

CAPÍTULO 13 159
Transformado à sua imagem

CAPÍTULO 14 177
Já, mas ainda não!

NOTAS 187

Prefácio

Transformação espiritual é o processo pelo qual nos tornamos mais e mais à semelhança de Cristo. Desde 1951, quando entrei em contato pela primeira vez com o ministério dos Navegadores, me esforço para entender e praticar os princípios desse processo. No entanto, de modo nenhum "cheguei" a entendê-lo e a praticá-lo por completo, mas aprendi muito e espero ter crescido um pouco durante os últimos sessenta anos.

No início dos anos 70, tive a oportunidade, pela graça de Deus, de ensinar informalmente o que eu estava aprendendo, primeiro para os Navegadores e posteriormente para uma audiência mais ampla nos Estados Unidos. Então, passei a ministrar aulas em vários seminários e faculdades cristãs. Para a ministração dessas aulas era necessário uma abordagem mais disciplinada, por isso desenvolvi um currículo de vinte a vinte e cinco palestras, dependendo das exigências das escolas. Posteriormente, para atingir um público maior, condensei esse material em dez palestras dadas em seminários de dois dias. Este livro é essencialmente o conteúdo escrito do que é ensinado nesses seminários.

Este trabalho não tem por propósito esgotar o tema transformação espiritual. Até porque existem dois outros livros de minha autoria que certamente contribuem para ampliar a visão desse assunto, são eles: *A busca da santidade* e *Graça transformadora*. Além disso, há outros escritores contemporâneos que abordaram esse assunto de ângulos diferentes e que têm muito a nos dizer.

Por que então este livro? A resposta é simples: para transmitir o que aprendi nos últimos vinte e cinco anos de estudo sobre a importância do evangelho em nossa transformação e a necessidade vital da atuação do Espírito Santo nesse processo.

Reconheço alegremente que me coloquei sobre os ombros de alguns gigantes da fé de séculos anteriores. Esta é a razão pela qual você encontrará numerosas citações deles. Espero que as Escrituras citadas e as palavras desses mestres embasadas nessas mesmas Escrituras, ofereçam-lhes a confiança de que tudo o que vocês lerão não é novidade, mas sim, essencialmente, o ensino da Palavra de Deus.

Com gratidão reconheço a ajuda de diversas pessoas. Primeiro, minha esposa Jane, que pacientemente suportou muitas ocasiões de frustração enquanto eu lutava para colocar em palavras concisas os meus pensamentos. Depois, Don Simpson, amigo e editor principal na *NavPress*, que trabalhou comigo capítulo por capítulo, oferecendo sugestões úteis e frequentemente me encorajando.

Connie Trautman, meu assistente administrativo temporário, digitou e redigitou minha cópia manuscrita. Bob Bevington, Chris Thifault e o reverendo Bill Vogler leram o rascunho inicial do manuscrito e ofereceram sugestões úteis. Bob também escreveu as perguntas para discussão no final de cada capítulo. Finalmente, mas de modo nenhum menor em importância, preciso agradecer a um grupo de amigos que oraram por mim.

Acima de tudo agradeço a Deus, o Pai, que por sua graça e através do Senhor Jesus Cristo e do Espírito Santo deu-me o privilégio de escrever este livro. Ao Deus Trino seja toda a glória por qualquer utilidade que este livro possa ter no meio do povo de Deus.

Sobre o Autor

Jerry Bridges é escritor e professor de Bíblia. Seu livro mais popular, *The Pursuit of Holiness* (A busca da santidade), vendeu mais de um milhão de cópias. Ele é autor de *Respectable Sins* (Pecados respeitáveis), *Trusting God* (Confiando em Deus), *The Discipline of Grace* (A disciplina da graça), *The Practice of Godliness* (A prática da piedade), *The Fruitful Life* (A vida frutífera), e *The Gospel for Real Life* (O Evangelho para a vida real). Jerry foi membro do ministério *Navegadores* por muitos anos, mas agora está no ministério colegiado, trabalhando com treinamento de equipe e apoiando o grupo integrante do ministério colegiado.

CAPÍTULO UM

Velho Cedo Demais, Esperto Tarde Demais

Não que eu o tenha já recebido ou tenha já obtido a perfeição; mas prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus. Irmãos, quanto a mim, não julgo havê-lo alcançado; mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus.

Filipenses 3.12–14

Deus predestinou todos os crentes para serem conformes à imagem de seu Filho (veja Rm 8.29). O processo em direção a esse alvo tem vários nomes: santificação, crescimento na graça, ou transformação (veja 1Ts 5.23–24; 2Pe 3.18; 2Co 3.18). Esse processo de transformação à imagem de Cristo começa no nosso novo nascimento (veja Jo 3.3–5) e continua até a nossa morte e entrada na presença do Senhor. Naquele tempo, conforme Hebreus 12.23, nossos espíritos serão aperfeiçoados. O processo de transformação será então completo.

Deus não somente nos predestinou para sermos transformados à imagem do seu Filho, ele também ordenou que fôssemos transformados. Através do apóstolo Paulo, Deus disse: "Não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente" (Rm 12.2). De modo semelhante, o apóstolo Pedro escreveu: "Como

filhos da obediência, não vos amoldeis às paixões que tínheis anteriormente na vossa ignorância; pelo contrário, segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento, porque escrito está: Sede santos, porque eu sou santo" (1Pe 1.14–16).

Ser transformado à imagem do Filho de Deus e ser santo como Deus é santo são expressões essencialmente sinônimas. Porém, quero que vejamos através dessas expressões que o que Deus nos predestinou é exatamente o que ele nos ordena buscar. Não há nenhum conflito entre a vontade soberana de Deus, o que ele certamente realizará, e sua vontade moral, que devemos buscar.

Ser transformado à imagem de Cristo é muito mais do que sofrer uma mudança de conduta. É uma profunda operação do Espírito Santo no mais íntimo do nosso ser, no nosso coração — o centro do nosso intelecto, afeições e vontade. Essa transformação, vez ou outra, é chamada de "mudança de dentro para fora".

Contudo, apesar do processo de transformação ser principalmente a operação do Espírito Santo, é preciso existir a busca fervorosa e ativa daquela santidade sem a qual ninguém verá o Senhor (Hb 12.14). Então, o que engajará nossas afeições ou desejos para fervorosamente buscarmos a transformação à semelhança de Jesus? O que nos levará a querer fazer o que devemos fazer? Essa é a grande pergunta que procuraremos responder no capítulo 6. A resposta a essa pergunta é uma das lições chave. Eu a aprendi em minha jornada em direção à transformação espiritual.

Minha Jornada

Minha jornada começou aos 18 anos, quando pedi a Jesus para ser meu Salvador. Por ter crescido na igreja e me

considerar um cristão, eu era essencialmente um bom garoto e nunca me desviei para além das fronteiras morais da minha igreja. Não tinha grandes pecados que precisava abandonar, assim, o processo de transformação em minha vida foi, de início, devagar e quase imperceptível. De fato, ao olhar para trás após sessenta anos, percebo que eu não sabia que precisava ser transformado. Afinal, eu tinha uma vida moral decente e não cometia os pecados de muitos dos meus colegas da faculdade.

Numa noite em janeiro de 1952, um evento mudou tudo isso dramaticamente. Devido a uma declaração que ouvi num estudo bíblico, percebi que a Bíblia precisava ser aplicada de maneira prática na minha vida diária. Como resultado, no caminho de volta ao navio (na época, eu era um jovem oficial da marinha dos Estados Unidos), fiz uma simples oração: "Deus, começando hoje à noite, o Senhor poderia usar a Bíblia para guiar minha conduta?" Aquele foi o começo da minha transformação espiritual.

Há um velho provérbio que diz: "Velho cedo demais, esperto tarde demais". Esse provérbio descreve minha jornada de transformação. Acho que cometi a maioria dos erros teológicos na esfera da transformação espiritual devido a minha própria ignorância e falta de ensino bíblico sólido naqueles dias iniciais (fiquei no mar a maior parte do tempo, e, até onde sabia, eu era o único cristão a bordo do navio).

O primeiro erro que cometi foi supor que eu poderia viver a vida cristã apoiando-me nos meus conceitos morais. Dizia a mim mesmo: "Apenas leia e faça o que a Bíblia diz". Eu estava acostumado a obedecer às ordens dos oficiais superiores, então, abordei as ordens morais da Bíblia da mesma maneira. Não sabia nada da luta interna entre a carne e o Espírito. Não percebia a necessidade de depender do Espírito Santo para aplicar as Escrituras em minha vida. Após vários

anos nessa abordagem de autoesforço, fiquei desanimado com a perspectiva de mudança significativa em minha vida. Enquanto ainda não estava envolvido em nenhum "grande" pecado, estava vendo os pecados sutis e, frequentemente escondidos, do coração. Sendo assim, parecia que eu estava ficando pior, não melhor. Tudo isso me preparou para o próximo erro, ou seja, abraçar uma abordagem passiva à transformação espiritual.

Conhecida por várias expressões como: "vida mais elevada" e "vida mais profunda" e por *slogans* como "Relaxe e deixe tudo com Deus" e "Apenas confie em Jesus para que ele viva sua vida através de você", a abordagem passiva ensinava que se você não pode fazer nada para sua salvação, a não ser confiar em Jesus, então, você também não pode fazer nada para sua transformação, a não ser confiar em Jesus. Obviamente, após o desânimo da abordagem "Faça você mesmo", isso me pareceu como as boas-novas, quase um segundo capítulo do evangelho da salvação. Mas, aconteceu exatamente o contrário, pois essa abordagem passiva se tornou ainda mais desanimadora. Percebi que Jesus não estava vivendo sua vida através de mim. Na verdade, eu estava lutando com os mesmos velhos pecados do coração.

Todavia, em sua misericórdia, Deus me resgatou dessa abordagem passiva e me capacitou a ver a abordagem bíblica, que se tornou o assunto deste livro. E no decorrer daqueles anos de luta aprendi três valiosas lições:

1. A batalha interna entre a carne e o Espírito que Paulo descreveu em Gálatas 5.17 é a vida cristã normal. Não importa o quanto cresçamos espiritualmente, sempre iremos experimentar o conflito entre os desejos da carne e os desejos do Espírito.
2. Quanto mais crescermos na semelhança de Cristo,

mais pecados veremos em nossas vidas. Não que estejamos pecando mais, pelo contrário, nos tornamos mais conscientes e mais sensíveis ao pecado que persiste em nossas vidas. O Espírito Santo não revela de uma vez todos os pecados do nosso coração. Ele os mostra gradualmente, na medida em que opera para nos transformar à imagem de Cristo.

3. A transformação espiritual exige de nós o que chamo de responsabilidade dependente. Todas as ordens morais e exortações da Escritura acionam nossa responsabilidade. Não podemos acreditar no "apenas deixe Jesus viver sua vida através de você". Não, somos responsáveis. E, ao mesmo tempo, somos dependentes do Espírito Santo, tanto para que ele opere sua própria obra, quanto para nos capacitar através de seu poder para fazer a obra que devemos fazer.

Em 1978, meu primeiro livro, *The Pursuit of Holiness* (A busca da Santidade), foi publicado. As três lições valiosas que acabei de citar foram incorporadas ao livro, e Deus graciosamente abençoou esse ministério muito além do que eu poderia ter imaginado. Mas ainda tenho muito a aprender.

Se for verdade que quanto mais crescemos, mais pecado vemos em nossas vidas, o que então nos protegerá do desânimo? A resposta a essa indagação é a percepção de que tanto nossa salvação eterna quanto nossa comunhão diária com Deus são baseadas não em nosso próprio esforço, mas na vida sem pecado e na morte vicária de Jesus (esse tema será desenvolvido no capítulo 5 deste livro).

Quando comecei a buscar essa verdade, vi como o evangelho (isto é, a mensagem do que Cristo fez por nós e continua a fazer) fornece tanto o fundamento quanto a motivação para nosso papel na transformação espiritual,

o que eu chamo de "busca da santidade". Conforme eu estudava as Escrituras para entender acerca do papel do evangelho em nossa transformação, Deus, graciosamente, me mostrava os escritos de alguns dos grandes mestres dos dias da Reforma. Então, percebi que aqueles homens ensinaram que o evangelho é o fundamento para a nossa transformação. Esta verdade, portanto, se tornou o tema principal do meu ministério.

Antes de entender o importante papel do evangelho em nossa transformação, eu achava que o evangelho era somente para os não-crentes. Uma vez que nos tornássemos crentes, não precisaríamos mais dele, exceto para compartilhá-lo com aqueles que ainda não o conheciam. Achava que, como cristãos, precisávamos dos desafios do discipulado. Afinal, Jesus nos disse: vão e façam discípulos de todas as nações (veja Mt 28.19).

É certo que precisamos de desafio e instrução no discipulado, mas também precisamos diariamente do evangelho em nossas vidas, afinal, pecamos todos os dias. E, como já disse, quanto mais crescemos, mais sensíveis nos tornamos ao pecado. Todavia, por sermos naturalmente avaliados com base em nosso desempenho, e pelo fato de nossa cultura reforçar essa orientação, queremos sempre nos relacionar com Deus através de nossas capacitações. Sendo assim, se fui bom, conforme definimos bondade, sinto-me bem seguro em meu relacionamento com Deus. Se, por outro lado, espiritualmente tive um "dia mau", sinto-me inseguro. De fato, essa insegurança pode fazer com que vivamos negando quão ruins nossos dias maus realmente são.

Porém, não podemos crescer espiritualmente se não reconhecermos nossa necessidade de crescer. E se a insegurança no nosso relacionamento diário com Deus faz com que

neguemos nosso pecado, então, certamente não poderemos crescer. Esta é a razão porque todos os dias precisamos do evangelho. Ele nos move de um relacionamento de desempenho pessoal com Deus para um relacionamento baseado na vida sem pecado e na morte vicária de Jesus Cristo. O evangelho diariamente nos lembra de que, do ponto de vista de Deus, nosso relacionamento com ele não é baseado em quão bons ou maus temos sido, mas na perfeita bondade e morte de nosso Senhor Jesus Cristo. Assim, o evangelho nos liberta para que honestamente enfrentemos nosso pecado, sabendo que por causa da morte de Cristo, Deus não leva mais em conta a nossa culpa (veja Rm 4.7–8).

O objetivo deste livro é servir ao alvo de Deus, ou seja, que nos tornemos mais à imagem do seu Filho. O livro se estrutura basicamente em duas partes. Na segunda parte, veremos a operação do Espírito Santo em nossa transformação e a tarefa de nos relacionarmos com ele, ou, em outras palavras, a nossa "responsabilidade dependente". Na primeira parte, veremos detalhadamente o papel do evangelho. E porque o evangelho é somente para pecadores, e sendo assim, também é para nós, pecadores praticantes, consideraremos a seriedade dos nossos pecados mais sutis ou os chamados pecados "refinados". E pelo fato da seriedade de nosso pecado somente ser vista à luz da santidade infinita de Deus, começaremos nossos estudos sobre transformação espiritual olhando para a santidade de Deus e suas implicações para nós.

PARA DISCUSSÃO EM GRUPO

1. Transformação espiritual exige responsabilidade dependente. Como isto difere do viver pelo conceito de "Solte-se e deixe tudo com Deus"?
2. Se vivermos negando nosso pecado, não cresceremos. Como o evangelho nos liberta para que honestamente enfrentemos nosso pecado?
3. Por que os crentes em Cristo precisam diariamente do evangelho?

CAPÍTULO DOIS

A Santidade de Deus

No ano da morte do rei Uzias, eu vi o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono, e as abas de suas vestes enchiam o templo. Serafins estavam por cima dele; cada um tinha seis asas; com duas cobria o rosto, com duas cobria os seus pés e com duas voava. E clamavam uns para os outros, dizendo: Santo, santo, santo é o SENHOR dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória.

Isaías 6.1–3

A língua hebraica usa repetição para indicar ênfase do mesmo modo que usamos o itálico ou o negrito. Jesus usava esse recurso quando iniciava uma declaração com "Em verdade, verdade vos digo" (por exemplo, veja Jo 3.3; 5.24). A Bíblia, entretanto, usa a repetição tripla "Santo, santo, santo", com referência a Deus e sua santidade. No hebraico, a repetição tripla indica o maior grau possível ou, como poderíamos dizer, a infinidade da santidade de Deus.

O que é infinito? Diz-se que a distância até o limite conhecido do universo fica a cerca de treze bilhões de anos luz. Expresso em quilômetros, seria 125.000.000.000.000.000.000.000. Para poupá-lo de contar, são vinte e um zeros! 125 bilhões de trilhões de quilômetros. Essa é uma distância excessivamente vasta, mas não infinita. Infinito significa sem limites e imensurável. Somente Deus é infinito, e ele é infinito em todos os seus gloriosos atributos. Porém, somente sua santidade recebe a tripla atribuição "Santo, santo, santo". Nunca lemos sobre Deus sendo "sábio, sábio, sábio" ou

"poderoso, poderoso, poderoso", embora ele seja infinito em todos os seus atributos. Parece que Deus teve o propósito de magnificar sua santidade de um modo singular. De fato, no Antigo Testamento, o nome de Deus é qualificado pelo adjetivo *santo* mais frequentemente do que todas as outras qualidades juntas.[1]

Por não podermos assimilar completamente o conceito de infinidade, Deus condescende em usar termos relativos de vastidão ou excessivamente grandes para nos falar de sua infinidade. Por exemplo, ele diz de si mesmo em Isaías 40.15, 17.

> Eis que as nações são consideradas por ele como um pingo que cai de um balde e como um grão de pó na balança...
>
> Todas as nações são perante ele como coisa que não é nada; ele as considera menos do que nada, como um vácuo.

No versículo em questão, Deus nos diz que por ele ser infinitamente grande, a combinação de todo o poder e capacidade das grandes nações e impérios através da história é para ele menos do que nada ou como o vácuo. Porém, poderíamos multiplicar esse poder por mil e ainda assim seria nada mais que um pingo que cai de um balde. A razão disso está no fato de Deus ser infinito num sentido absoluto, ou seja, sem limites e imensurável. É exatamente assim que devemos entender a santidade infinita de Deus.

Enfatizar a infinidade da santidade de Deus traz a seguinte pergunta: "O que a Bíblia quer dizer quando fala da santidade de Deus"? A palavra hebraica traduzida por santo é *qadosh*, que basicamente significa "separado". O estudioso do Antigo Testamento, E. J. Young, diz que *qadosh* significa a inteireza da perfeição divina que separa Deus de sua criação, incluindo sua completa separação de tudo o que

é pecaminoso.[2]

Portanto, a palavra santidade, quando atribuída a Deus, é um termo abrangente que denota tudo o que Deus é em sua majestade transcendente e pureza moral infinita. E a fim de compreendermos melhor a santidade de Deus e sua implicação nos dias atuais, veremos o relato de Isaías 6.1–8, que é justamente a visão que Isaías teve de Deus, uma passagem clássica da Escritura sobre a santidade do Senhor.

Majestade Transcendente

Em sua visão de Deus, Isaías nos deu três frases descritivas sobre o Senhor:

Ele está assentado sobre um trono.
Ele é alto e sublime.
As abas de suas vestes enchem o templo.

O trono de Deus é símbolo de seu reino ou de sua regência soberana. Deus absolutamente governa sobre toda criação, tanto na esfera celestial quando na física. É certo que um pardal não cai no chão se essa não for a sua vontade (veja Mt 10.29). De fato, não podemos executar nossos planos à parte de sua vontade (veja Tg 4.13–15). Pois o Senhor opera no meio dos exércitos do céu e entre os habitantes da terra conforme sua vontade (veja Dn 4.35). E em sua soberana autoridade como Criador, ele tem o direito absoluto de estabelecer e impor regras de conduta para suas criaturas mortais, agindo como o juiz supremo de todos os seres mortais, recompensando o bem e punindo o mal.

As palavras "alto e sublime" se referem à exaltação suprema de Deus — a exibição gloriosa de sua realeza, esplendor e glória. As abas das vestes do Senhor enchendo o templo acentuam sua realeza e esplendor. Nos dias atuais, a cauda é o ápice dos vestidos de noiva, pois indicam, até certo ponto,

a beleza e o preço deles. É curioso notar que a roupa de coroação de um rei ou rainha sempre incluiu uma cauda, e o comprimento da cauda tinha relação direta com a realeza e o esplendor da pessoa que era coroada. Por exemplo, quando a rainha Elizabeth II da Grã-Bretanha foi coroada em 1953, a cauda tinha quase 11 metros. Era feita de veludo e de pele de arminho. Era tão pesada que precisou ser carregada por seis damas de honra.

Em Isaías lemos que as abas das vestes de Deus eram tão longas que enchiam o templo, e essa informação nos permite fazer uma comparação entre as vestes do Senhor e as de monarcas atuais. Descobrimos, com a descrição de Isaías, a infinita realeza, esplendor, dignidade e majestade de Deus. Portanto, a realeza e o esplendor do monarca mais rico e poderoso que já viveu não representam nada quando comparados à realeza e ao esplendor de Deus.

O que vemos então em Isaías 6.1–8 é um retrato da majestade transcendente de Deus. A palavra *transcendente* tem o sentido de algo que ultrapassa a tudo, que está acima e além de tudo. Na palavra *majestade* é possível incluir tudo o que se relaciona com poder soberano e autoridade, realeza, dignidade e esplendor de Deus. Logo, majestade transcendente abrange o significado de poder infinito, autoridade, realeza, dignidade e esplendor de Deus.

Uma das primeiras referências à santidade de Deus ocorre na canção de Moisés composta na ocasião da travessia do mar Vermelho, quando os israelitas viram Deus destruir o exército egípcio no mar. Moisés escreveu: Ó Senhor, quem é como tu entre os deuses? Quem é como tu, glorificado em santidade, terrível em feitos gloriosos, que operas maravilhas? (Êx 15.11).

Observe a expressão "glorificado em santidade". No

contexto do episódio da travessia do mar Vermelho, essa expressão é uma referência ao poder e autoridade soberana de Deus, especificamente em libertar o povo israelita da perseguição do poderoso exército egípcio. Considere o ato sobrenatural de Deus abrir o mar Vermelho para que os israelitas passassem. Ele fez as águas se dividirem e ficarem como paredes de concreto e tornou o fundo do mar em terra seca, possibilitando a passagem dos israelitas (Êx 14.21–29). E então, através de seu poder soberano, Deus fez as águas seguirem seu curso normal de forma a fazer com que o exército egípcio inteiro morresse afogado no meio do mar. Sendo assim, não é de se admirar que Moisés e os israelitas cantassem: "Quem é como tu entre os deuses?" (15.11).

Majestade transcendente, portanto, é o primeiro significado da santidade de Deus. Isaías, ao escrever seu livro sob a direção do Espírito Santo, usou a expressão "o Santo de Israel" trinta vezes. Em cada uma delas, é a majestade infinita e transcendente, o poder e a autoridade de Deus que estão majoritariamente em vista. Se falharmos em apreender esta ideia e suas implicações para nós, não assimilaremos o peso do segundo significado da santidade de Deus, ou seja, sua pureza moral infinita.

Pureza Moral Infinita

Isaías não somente *viu* a Deus em sua majestade transcendente, ele também *ouviu* os serafins clamarem: "Santo, santo, santo é o Senhor Deus dos Exércitos, toda a terra está cheia da sua glória!" (Is 6.3).[3] Isaías soube que *qadosh* significa "separado", e certamente entendeu que Deus é separado de nós em sua majestade transcendente. É possível que ele também tenha se lembrado de quando Deus fez do povo de Israel uma nação. Nessa ocasião, o Senhor disse: "...portanto, vós sereis santos, porque eu sou santo" (Lv 11.45).

Obviamente, quando Deus diz: "Sede santos, porque eu sou santo" ele não está falando de sua majestade transcendente, a qual é reservada exclusivamente a ele. Antes, ele está se referindo à sua pureza moral infinita. É somente este aspecto da santidade de Deus que podemos procurar imitar, mesmo num grau menor.

Lembre-se novamente de que a repetição tripla, "Santo, santo, santo", indica o mais alto grau possível, ou a infinidade da santidade de Deus. Assim, Deus é infinito não só em sua majestade, mas também em sua pureza moral. Este aspecto duplo da santidade de Deus tem implicações profundas para nós, como veremos no próximo capítulo. Porém, por agora, podemos ver que a majestade transcendente de Deus acrescenta peso à sua pureza moral, e sua pureza moral acrescenta beleza à sua majestade. Temos um ditado que diz: "O poder corrompe, e o poder absoluto corrompe absolutamente". Isto pode ser verdade no que se refere aos governantes humanos ou políticos, mas certamente não é verdade em relação a Deus. E é exatamente assim porque Deus é absoluto em seu poder e infinito em sua pureza moral.

Para nós é difícil conceber a perfeita pureza moral de Deus porque sempre medimos a pureza moral por um padrão fora de nós mesmos. Esse padrão é o próprio Deus e quando comparamos nossa santidade com o padrão da santidade infinita de Deus, mesmo no nosso melhor dia, não ficamos satisfeitos, pois a nossa santidade não passa de um pingo que cai de um balde. De fato, Isaías, no final de seu livro, foi além e descreveu todas as nossas justiças como "trapo de imundícia" (64.6).

No entanto, Deus nos chamou para sermos santos como ele é santo. Certamente essa é uma tarefa impossível. E é justamente por essa razão que Martinho Lutero, nos dias

anteriores ao seu entendimento do evangelho, era tão irado com Deus. Conta-se que uma vez, quanto perguntado se amava a Deus, ele respondeu: "Se eu amo a Deus? Odeio a Deus!" Martinho Lutero respondeu nesses termos porque percebeu que Deus o estava chamando para um padrão impossível e o condenaria eternamente por sua falha em alcançá-lo.

Mesmo havendo a impossibilidade de atingir esse padrão, Deus nos chamou para sermos santos como ele é santo, e também para entendermos o significado de ser santo como ele é santo. Foi por isso que ele nos deu sua lei (e aqui estou usando *lei* como uma expressão da vontade moral de Deus encontrada na Escritura). A lei de Deus é tanto uma expressão de sua vontade moral quanto um reflexo de seu caráter. Lembre-se, contudo, de que ele disse: "Sede santos porque que sou santo". Sendo assim, o Senhor é o regente soberano e infinito de toda a criação, que tem tanto o poder de governar quanto a autoridade soberana de exigir obediência. Devemos, portanto, sempre ter em mente este aspecto duplo da santidade de Deus: sua majestade transcendente e sua pureza moral infinita.

Ódio ao Pecado

A autoridade soberana associada com a pureza moral infinita leva a uma terceira verdade sobre a santidade de Deus. Seu ódio infinito a todo pecado — isto é, ódio a tudo na criação que é contrário à santidade divina.

Em Habacuque 1.13, o profeta diz sobre Deus: "Tu és tão puro de olhos, que não podes ver o mal, e a opressão não podes contemplar". Isto é, Deus não pode ver o mal com complacência e indiferença. Também em Provérbios 6.16 é dito: "Seis coisas o Senhor aborrece, e a sétima a sua alma abomina". Note as palavras *aborrece* e *abomina*. Essas são

palavras fortes, que indicam o ódio infinito de Deus a todo o pecado, seja um pecado maior, tal como adultério, seja um pecado "mais aceitável", como palavras desagradáveis sobre alguém. Obviamente há graus de pecado, mas os pecados de orgulho, egoísmo, inveja, fofoca são ainda pecado, e o sendo, é claro que se constituem abominação ao Senhor.

O apóstolo Paulo escreveu em Romanos 1.18: "A ira de Deus se revela do céu contra toda a impiedade e perversão". Este é um dos diversos versículos do Novo Testamento que fala da ira de Deus (veja também Jo 3.36; Rm 2.5; Ef 2.3; Ap 6.15–17). É claro que a ira de Deus não é a exibição de emoções pecaminosas como as que normalmente associamos com a raiva humana; pelo contrário, a ira de Deus reflete seu ódio santo a todo pecado e sua determinação em puni-lo. Poderíamos dizer que a ira de Deus é sua justiça infinita em ação — uma justiça que não pode permitir que o pecado fique sem punição, mesmo que, aos nossos olhos, seja um pecado pequeno.

No próximo capítulo trataremos do nosso pecado. E é certo que só poderemos ter uma visão correta do pecado se o colocarmos debaixo da santidade infinita de Deus. O escritor do século 19, William Plumer, disse: "Todo pecado é contra Deus no seguinte sentido; que é sua lei que é desobedecida, sua autoridade que é desprezada, seu governo que é tido em nada".[4] Pode até acontecer de machucarmos alguém fisicamente ou prejudicarmos sua reputação através de fofoca, porém, ao cometermos esse erro estaremos violando a lei de Deus.

Outro teólogo do século 19 escreveu:

> A culpa da ofensa é proporcional à grandeza, à excelência moral e à glória daquele contra quem a ofensa é cometida, o qual nos fez para a obediência leal a si mesmo.
> Nada mais, portanto, leva-se em consideração ao estimar a

> grandeza do pecado, a não ser a majestade infinita, a glória e as reivindicações daquele contra quem pecamos.[5]

Suponha que você deseja um tapete novo para cobrir o chão de madeira da sala de estar. Tendo recursos modestos, você vai a uma loja popular e paga somente trezentos dólares pelo tapete. Eu vou à sua casa com um vidro de tinta preta permanente e deixo cair essa tinta no seu tapete. Com isso, destruo o tapete de trezentos dólares. Mas, suponha que você seja uma pessoa rica e que pagou trinta mil dólares por um tapete persa. Se eu derrubo tinta nesse tapete, cometo um ato totalmente diferente. Por que isso é verdade, se pratiquei o mesmo ato em ambos os casos? A resposta é simples, a diferença está, é claro, no valor do tapete.[6]

É assim que deveríamos ver a grandeza de nosso pecado. Obviamente, a santidade de Deus não pode ser comparada nem mesmo ao tapete de trinta mil dólares, pois é infinita. É imensurável. Além disso, não "derramamos" acidentalmente nosso pecado sobre a santidade de Deus. Antes, "derramamos" nosso pecado, isto é, escolhemos expressar nosso orgulho e egoísmo, nossas atitudes de julgamento e nossas palavras desagradáveis sobre os outros. E agindo assim, derramamos deliberadamente nosso pecado na santidade de Deus. Eis a razão de nosso pecado, mesmo sendo pequeno aos nossos olhos, ser sempre uma abominação a Deus.

Precisamos entender que nossa busca de santidade — isto é, o anseio de ser santo como Deus é santo — não é um assunto leve e incidental. Antes, é central à vida cristã. O salmista escreveu: "Tu ordenaste os teus mandamentos, para que os cumpramos à risca" (Sl 119.4). À risca! Essa é a maneira que temos de responder à ordem de Deus, "Sede santos porque eu sou santo" (1Pe 1.16).

No entanto, a despeito da santidade de Deus — isto é, sua autoridade soberana e pureza moral — poucos cristãos atentam para a busca de santidade. De fato, parecemos bem satisfeitos com nosso caráter e conduta, principalmente se vivemos vidas decentes e evitamos os pecados escandalosos da sociedade ao nosso redor. Por esta razão, precisamos examinar atentamente a seriedade do nosso pecado ou, conforme um dos escritores puritanos tão peculiarmente colocou: "a vileza do nosso pecado". E o faremos no próximo capítulo.

PARA DISCUSSÃO EM GRUPO

1. Ao pensar na santidade de Deus, por que é necessário apreender o significado de sua majestade transcendente antes de entender sua pureza moral?
2. Você acha que os cristãos tendem a crer na declaração de Isaías de que "todas as justiças são trapo de imundícia"? Por que sim ou por que não?
3. Em vista da majestade transcendente e pureza moral infinita de Deus, por que sua ira é necessária?

CAPÍTULO TRÊS

A Vileza do Nosso Pecado

Então, disse eu: ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos!

Isaías 6.5

Geralmente, usamos as palavras *macro* e *micro* para falar de coisas muito grandes ou muito pequenas. É assim que, no caso dos computadores, temos os microprocessadores e processamos as velocidades em termos de microssegundos, que é um milionésimo de segundo. Agora, começamos a ouvir sobre velocidades medidas em termos de nanossegundos, que é um bilionésimo de segundo. Eu estou falando sobre isso apenas para dizer que em 1960, tive uma nano (significando um bilionésimo de intensidade) experiência da santidade de Deus, se comparada com a experiência de Isaías. Foi através da leitura de um pequeno trecho do livro do puritano Stephen Charnock, *A existência e os atributos de Deus.*

Recebi o livro de Charnock como presente, e, sabendo da ordem de Deus, "Sede santos porque eu sou santo", voltei-me imediatamente para o capítulo sobre a santidade de Deus. Após somente algumas páginas, de repente, me vi de joelhos diante de Deus por estar vencido pelo senso da minha própria vileza diante de Deus santo. Levantei-me e comecei a ler novamente e mais uma vez me achei de joelhos diante de Deus.

Penso nessa experiência que aconteceu há cinquenta

anos toda vez que leio Isaías 6.1–8. Se a leitura sobre a santidade de Deus, num livro escrito por um mero homem, teve tamanho impacto em mim, não posso imaginar o que Isaías sentiu ao ser levado pelo próprio Deus a vislumbrar a santidade divina. É por isso que eu digo que minha própria experiência certamente não foi mais que uma nano experiência se comparada à que Isaías experimentou.

A Resposta de Isaías

Isaías era um membro da classe superior, provavelmente da elite do povo de Israel. Sabemos que ele tinha acesso aos reis. Ele era, sem dúvida, um homem justo, no mesmo sentido que Zacarias e Isabel, os pais de João Batista, eram "justos diante de Deus, vivendo irrepreensivelmente em todos os preceitos e mandamentos do Senhor" (Lc 1.6).

Apesar disso, Isaías clamou em desespero: "Ai de mim, estou perdido! Porque sou um homem de lábios impuros" (Is 6.5). Isaías é o profeta do ai. No capítulo 5, ele pronunciou ai seis vezes. Agora, ele o pronunciou, mas referindo-se a si mesmo. A palavra *impuro* usada por Isaías é a mesma palavra que leprosos usavam quando clamavam "impuro, impuro" (Lv 13.45).

A visão de Isaías ocorreu no ano em que o Rei Uzias morreu. Uzias começou seu reinado como um bom rei (veja 2Cr 26.4–5). Mas quando se fortaleceu, pecou contra Deus ao queimar incenso no altar do templo, uma função reservada somente para os sacerdotes. Como resultado, Deus o acometeu com lepra até o dia de sua morte, fazendo-o viver isolado numa casa e excluído do templo.

Quando Isaías teve essa visão de Deus no ano da morte de Uzias, estava certo do significado religioso da lepra para o povo de Israel. Então, ao clamar: "Sou um homem de lábios

impuros", ele estava essencialmente chamando a si mesmo de leproso moral. Como seria isso? Como um homem que era presumivelmente justo perante Deus poderia chamar a si mesmo de leproso moral? Porque ele teve uma visão da santidade infinita de Deus e, por comparação, viu-se como um homem de lábios impuros. Seria esta mesma comparação que faria com que ele escrevesse posteriormente as seguintes palavras memoráveis: "Todos nós somos como o *imundo* [a mesma palavra de Is 6.5], e todas as nossas justiças, como trapo da imundícia" (Is 64.6).

Para nós, é aqui que a transformação espiritual realmente começa — quando percebemos que as nossas melhores obras são como trapos de imundícia diante de um Deus infinitamente santo.

Por que "lábios impuros"? Por que não um coração impuro? Alguns dizem que é porque ele não pôde se juntar ao serafim na sua canção de louvor a Deus, justamente porque os serafins não têm pecado, e ele é pecaminoso. Talvez seja verdade, mas eu acho que há ainda outra razão. A maioria dos comentaristas considera o capítulo 6 a chamada inicial de Isaías ao ofício profético. Seguindo esse raciocínio, podemos dizer que Isaías, nos capítulos 1–5, nos oferece a visão do ambiente pecaminoso para o qual foi chamado antes mesmo de descrever seu chamado. Note também que em Isaías 1.4 e em 5.24, as pessoas são descritas como aquelas que desprezaram o Santo de Israel ou a Palavra do Santo de Israel.

Então, a visão de Isaías sobre Deus e o chamado subsequente (veja 6.8–13) é de fato seu chamado ao ofício profético. E qual é o instrumento principal de um profeta? São os seus lábios; e Isaías precisa ficar dolorosamente ciente que não está preparado para ser um profeta. Ele poderia ser comparado a um cirurgião preparando-se para fazer uma cirurgia delicada apenas para descobrir que seus instrumentos não

estão somente sujos, estão imundos. Isaías descobriu dolorosamente a vileza de seus lábios impuros; não porque ele era uma pessoa perversa, mas porque ele viu seu pecado à luz da santidade de Deus.

O que é Pecado?

O que é pecado? Hoje, em nossa cultura, as pessoas não pecam mais; elas cometem erros. Conta-se a história de uma atleta de destaque que usou suplementos para melhorar o desempenho. De início, quando confrontada, negou até não poder mais fazê-lo. Posteriormente, numa entrevista de TV, foi-lhe perguntado: "Você mentiu, não é mesmo?", e a atleta respondeu: "Não, cometi um *erro.*"

Um político proeminente cometeu adultério com uma de suas funcionárias. Quando confrontado disse: "Cometi um grave lapso de julgamento. Eu reconheço meu *erro.*" Outra pessoa proeminente, um pai que se descreveu como "pró-escolha" no assunto de aborto disse: "Se uma de minhas filhas cometesse um *erro,* eu não iria querer que ela ficasse sobrecarregada com um bebê."

Assim, em nossa cultura, as pessoas não pecam mais, elas cometem erros. Mas o que dizer de nosso ambiente cristão? Nesse caso, o pecado não é negado. Antes, é sempre redefinido para se referir aos pecados mais flagrantes da sociedade. E sempre tendemos a ignorar nossos próprios pecados de orgulho, egoísmo, fofoca, e outros. Então, efetivamente, ninguém peca mais. E a razão é exatamente porque perdemos a visão do significado bíblico de pecado.

A palavra grega para pecado significa "perder a marca", ou um erro de cálculo, mas essa definição não é suficiente para nos mostrar hoje a seriedade de nossos pecados. De que forma, então, podemos entender como Deus vê nossos pecados?

Quatro palavras da Escritura, uma do Novo Testamento e três do Antigo Testamento, têm me ajudado a confrontar a seriedade do meu pecado, até mesmo os pecados mais sutis do coração.

Anomia (sem lei) (veja **1Jo 3.4**). João disse que pecado é anomia – isto é, uma desconsideração completa pela lei de Deus. Suponha que você, sendo um motorista, num período longo, receba duas multas por excesso de velocidade. Ninguém o consideraria uma pessoa sem lei. Porém, se você sempre recebe multas por excesso de velocidade, chegando ao ponto de perder sua habilitação e, mesmo assim, continua a dirigir e a violar as leis de limite de velocidade; então, poderia sim ser descrito como alguém sem lei, pois ao agir assim você demonstra uma desconsideração completa pelas leis de trânsito.

Provavelmente nenhum de nós se identifica com uma pessoa que consistente e deliberadamente viola as leis comuns de trânsito. No entanto, consistente e deliberadamente violamos a lei moral de Deus. Com frequência exibimos nosso orgulho e egoísmo, nossa impaciência, ira, ressentimento, e o uso pecaminoso da língua. Sempre falhamos em exibir o fruto do Espírito: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio (veja Gl 5.22–23). E nesse sentido, somos todos culpados de anomia.

Transgressão (veja **Lv 16.21** e muitas outras referências do Antigo Testamento). A palavra *transgressão* significa rebelião contra uma autoridade, neste caso a autoridade divina. É nesse ponto que este conceito é útil para a percepção da santidade de Deus expressa em sua majestade transcendente, seu governo supremo e pleno de autoridade. Afinal, quando pecamos nos rebelamos contra essa autoridade. Portanto, o pecado é uma rebelião voluntária contra a autoridade

suprema do universo, um desprezo deliberado à lei moral divina.

Desprezo (veja **2Sm 12.9–10**). Desprezo é a palavra usada pelo profeta Natã quando ele confrontou o rei Davi por ocasião do seu adultério com Bate-Seba e, consequentemente, pela decisão de mandar matar o marido dela, Urias. Ao agir dessa forma, é claro que Davi desprezou a lei de Deus, e, deliberadamente, quebrou os mandamentos que proibiam o adultério e o assassinato.

E para piorar a situação, Deus, falando através de Natã, o profeta, disse: "Me desprezaste" (2Sm 12.10). Portanto, desprezar a lei de Deus é desprezar o próprio Deus, já que sua lei não somente expressa sua vontade, mas também reflete seu caráter moral. Desprezar a lei de Deus é efetivamente dizer: "Não me importo com o que o Senhor diz. Farei o que me agradar. Farei fofoca ou caluniarei alguém a despeito do fato do Senhor ensinar que eu não posso 'falar mal de ninguém' (Tt 3.2)". E mais do que isso, é também dizer: "Deus, em minha vileza contínua, não quero ser como o Senhor." É claro que não dizemos isso conscientemente a Deus, mas há um ditado que reflete exatamente essa realidade: nossas ações falam mais alto do que nossas palavras.

Desafio (veja **Nm 15.30**). Esta passagem fala da pessoa que faz qualquer coisa com "o punho cerrado". Cerrar o punho é uma expressão de desafio — uma rebelião voluntária, um desafio deliberado à autoridade (nesse caso, um desafio deliberado à autoridade divina). Talvez essa seja uma declaração exagerada porque não nos vemos deliberadamente desafiando a Deus, mas, de fato, é isso o que fazemos através do nosso pecado.

Estas quatro palavras — anomia, rebelião, desprezo e desafio — se sobrepõem, quando em conjunto, ou de forma cumulativa, e nos ajudam a entender a seriedade do nosso

pecado, até mesmo os pecados mais sutis ou "respeitáveis" que tão facilmente toleramos em nossas vidas. Podemos não ser culpados dos graves pecados da sociedade ao nosso redor, como Isaías não foi. Mesmo assim, quando ele foi confrontado com a santidade infinita de Deus, ele se declarou moralmente impuro — um leproso moral — e certamente não somos melhores do que Isaías.

A Natureza do Pecado

Pecado é mais do que ações erradas, palavras rudes, ou maus pensamentos que nunca expressamos. Pecado é um princípio pervertido ou uma força moral em nossos corações, no nosso íntimo. O estudioso do Antigo Testamento, Alec Motyer, disse o seguinte sobre pecado: "É a realidade interior da natureza depravada" ou "a perversidade da natureza humana, o resultado da queda e a sempre produtiva fonte de pecado".[1] Davi se referiu à natureza pecaminosa quando disse: "Sei que sou pecador desde que nasci, sim, desde que me concebeu minha mãe" (Sl 51.5, NVI). Antes mesmo de nascer, Davi era pecador por causa da natureza pecaminosa que herdou de Adão. E o mesmo acontece com todos nós. E foi exatamente isso o que Paulo chamou de "carne" (NVI: "natureza pecaminosa") em Gálatas 5.17.

O autor de Hebreus escreveu sobre o "pecado que nos envolve" (12.1, NVI). Na versão Revista e Atualizada encontramos "pecado que tenazmente nos assedia". Como resultado, muitos usam os "pecados que assediam" como desculpa para suas falhas, pois dizem que são particularmente vulneráveis a esses pecados. Certamente temos pecados persistentes e lutamos contra eles (como ira, fofoca ou lascívia), mas parece que o escritor de Hebreus não tinha essa ideia de pecado em mente quando escreveu esse texto. Antes, parece ser o que o estudioso do Novo Testamento, F. F. Bruce. afirma:

"Nosso autor não está se referindo a um pecado específico, mas ao pecado em si mesmo".[2]

O que eu quero que vejamos, no entanto, é que o autor escreveu sobre o pecado que *nos envolve*. O pecado se agarra a nós do mesmo modo que um plástico se adere ao vidro. Não é certo pensarmos que podemos viver ilesos de pecado, e que somente ocasionalmente ele nos alcança e nos agarra – não, o pecado se agarra a nós o tempo todo. Ainda que ganhemos um coração renovado (veja Ez 36.26–27), a natureza pecaminosa reside em nós e mancha cada aspecto de nosso ser.

Por certo, como cristãos, sempre procuramos viver, com mais ou menos intensidade, uma vida de obediência. Porém, podemos perder de vista o fato de que ainda somos pecadores praticantes e que precisamos desesperadamente da misericórdia de Deus a cada dia. A verdade é que nossas melhores obras são manchadas com motivos impuros (isto é, misturados) e desempenhos imperfeitos. Nunca conseguimos amar a Deus de todo o nosso coração e a nosso próximo como a nós mesmos. Conforme diz Agostinho: "Nossas melhores obras são apenas vícios esplêndidos no sentido de que são menos do que a perfeição exigida por Deus".

Por quê?

Por que enfatizar a seriedade do pecado? Por duas razões. Primeira, a maioria dos cristãos não leva seu próprio pecado a sério. A autoestima, o movimento "sinta-se bem consigo mesmo" tem infectado nossas igrejas ao ponto de não nos considerarmos mais pecadores. Há uma expressão popular que diz: "Não somos mais pecadores. Somos santos que pecam." Essa afirmação pode ser verdade se levarmos em conta nossa posição básica em Cristo. Fomos, de fato, libertados do domínio do pecado, mas ainda somos pecadores em pensamento, em palavra e em ação. Geralmente não

levamos nosso pecado a sério porque nos comparamos com os outros, maximizando os pecados deles e minimizando os nossos. Facilmente nos consideramos melhores do que a maioria das pessoas. Sendo assim, é preciso que deixemos as comparações de lado e nos coloquemos debaixo da luz da santidade infinita de Deus.

Este é um livro sobre ser transformado à imagem de Jesus. É um livro sobre ser santo como Deus é santo. É um livro sobre crescimento espiritual, se preferirmos chamá-lo assim. Mas há uma verdade que precisa ser enfatizada: não cresceremos a menos que reconheçamos que falta muito para sermos santos, e veremos a falta da nossa santidade quando olharmos para a santidade de Deus ao invés de olharmos para a falta de santidade de nosso próximo. Diante disso, é necessário que confrontemos a vileza do nosso próprio pecado. Que deixemos de considerá-los como meros "erros"; passando a vê-los como atos de anomia, de rebelião, de desprezo a Deus e a sua lei. (E aqui, enquanto escrevo isto, preciso parar e confessar a Deus a vileza do meu próprio pecado).

A segunda razão que me leva a insistir na seriedade do pecado é para que percebamos a necessidade do evangelho ao ponto de abraçá-lo todo dia. É contra o fundo escuro de nossos pecados que a beleza do evangelho resplandece com tanto brilho. É somente a consciência e a convicção pessoal de seu próprio pecado que leva a pessoa a entender e a abraçar o evangelho. O teólogo escocês do século 19, James Buchanan, escreveu:

> O estudo [do evangelho] não exige grande habilidade intelectual nem muita aprendizagem erudita, mas sim a consciência impressa do senso de nossa real condição como pecadores diante de Deus. Então, a convicção profunda de pecado é o único requisito necessário nessa questão, ou seja, é preciso encarar o pecado como uma realidade terrível em nossa experiência pessoal, e o seu poder como um mal

> inveterado que adere-se a nós continuamente, e tem suas raízes nos lugares mais recônditos do nosso coração.[3]

Você pode perguntar: Que relação tem o evangelho com a nossa transformação espiritual? Transformação espiritual não é apenas uma questão de crescimento na obediência à Palavra de Deus? Na realidade, o evangelho se relaciona sim, e muito, com a nossa transformação espiritual.

Primeiro, o evangelho nos guarda do desânimo à medida que percebemos quão continuamente passamos longe da obediência. Afinal, quando seriamente buscamos a santidade, descobrimos pecados que não sabíamos que existiam. Além do mais, se não cremos que nossos pecados estão perdoados pela morte de Cristo, podemos facilmente nos desesperar por entender que não nos tornaremos mais santos.

Segundo, o evangelho nos guarda da nossa própria justiça, afinal, ele é somente para pecadores. Então, abraçar o evangelho todo dia nos força a reconhecer que ainda somos pecadores que precisam da misericórdia de Deus. Também nos guarda de cair num relacionamento com Deus baseado em desempenho, mesmo porque, sabemos que nosso desempenho nunca é bom o bastante.

Terceiro, como veremos no capítulo 6, o evangelho é o grande motivador para a busca da transformação espiritual. Não desenvolverei este ponto agora porque o farei extensivamente mais adiante.

Arrependimento

Ao enfatizarmos a malignidade do nosso pecado precisamos considerar o lugar do arrependimento na vida do crente. Corretamente ressaltamos a importância do arrependimento por ocasião da vinda de uma pessoa a Cristo. E as pessoas realmente precisam abandonar qualquer coisa que as mante-

nha distantes de confiar somente em Cristo para a salvação. Essas coisas podem abranger pecados particulares dos quais elas tenham que se livrar. Frequentemente isso abrange a dependência que as pessoas têm de suas próprias boas obras, e a ideia errônea de que essas obras podem levá-las ao céu.

Entretanto, na nossa ida a Cristo, o arrependimento não deve acontecer uma única vez, mas sim ser um ato contínuo, baseado numa crescente convicção de pecado. Este tipo de arrependimento é antes de tudo, uma atitude. E deve ser marcado por contrição e percepção profundas de que nosso pecado, apesar de afetar outras pessoas, é realmente contra Deus. Foi essa a atitude de Davi, que em sua própria oração de arrependimento disse: "Pequei contra ti, contra ti somente, e fiz o que é mau perante os teus olhos..." (Sl 51.4).

O cristão continuamente arrependido será pobre de espírito e se lamentará pelo seu pecado, pois terá consciência de que foi um ato contra um Deus infinitamente santo (veja Mt 5.3–4). Ele encontrará consolo na promessa de que Deus não desprezará o coração quebrantado e contrito (veja Sl 51.17). Atualmente ouvimos muito sobre o quebrantamento das pessoas, mas precisamos distinguir entre quebrantamento moral e quebrantamento circunstancial. O quebrantamento moral ocorre como resultado de convicção profunda do pecado, como Davi demonstrou em sua oração penitencial no Salmo 51.

O quebrantamento circunstancial frequentemente ocorre como resultado do pecado de outra pessoa (ou pessoas) contra nós. Também pode ser o resultado de uma situação familiar disfuncional ou abuso físico ou sexual na infância, ou, caso a pessoa seja adulta, ações devastadoras de alguém contra ela. Podem ser circunstâncias além do controle, como uma grande reviravolta financeira ou a morte de um ente querido. Na realidade, minha percepção da cultura cristã presente é

que a maioria das pessoas, ao falar de seu quebrantamento, tem o quebrantamento circunstancial em mente. Poucos parecem experimentar o quebrantamento moral. É certo que a convicção de pecado ocorre uma vez ou outra, mas dificilmente ocorre a pobreza profunda de espírito e o lamento sobre o pecado referidos por Jesus em Mateus 5.3–4 e por Davi no Salmo 51.

Não quero diminuir a seriedade do quebrantamento circunstancial e a dor profunda que ele pode causar. Também percebo que o quebrantamento circunstancial é um dos grandes instrumentos que o Espírito Santo tem para nos transformar à imagem de Cristo (veja capítulo 12). Mas neste capítulo o foco está sobre o nosso próprio pecado — nosso próprio quebrantamento moral, e não nos pecados de outras pessoas contra nós.

Assim, o arrependimento começa com a atitude de quebrantamento diante do nosso pecado. Porém, o verdadeiro arrependimento será seguido pelo desejo fervoroso e pelo esforço sincero de abandonar o pecado do qual nos arrependemos — dessa forma, vestimos as virtudes de Cristo que vemos faltar em nossas vidas. Estes esforços frequentemente parecem ser caracterizados tanto por falhas quanto por sucesso. Contudo, as frequentes falhas devem nos levar de volta a um coração quebrantado e contrito, que lamenta o pecado. Quebrantamento, contrição, arrependimento são marcas de um cristão em crescimento, uma pessoa que está experimentando a obra do Espírito e sendo transformada gradualmente à imagem do Filho de Deus.

Pode parecer que estou insistindo muito no assunto da malignidade de nosso pecado, mas estou convencido de que não cheguei nem perto de pintar o quadro e deixá-lo tão escuro se comparado à visão que o nosso Deus infinitamente santo tem dele. Além do mais, não veremos a necessidade contínua

do evangelho se não reconhecermos nossa pecaminosidade contínua. Creio que jamais apreciaremos verdadeiramente o evangelho enquanto não o desejarmos desesperadamente. Porém, as boas-novas do evangelho consistem em que Cristo morreu para pagar a penalidade dos nossos pecados. Todos eles. Os pecados "grandes" e os "pequenos", os pecados dos quais somos dolorosamente conscientes, e dos quais não estamos sequer cientes. Conforme Horatio Spafford disse tão bem em seu maravilhoso hino *Sou feliz*, "Meu triste pecado, por meu Salvador, foi pago de um modo cabal; valeu-me o Senhor. Oh! Mercê sem igual! Sou feliz, graças dou a Jesus!". Esse sim é o evangelho, querido amigo, e para esse evangelho nos voltaremos no próximo capítulo.

PARA DISCUSSÃO EM GRUPO

1. Você já passou por uma "nano experiência" da santidade de Deus? Se sim, descreva-a. Se não, como você pode buscá-la?
2. Como a percepção da nossa vileza muda quando a vemos à luz da santidade de Deus ao invés de nos compararmos com os outros?
3. O que significa "Jamais vamos apreciar verdadeiramente o evangelho enquanto não o desejarmos desesperadamente"? Você concorda? Por que sim ou por que não?

CAPÍTULO QUATRO

A Grande Permuta

Então, um dos serafins voou para mim, trazendo na mão uma brasa viva, que tirara do altar com uma tenaz; com a brasa tocou a minha boca e disse: Eis que ela tocou os teus lábios; a tua iniquidade foi tirada, e perdoado, o teu pecado.

Isaías 6.6–7

No capítulo anterior encontramos Isaías totalmente desfeito, vendo-se como um leproso moral na presença de um Deus infinitamente santo. Se deixássemos Isaías lá, não haveria nenhuma esperança para ele nem para nós. Mas Deus não deixou Isaías em sua condição desesperadora. Antes, lhe enviou um dos serafins para proclamar o evangelho dizendo: "a tua iniquidade foi tirada, e perdoado, o teu pecado" (6.7).

O Evangelho para Isaías

Deus não disse a Isaías: "Sinto muito por você se sentir tão mal sobre si mesmo. Você é realmente uma boa pessoa". Pelo contrário, ele falou da condição real de Isaías: sua culpa e seu pecado. As boas-novas do evangelho não se amparam na visão modesta que temos de nós mesmos ao afirmarmos que não somos tão maus; as boas-novas se relacionam com o fato de Deus, através de Cristo, lidar com nossa maldade. Como ele faz isso? Como Deus pôde dizer a Isaías que sua culpa tinha sido tirada? Será que Deus pode apenas varrer o pecado de Isaías (e o nosso) para debaixo de algum tapete cósmico?

Não, a justiça de Deus precisa ser satisfeita. O menor pecado aos nossos olhos é rebelião contra a autoridade soberana de Deus e deve ser justamente punido. Deus não pode, em vista da perfeição infinita de todos os seus atributos, exaltar um em detrimento de outro. Sendo assim, ele não pode exaltar sua misericórdia em detrimento de sua justiça; a justiça tem de ser satisfeita.

Então, como Deus perdoou o pecado de Isaías? É simples, ele perdoou Isaías e também nos perdoa através da morte de Jesus Cristo, que ocorreria, conforme estimamos o tempo, cerca de setecentos anos depois, mas por causa da atemporalidade eterna de Deus, podemos dizer que a morte de Cristo aconteceu antes da fundação do mundo. A Bíblia é bem clara ao dizer que "...sem derramamento de sangue, não há remissão" (Hb 9.22). E João escreveu em Apocalipse 1.5: "...Àquele que nos ama, e, pelo seu sangue, nos libertou dos nossos pecados". Assim, a culpa de Isaías foi tirada e seu pecado perdoado porque Jesus morreu e derramou seu sangue, tanto por Isaías como por você e por mim. Portanto, a justiça e a misericórdia de Deus se encontraram na cruz e foram devidamente magnificadas.

O texto bíblico nos informa que os serafins tocaram a boca de Isaías com a brasa viva do altar. Os lábios impuros do profeta fizeram com que ele tivesse ciência de seu pecado, então, os seus lábios foram limpos com a brasa viva. É certo que o evangelho trata de todos os nossos pecados, mas há momentos em que nos tornamos dolorosamente cientes de algum pecado específico, então, precisamos ouvir as palavras de Colossenses 2.13, "Ele nos perdoou todas as transgressões" (NVI), que são justamente endereçadas àquele pecado específico.

Perdão e Justiça

Contudo, tão importante quanto o perdão de nossos pecados — e, creia-me, é muito importante — há mais no evangelho do que perdão. Há também a justiça de Cristo, que é imputada a todos os que confiam nele, e a essa justiça são adicionadas todas as bênçãos que fluem do evangelho. E aqui devo dizer que uso a palavra *evangelho*, que significa "boas-novas", como uma expressão que resume tudo o que Cristo realizou por nós na sua vida sem pecado e na sua morte na cruz. Assim, neste ponto, me deterei no evangelho, e não há nenhuma Escritura que melhor nos ajude do que 2 Coríntios 5.21: "Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus".

O falecido comentarista do Novo Testamento Philip Hughes escreveu o seguinte a respeito deste versículo: "Não há nenhuma sentença mais profunda em toda a Escritura; pois este versículo abrange todo terreno da reconciliação do pecador com Deus."[1] E o teólogo do século 19, Charles Hodge, escreveu: "Provavelmente não há nenhuma passagem nas Escrituras na qual a doutrina da justificação seja mais concisa ou claramente afirmada".[2]

Particularmente, 2 Coríntios 5.21 é meu versículo favorito. Se na velhice minha memória começar a falhar, rogo que eu possa pelo menos me lembrar deste versículo.

Nossa Condição

Ao olharmos esse versículo, vemos três pronomes: *nós* (referindo-se a nós), *ele* (isto é, Deus, o Pai), *nele* (isto é, Cristo Jesus). Por amor a nós, Deus fez algo com seu Filho. Qual é a condição daqueles por quem Deus fez algo? Em Romanos 5.6–10, Paulo nos descreveu como fracos (ou que não se pode ajudar), ímpios, pecadores e inimigos de Deus. Embora Adão

tenha sido criado à imagem de Deus, pela sua rebelião no jardim, a imagem foi seriamente desfigurada e a raça humana inteira se tornou inimiga de Deus, objeto de sua ira (veja Ef 2.3).

Qual é a solução? Paulo continuou em Efésios 2.4–6:

> Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou, e estando nós mortos em nossos delitos e pecados, nos deu vida juntamente com Cristo, pela graça sois salvos, e, juntamente com ele, nos ressuscitou, e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus.

Observe as palavras que Paulo usou: *rico em misericórdia, grande amor, graça.* Deus, em seu grande amor expresso em misericórdia e graça, providenciou a solução ao enviar seu próprio Filho para viver e morrer em nosso lugar. Conforme João 3.16 diz: "Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu filho unigênito". O "mundo" nesta sentença representa a soma total da humanidade que vive num estado de rebelião contra Deus. É certo que Deus não encontrou nada em nós que o agradasse. Ele simplesmente agiu por seu próprio amor e misericórdia autogerados para com seres pecaminosos e rebeldes.

Pedro disse em 2 Pedro 2.4 que Deus não poupou anjos quando eles pecaram, mas os lançou no inferno para aguardarem o julgamento final. Ora, Deus poderia ter feito o mesmo com a raça humana e mesmo assim ter sido perfeitamente justo. Ele também poderia ter permitido que cada um de nós nascesse, vivesse uma existência miserável num mundo amaldiçoado pelo pecado, morresse e fosse lançado no inferno. Porém, Deus, pelo seu próprio amor e misericórdia, fez algo por nós. Por amor a nós ele fez algo com seu Filho.

A Impecabilidade de Cristo

Antes que vejamos o que Deus fez ao seu Filho, veremos o que Paulo disse sobre ele: "[Ele] não conheceu pecado". Jesus não nasceu com uma natureza pecaminosa como nós. Ele não tinha nenhuma guerrilha interna entre a carne e o Espírito como nós temos. Ele não tinha segundas intenções ou motivos egoístas. Ele nunca lutou com tentação interior. Ele jamais conheceu pecado.

O escritor de Hebreus disse que Jesus foi tentado em todas as coisas, mas sem pecado (veja 4.15). Ele não tinha batalha interior, mas foi confrontado com todo tipo de tentação externa. Jesus não cresceu num ambiente moralmente estéril. Ele teve quatro meios-irmãos e várias irmãs (veja Mt 13.55–56). Embora todos fossem provavelmente crianças judias bem-ensinadas, todos tinham natureza pecaminosa como nós temos. Houve, sem dúvida, frequentes tentações externas uma vez que Jesus interagiu com seus irmãos e irmãs, mas ele nunca pecou. Como adolescente e adulto jovem, ele, sem dúvida, foi confrontado com muitas tentações peculiares à idade, mas nunca cedeu a elas. No início do seu ministério público, com cerca de trinta anos de idade, Jesus foi severamente tentado pelo Diabo (veja Mt 4.1–11), mas resistiu com sucesso. Em todos os aspectos ele foi sem pecado.

O apóstolo Pedro testificou que face à injúria e ao sofrimento, "ele não cometeu pecado" (1Pe 2.22–23). O apóstolo João escreveu que "nele não existe pecado" (1Jo 3.5). Assim, vemos que os quatro maiores escritores das epístolas do Novo Testamento – Paulo, Pedro, João e o escritor de Hebreus – todos testificam da impecabilidade de Jesus.

Todavia, um testemunho ainda maior vem da boca do próprio Jesus. João 8.12–59 narra um diálogo crescentemente hostil entre Jesus e um grupo de judeus. Num certo ponto,

Jesus disse: "Vós sois do Diabo, que é vosso pai" (v. 44), e no final do confronto, os judeus pegaram em pedras para atirar em Jesus (v. 59). No decorrer do diálogo hostil, Jesus disse de si mesmo: "Eu faço sempre o que lhe [o Pai] agrada" (v. 29). E depois de lhes dizer: "Vós sois do Diabo, que é vosso Pai", ele ousou lhes perguntar: "Quem dentre vós me convence de pecado?" (v. 46). Ele ousou fazer a pergunta porque conhecia a resposta. Ele não tinha pecado. Durante sua vida inteira Jesus obedeceu perfeita e completamente toda a lei de Deus. E afirmo isso usando suas próprias palavras em Mateus 5.18, ele obedeceu cada i e til (ou conforme algumas traduções, cada jota ou til) da lei.

Por que esta ênfase na impecabilidade de Jesus? Há duas razões. Primeiro, ele tinha de ser impecável para morrer por nós. Ele tinha de ser moralmente sem mancha ou nódoa (veja Hb 9.14; 1Pe 1.19). Segundo, conforme veremos em 2 Coríntios 5.21, ele tinha de compilar um registro de justiça perfeita que pudesse ser transferida a nós. Mas, por ora, a próxima pergunta é o que Deus Pai fez com seu Filho impecável?

Deus o Fez Pecado

A resposta é chocante. Ele o fez pecado. Esta expressão aparentemente estranha de Paulo é sua maneira de dizer que Jesus foi a própria incorporação do pecado. Ele foi feito tudo o que é abominável e odioso ao Pai — tudo o que é objeto de sua ira santa e justa. Como nosso substituto, Jesus assumiu toda a nossa rebelião, toda a nossa falta de lei, todo o nosso desprezo a Deus e a sua lei, todos os nossos pecados, "grandes" e "pequenos", até os pecados dos quais não somos cientes por causa dos "pontos cegos" morais que tantos de nós temos. Sim, Jesus foi feito tudo isso. Por nós, ele foi feito pecado.

Pedro expressou isso de um modo diferente. Ele disse: "carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro [isto é, a cruz], os nossos pecados" (1Pe 2.24). Então, o que aconteceu quando Deus fez Jesus ser pecado, ou carregar nosso pecado? Deus derramou sua ira justa e santa sobre seu próprio Filho, como se ele fosse a própria incorporação do pecado. A descrição mais vívida da ação de Deus está em Isaías 53. Considere essas frases que extraí deste belo capítulo:

- Ele foi *ferido* por Deus (v. 4).
- Ele foi *traspassado* pelas nossas transgressões (v. 5).
- Ele foi *moído* pelas nossas iniquidades (v. 5).
- Ele foi *ferido* por nossas transgressões (v. 8).
- Foi da vontade do Senhor *moê*-lo (v. 10).

Observe as palavras em itálico. Elas descrevem não apenas a agonia física que Jesus sofreu, que foi horrível, além da imaginação, mas também, e mais importante, a agonia espiritual que ele suportou enquanto bebia do cálice da ira de Deus. E tenha em mente que foi por nós que Deus o fez suportar essa agonia.

A justiça de Deus

O restante de 2 Coríntios 5.21 diz: "para que nele fôssemos feitos justiça de Deus". Novamente temos outra sentença difícil de entender, mas será mais fácil se respondermos a três perguntas:

1. O que é justiça de Deus neste versículo?
2. Como nos tornamos a justiça de Deus?
3. Qual é o significado de "nele"?

Primeiro, o que é a justiça de Deus a que Paulo se refere? Creio que a resposta mais clara se encontra em Filipenses 3.9,

no testemunho de Paulo de como ele se voltou decididamente de uma justiça própria através da obediência à lei de Deus para a justiça de Deus que depende da fé. Nas epístolas de Paulo, Cristo Jesus é sempre o objeto de fé, então a justiça que vem de Deus pode ser somente a justiça do próprio Cristo vivida nos seus trinta e três anos de existência terrena. Assim, com efeito, Paulo estava dizendo: "e ser achado nele, não tendo justiça própria, que procede de lei, senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé".

Como então nos tornamos justiça de Deus? A resposta é simples, quando, pela fé, confiamos em Jesus, Deus credita sua obediência perfeita ou sua justiça perfeita a nós. Podemos ver agora a segunda necessidade para a impecabilidade de Cristo, ou declará-la na linguagem de 2 Coríntios 5.21, sua justiça. Assim como Deus fez Cristo pecado e cobrou dele a culpa do nosso pecado, do mesmo modo ele credita a justiça de Cristo àqueles que têm fé nele. É por isso que 2 Coríntios 5.21 é a Grande Permuta. Ou seja, Deus troca nosso pecado pela justiça de Cristo.

União com Cristo

Essa verdade nos traz à terceira pergunta: Qual o significado de "nele"? A expressão — "nele", ou "em Cristo", ou "no Senhor" — junto com uma expressão semelhante — "com Cristo", ou "com ele" — ocorre mais de 150 vezes nas epístolas de Paulo. Ao usar estas expressões Paulo fala sobre a união com Cristo. Há basicamente dois aspectos desta união. O primeiro é a nossa união representativa, na qual Cristo agiu como nosso representante tanto na sua vida impecável quanto na sua morte carregando o pecado. O segundo é o que podemos chamar de união viva, na qual Cristo vive em nós pelo Espírito Santo e nos dá poder para viver a vida cristã.

Porém, é a união representativa com Cristo que está em

vista no uso que Paulo faz de "nele" em 2 Coríntios 5.21. Para entender a expressão "união representativa", precisamos ir para Romanos 5.12–21, onde Paulo nos ensinou que Adão foi apontado por Deus para representar a raça humana. Em certo sentido, estávamos todos "em Adão", assim como estamos "em Cristo". Portanto, quando Adão pecou, todos nós pecamos, a culpa e as consequências do pecado caíram sobre toda a humanidade. Sendo assim, todos nós nascemos espiritualmente mortos, sujeitos ao domínio de Satanás, e por natureza somos filhos da ira de Deus (veja Ef 2.1–3).

Contudo, Paulo faz uma analogia e por contraste nos ensina que assim como Adão foi o cabeça representante de toda a humanidade, do mesmo modo Cristo é o cabeça representante de todos que confiam nele como Salvador. Então, assim como devemos dizer: "Quando Adão pecou, eu pequei", podemos também dizer: "Quando Cristo morreu na cruz, eu também morri na cruz". De fato, isto é o que Paulo essencialmente disse quando escreveu: "Estou crucificado com Cristo" (Gl 2.20). Além disso, podemos também dizer: "Quando Cristo viveu uma vida perfeita, impecável, eu também vivi uma vida perfeita, impecável". Percebam que esta última declaração é de tirar o fôlego, mas são exatamente essas as palavras de Paulo: "Para que nele fôssemos feitos justiça de Deus".

A união representativa com Cristo é a chave para entender o evangelho. De fato, é mais do que isso, é o que torna a vida e a morte de Cristo eficaz para nós. Se Cristo não nos representou legalmente, tudo o que ele fez não seria válido para nós.

A união viva é melhor representada pela metáfora da videira e os ramos que Jesus usou em João 15.1–6. Assim como os ramos recebem vida e nutrição da videira, nós recebemos vida espiritual e nutrição de Cristo através dessa união viva.

Falaremos mais dessa união no capítulo 8. Enquanto isso, tenhamos em mente que a união representativa e a união viva são apenas duas expressões de união. Numa expressão somos justos perante Deus. Já na outra, experimentamos a vida e o poder de Cristo em nossa vida diária.

Justificação

O resultado da Grande Permuta de Deus em cobrar o pecado de Cristo e creditar a sua justiça a nós é a justificação. Justificação é o ato judicial de Deus pelo qual ele nos declara justos, sendo assim, temos uma nova posição diante dele. Obviamente não somos justos em nossa experiência diária, assim como Cristo não foi pecaminoso em sua experiência diária. Porém, quando pela fé confiamos em Cristo, Deus nos considera justos porque ele nos credita a justiça de Cristo.

Há uma rima antiga com a palavra *justificado*, que diz "como se eu nunca tivesse pecado". Essa rima fala do perdão dos nossos pecados. Quando Deus cobra nossos pecados de Cristo, eles deixam de ser nossos. Deus os removeu de nós, tornando-os tão distantes quanto o ocidente é do oriente. (veja Sl 103.12). Ele não se lembra mais deles (Hb 8.12). A penalidade foi paga. A justiça de Deus foi satisfeita. Sua ira judicial foi totalmente esgotada em seu Filho. Verdadeiramente nos colocamos diante dele como se nunca tivéssemos pecado!

Mas há outra rima com a palavra *justificação* que diz algo semelhante a: "como se eu tivesse sempre obedecido". Essa também é uma verdade gloriosa que é baseada na obediência perfeita de Cristo – a obediência que, como já vimos, foi vivida por trinta e três anos num mundo real.

No capítulo 2, vimos que a santidade de Deus inclui sua pureza moral infinita. Considere isto: Em sua humanidade, Jesus foi tão santo quanto Deus assentado em seu trono. Não

havia nenhuma diferença. E o que Jesus foi em sua vida, nós somos em nossa posição perante Deus, porque Jesus foi nosso representante tanto na sua vida quanto na sua morte. Assim, no tocante à nossa posição perante Deus, uma vez que Jesus viveu uma vida perfeita, *nós* vivemos uma vida perfeita. Quando ele morreu na cruz, *nós* morremos na cruz. Tudo o que Jesus fez, tanto em sua vida impecável quanto na morte, carregando o pecado, ele o fez como nosso representante e substituto.

Portanto, o apóstolo Paulo pôde escrever: "Como, pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também, por meio da obediência de um só, muitos se tornarão justos" (Rm 5.19). Obviamente, baseado no ensino geral do Novo Testamento, os "muitos" naquelas duas comparações não são iguais em extensão. O primeiro "muitos" que se tornaram pecadores é uma referência à raça humana (exceto, é claro, Jesus). O segundo "muitos" é uma referência a todos que são unidos a Cristo pela fé. Paulo não está ensinando a salvação universal de toda a humanidade.

Assim, por causa da Grande Permuta de Deus, todos que confiam em Cristo como Salvador estão diante de Deus "como se nunca tivessem pecado" e "como se tivessem sempre obedecido". Certa vez, após eu ter falado sobre a Grande Permuta, um homem me disse: "Eu ainda não entendo a diferença". Ele já me dissera que era um empreiteiro autônomo, então lhe disse: "Suponha que você, após trabalhar numa atividade o dia todo, volte para casa suado e com suas roupas sujas. O que você precisa fazer antes de se sentar para o jantar"?

Ele replicou: "Preciso tomar um banho e vestir roupas limpas".

"Que tal apenas vestir roupas limpas sem tomar banho"?

"Não, eu nunca faria isso", ele replicou.

"Então, que tal tomar banho e vestir suas roupas sujas do trabalho novamente"?

"Não, eu também não faria isso".

"Então você precisa tanto tomar banho quanto vestir roupas limpas"?

"Sim", ele replicou, "isso é o que preciso fazer".

Eu disse: "Isso é o que Deus faz a você. Ele o lava no sangue de seu Filho e o veste com sua justiça perfeita". Ele sorriu e disse: "Entendi".

A pergunta é — será que todos nós entendemos? Cremos realmente que a cada dia nossa posição diante de Deus é baseada inteiramente, como diz o velho hino, "no sangue e na justiça de Jesus"? Nosso curso natural é em direção a um relacionamento com Deus baseado em desempenho. Assim, se meu conceito de pecado consiste somente dos pecados mais flagrantes da sociedade, aqueles pelos quais não sou culpado, é claro que vou me inclinar em direção a uma justiça própria confiante, simbolizada pelo fariseu que orou no templo: "Deus, agradeço-te porque não sou como os demais homens" (Lc 18.11). Por outro lado, aqueles que têm uma consciência sensível e são capazes de ver os seus próprios pecados "respeitáveis" viverão frequentemente sob um senso contínuo do desagrado de Deus.

Qual é a solução para um relacionamento com Deus baseado em desempenho que se inclina em direção ou à justiça própria ou a um senso contínuo de culpa? É um viver diário na realidade da Grande Permuta. É diariamente crer que mesmo que meus pecados sejam vis aos meus olhos, Deus disse: "ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve" (Is 1.18). É crer que em cada momento que eu falhei em obedecer, Jesus já obedeceu

no meu lugar (veja Fp 3.9). Resumindo, é diariamente abraçar o evangelho, olhando para fora de mim mesmo, para Jesus, seu sangue derramado e sua justiça. E veremos com o que isso se parece no próximo capítulo.

PARA DISCUSSÃO EM GRUPO

1. O que significa "Deus não pode exaltar sua misericórdia em detrimento de sua justiça; a justiça deve ser satisfeita". Você concorda? Por que sim ou por que não?
2. Exatamente o que é trocado na "Grande Permuta"? O que é exigido de nós a fim de participarmos dessa troca?
3. Se pela fé autêntica estamos "em Cristo" e Jesus é verdadeiramente nosso representante, como Deus nos vê deste ponto em diante? E quanto ao pecado que certamente cometeremos na próxima semana?

CAPÍTULO CINCO

Abraçando o Evangelho Diariamente

Nós, judeus por natureza e não pecadores dentre os gentios, sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, e sim mediante a fé em Cristo Jesus, também temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois, por obras da lei, ninguém será justificado.

Gálatas 2.15–16

Conforme vemos no texto acima, o apóstolo Paulo foi muito enfático ao afirmar que uma pessoa não é justificada por obras da lei, mas pela fé em Jesus Cristo. Ele foi tão enfático que chegou a ser redundante ao dizer a mesma coisa três vezes em uma única sentença. Por que Paulo estava tão preocupado? Porque os crentes da Galácia estavam em perigo de acrescentar a circuncisão e o cumprimento da lei à fé em Jesus Cristo para sua salvação.

Assim, Paulo continuou a combater este falso ensino. De fato, apenas quatro parágrafos depois ele escreveu: Todos quantos, pois, são das obras da lei estão debaixo de maldição; porque está escrito: 'Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas escritas no Livro de Lei, para praticá-las' (Gl 3.10). Efetivamente, Paulo estava dizendo: "Então você quer ser salvo por guardar a lei, não é? Deixe-me dizer-lhe com o que isso se parece. Significa obediência perfeita a *todas* as coisas da lei de Deus". Observe a palavra *todas*. Esta palavra significa *sem exceção*. Usando uma analogia acadêmica,

seria o mesmo que tirar 99 no seu exame final e mesmo assim ser reprovado no curso. Pois nada menos do que 100% correto é aceito para ser aprovado.

E o que é a lei de Deus? É toda a vontade moral de Deus através da Escritura, tanto do Velho quanto do Novo Testamento. Mas em Mateus 22.37–40 Jesus a resumiu quando disse:

> Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento.
>
> Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas.

A realidade é que ninguém (exceto Cristo) jamais chegou perto de obedecer qualquer um destes mandamentos. Ninguém jamais amou a Deus com todo o seu ser. Ninguém jamais amou seu próximo como a si mesmo. Então, onde isso deixaria os crentes da Galácia que estavam em perigo de acrescentar o cumprimento da lei à fé em Cristo? A persistência nesse erro caracterizaria deixá-los sob a maldição de Deus. Na verdade, o cumprimento da lei não seria parcialmente um meio de salvação, antes os deixaria sob uma maldição.

Esta é a razão de Paulo enfatizar tanto que a justificação é inteiramente pela fé em Cristo somente. A dependência do cumprimento da lei por parte de alguém e a fé em Cristo são mutuamente exclusivas. De fato, a fé envolve uma renúncia total da dependência das boas obras de alguém e, vai muito além, pois exige uma dependência total de Jesus Cristo e de sua justiça.

E sobre nós?

Agora, é provável que a maioria dos leitores deste livro

entenda e concorde de modo geral (se não em cada detalhe) com o que escrevi até aqui. E de fato, você pode estar pensando: *Qual é a grande coisa? Isso é elementar, isso é "Evangelho nota 10", mas qual a relevância para mim? Estou dependendo de Cristo somente para minha salvação. Eu não corro o perigo de adicionar o cumprimento da lei ou mesmo as boas obras à fé em Cristo como aconteceu com os crentes da Galácia.*

A relevância da advertência de Paulo aos cristãos da Galácia é esta. Todos nós, ao confiarmos em Cristo somente para nossa salvação, tendemos a manter um relacionamento com Deus baseado em desempenho. Sabemos que somos salvos pela fé em Cristo somente, mas supomos que diariamente ganhamos a aceitação e as bênçãos de Deus por causa do nosso desempenho.

Há trinta anos, o professor Richard Lovelace do Seminário Gordon-Conwell escreveu:

> Somente uma fração do corpo atual de cristãos professos está solidamente se apropriando da obra de justificação de Cristo em suas vidas. Muitos têm um entendimento tão raso da santidade de Deus e da extensão da culpa de seu pecado que conscientemente veem pouca necessidade para a justificação, embora abaixo da superfície de suas vidas eles se sintam culpados e inseguros. Muitos outros têm um compromisso teórico com esta doutrina, e diariamente dependem de sua santificação para alcançar a justificação, tirando a certeza da aceitação de Deus de sua sinceridade, de sua experiência passada de conversão, de seu desempenho religioso recente ou da não relativa frequência de sua desobediência consciente e voluntária.[1]

Isto posto, qual é a solução? Temos de aprender a viver como Paulo viveu. Em Gálatas 2.20, ele escreveu: "...esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim". No contexto

dos versículos 15–21, Paulo falou sobre a relevância atual da justificação, ou seja, a justificação no tempo presente: "viver que *agora* tenho". Em Romanos 5.1, ele falou da justificação como uma experiência passada: "Tendo sido (tempo passado), pois, justificados pela fé, temos paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo" (NVI). Então, se a justificação é uma experiência passada, por que Paulo em Gálatas 2.20 escreve no tempo presente? A resposta é que para Paulo a justificação era não apenas uma experiência passada, mas *também uma realidade presente*. A cada dia, Paulo olhava para fora de si mesmo, sem considerar o seu desempenho, para se apropriar da perfeita justiça de Cristo a fim de ser aceito por Deus Pai.

Se quisermos desfrutar diariamente os benefícios do evangelho, temos de aprender a viver como Paulo. Temos de olhar para fora de nós mesmos e não considerar nosso desempenho, seja ele bom ou ruim, e nos vermos justificados diante de Deus – lavados dos nossos pecados através do sangue de Cristo e vestidos da sua perfeita justiça.

Infelizmente, esta grande verdade do evangelho parece ser pouco entendida e muito menos aplicada pela vasta maioria dos crentes. Novamente, o professor Lovelace escreveu:

> Poucos (cristãos) sabem o suficiente para iniciar cada dia com base na profunda visão de Lutero: você é aceito quando olha para fora de si mesmo e pela fé reivindica a justiça total (externa) de Cristo, como o único fundamento de aceitação, descansando na confiança que produzirá santificação crescente (ou transformação), uma vez que a fé é ativa em amor e gratidão.[2]

Esta ênfase na necessidade de abraçar diariamente o evangelho e viver na realidade presente da nossa justificação não é nova nem estranha. Já vimos os comentários do professor Lovelace escritos em 1979. Mas vamos para mais distante do que isso. B.B. Warfield foi um teólogo notável que ensinou

no Seminário Teológico de Princeton no fim do século 19 e começo do século 20. Em algum momento desse período, ele escreveu o seguinte:

> Não há nada em nós ou feito por nós, em qualquer estágio de nosso desenvolvimento terreno, que possibilite que sejamos aceitos por Deus. Se não for aceitos por causa de Cristo, jamais seremos aceitos. Isto não é verdade somente "quando cremos". É verdade também depois que crermos. E continuará a ser verdade enquanto vivermos. Nossa necessidade de Cristo não cessa com o nosso crer, tampouco a natureza da nossa relação com ele ou com Deus, através dele, jamais se altera, não importa o que as nossas conquistas em graças cristãs ou as nossas realizações em comportamento cristão possam ser. É somente no seu "sangue e justiça" que podemos descansar. Nada do que somos, ou temos, ou fazemos pode tomar seu lugar ou mesmo estar junto a ele. Somos sempre indignos, e tudo que temos ou fazemos de bom é sempre procedente da graça. Embora abençoados com toda bênção espiritual nos lugares celestiais em Cristo, somos apenas "pecadores miseráveis". "Pecadores miseráveis" salvos pela graça, para ter certeza. Mas "pecadores miseráveis" que por si só nada merecem a não ser ira eterna.
>
> Somos pecadores, e sabemos que por nós mesmos seríamos pecadores perdidos e sem esperança; porém, somos pecadores salvos e é a nossa salvação que dá o tom da nossa vida – um tom de alegria que tem a mesma proporção do senso que temos da nossa insuficiência. Pois aquele que mais é perdoado, ama muito mais e aquele que ama, se alegra mais.
>
> Assim, em cada momento de sua vida, o crente é absolutamente dependente da graça de Cristo, e quando a vida se for, ele ainda não terá nada a reivindicar, exceto o sangue de Cristo e a sua justiça.[3]

Muito antes, o escocês Robert Haldane (1774-1842), no seu comentário clássico do livro de Romanos, escreveu:

> A essa justiça o olho do crente tem sempre de ser dirigido; nessa justiça, ele tem de descansar, nessa justiça, ele tem de

> viver; nessa justiça, ele tem de morrer; nessa justiça, ele tem de aparecer diante do trono do julgamento; nessa justiça, ele tem de ficar para sempre na presença de um Deus justo.[4]

Assim, no momento em que você confiou em Cristo somente, você foi declarado justo por Deus porque ele lhe creditou a justiça perfeita de Cristo. Você nunca será mais ou menos justo, não importa seu desempenho. De fato, hoje você é tão justo perante Deus quanto você será no céu. Isto parece espantoso, mas é verdade.

A seguinte pergunta pode muito bem ser feita: "A minha posição de justo perante Deus por causa de Cristo se traduz na expectativa de bênçãos diárias concedidas por Deus por causa da justiça de Cristo?" A resposta é um enfático sim. Deus não nos justifica baseado em algo e nos abençoa diariamente por conta de outro motivo. Todo o favor de Deus dirigido a nós, seja na esfera espiritual ou temporal, nos vem através de Cristo.

Paulo escreveu em Efésios 1.3: "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo". Observe a frase: "em Cristo". Lembre-se, esta é uma expressão resumida usada por Paulo para indicar nossa união representativa com Cristo. Assim, todas as bênçãos espirituais nos vêm através de Cristo.

Novamente, em Filipenses 4.19 Paulo escreveu: "E o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades". No contexto de Filipenses 4.10–19, o "cada uma de vossas necessidades" do versículo 19 se refere às necessidades temporais dos crentes filipenses. De fato, Paulo estava dizendo a eles: "Como vocês têm sido instrumentos de Deus para suprir

minhas necessidades temporais, assim Deus também suprirá as suas necessidades temporais". Mas novamente observem a frase "em Cristo Jesus". É sempre "em Cristo" — isto é, por causa dele e por meio dele — que todas as bênçãos, tanto espiritual quanto temporal, nos vêm.

Jamais ganhamos as bênçãos de Deus por meio de boas obras porque até nossas melhores realizações são imperfeitas e manchadas por nossa corrupção pecaminosa permanente. Aquelas boas obras das quais tendemos a depender para nossa expectativa de bênçãos de Deus realmente merecem a maldição divina ao invés de sua bênção. Mas graças a Deus, Cristo nos redimiu da maldição da lei levando nossa maldição sobre si (veja Gl 3.13) e, através de sua justiça perfeita, abriu os portões do infinito amor e favor de Deus em direção a nós, tudo isto "para o louvor da glória de sua graça, que ele nos concedeu gratuitamente no Amado" (Ef 1.6).

Minha citação favorita extra bíblica, a qual retorno quase todo dia, se encontra nas primeiras palavras do hino *My Hope is Built* (Firmeza, 366 do Cantor Cristão): "Em nada ponho a minha fé senão na graça de Jesus". No meu entender, essa esperança não é somente para a vida eterna, mas também para a bênção e favor de Deus na minha vida hoje.

O trabalho de cada dia

Como então aprendemos a viver diariamente na realidade presente de nossa justificação e na esperança das bênçãos de Deus em nossas vidas através de Cristo? A resposta é simples: temos de trabalhar nisso diariamente. Conforme declarei previamente, temos uma tendência natural para um relacionamento com Deus baseado em desempenho. Somos como uma pessoa num barco a remo tentando remar contra a corrente. No instante que o remador para de puxar os remos,

o barco será levado pela correnteza. Jamais podemos, como diz o velho ditado: "nos apoiar em remos", no que se refere a nossa dependência diária de Cristo. De forma prática, como podemos nos manter persistindo? Vamos às Escrituras que contêm as promessas de Deus sobre o perdão de nossos pecados e sobre a imputação (crédito) da justiça perfeita de Cristo a nós.

As seguintes passagens da Bíblia falam da promessa de Deus do perdão dos nossos pecados:

> Quanto dista o Oriente do Ocidente, assim afasta de nós as nossas transgressões. (Sl 103.12)
>
> Vinde, pois, e arrazoemos, diz o SENHOR, ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a lã. (Is 1.18)
>
> Eu, eu mesmo, sou o que apago as tuas transgressões por amor de mim e dos teus pecados não me lembro. (Is 43.25)
>
> Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos. (Is 53.6)
>
> Bem-aventurados aqueles cujas iniquidades são perdoadas, e cujos pecados são cobertos; bem-aventurado o homem a quem o Senhor jamais imputará pecado. (Rm 4.7–8)
>
> Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus. (Rm 8.1)

Eis algumas passagens das Escrituras que falam da dependência da justiça perfeita de Cristo:

> Porque, como, pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também, por meio da obediência de um só, muitos se tornarão justos. (Rm 5.19)
>
> Porquanto, desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à que vem de Deus. Porque o fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê. (Rm 10.3–4)

> Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção. (1Co 1.30)
>
> Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus. (2Co 5.21)
>
> E ser achado nele, não tendo justiça própria, que procede da lei, senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé. (Fp 3.9)

Encorajo você a considerar cada uma dessas passagens em oração (isto é, pedindo ao Espírito Santo que o guie) e selecionar duas ou três de cada categoria que talvez falem mais enfaticamente a você. Memorize-as e comece a usá-las diariamente para fortalecer sua fé na Grande Permuta de Deus. Então, cada vez que você se pegar caindo no erro de basear seu relacionamento com Deus em seu esforço próprio, retorne àqueles versículos e peça a Deus para torná-los reais em sua experiência cristã.

Já neste capítulo, vimos as palavras sábias de Richard Lovelace, pronunciadas no final do século 20, as de B. B. Warfield ditas no fim do século 19 ou início do 20 e as pronunciadas por Robert Haldane no início do século 19. Agora quero voltar ao século 17 e considerar as palavras do grande teólogo puritano John Owen sobre a apropriação diária do evangelho. Para ser breve, eu extraí as citações a seguir de cerca de três páginas da sua notável obra intitulada *Comunhão com o Deus Trino.*

Os santos fazem uma permuta real com o Senhor envolvendo os seus pecados e a justiça dele. Isso abrange vários aspectos.

Eles mantêm continuamente vivo em seus corações um senso de culpa e a noção da maldade do pecado, mesmo quando estão tranquilamente convencidos de terem sido aceitos por Deus.

O senso de perdão afasta o horror e o medo, mas não o senso devido da culpa do pecado. É um exercício diário dos santos de Deus, considerar a grande afronta que há no pecado — o pecado deles. Isso os santos fazem: eles juntam seus pecados, colocam-nos na balança da lei, observam e consideram seu peso e o abandonam...

Eles escutam a voz de Cristo chamando-os com seus fardos. "Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados" [Mt 11.28]. — "Venha com seus fardos; venha, pobre alma, com sua culpa de pecado." Por quê? O que devo fazer? "Porque, isso tudo é meu", diz Cristo; "esse acordo eu fiz com meu Pai, um trato em que eu deveria remover seus pecados e carregá-los; eles foram a minha porção. Dê-me seu fardo, dê-me todos os seus pecados. Você não sabe o que fazer com eles; eu sei como descartá-los de maneira que Deus seja glorificado e sua alma liberta.

Eles depositam seus pecados na cruz de Cristo, sobre os ombros dele. Essa é a grande aventura e a fé ousada vivida na graça, na fidelidade e na verdade de Deus – ficar ao pé da cruz e dizer: "Ah! Ele foi ferido pelos meus pecados e por minhas transgressões, e o castigo da minha paz está sobre ele. Ele é, assim, feito pecado por mim. Aqui eu entrego meus pecados a ele que pode carregá-los e suportá-los. Ele exige de mim que eu me alegre por ele cuidar das minhas iniquidades; e que eu consinta de coração que ele faça isso". Eis aí uma tarefa diária; não sei como qualquer paz pode ser mantida com Deus sem isso.

Tendo, assim, pela fé entregue seus pecados a Cristo, e tendo visto Deus lançá-los sobre ele, os crentes se aproximam e recebem dele aquela justiça que ele operou a seu favor, cumprindo assim a totalidade daquilo que o apóstolo ensinou: "Ele o fez pecado por nós, para que nele fôssemos feitos

justiça de Deus" (2Co 5.21). Eles o contemplam oferecendo a si mesmo e a sua justiça, para ser a justiça deles diante de Deus; eles a tomam e a aceitam, e enfim completam essa permuta abençoada de fé.

Isto cativa as almas dos santos e os constrange a dar o devido valor ao Senhor, ao seu amor, à sua justiça e à sua graça. Quando os crentes descobrem isso e o usam diariamente, então eles seguem nesse rumo. Quem não o amaria? Que a pobre alma possa dizer: "Estive com o Senhor Jesus.: "Deixei meus pecados e meus fardos com ele, e ele me deu sua justiça com a qual compareço com ousadia diante de Deus.[5]

Essa citação é bem maior do que as que eu normalmente incluo num livro, mas quero que você veja o que John Owen escreveu a cerca de 350 anos. A apropriação diária do evangelho não é uma ideia nova. De fato, é uma noção que antecede em muito John Owen no século 17; ela é vista até no apóstolo Paulo!

Quero também chamar sua atenção para as palavras já citadas de John Owen: "É um exercício diário dos santos considerar a grande afronta que há no pecado" e "Eis aí uma tarefa diária: não sei como qualquer paz pode ser mantida com Deus sem isso". Uma apropriação diária do evangelho é, de fato, uma tarefa para cada dia. Por isso precisamos pregar o evangelho a nós mesmos todos os dias.

Nossa resposta

Em Romanos 5.20, Paulo escreveu: "Onde abundou o pecado, superabundou a graça". Paulo antecipou a possível conclusão errada a que alguém poderia chegar diante dessa afirmação aparentemente inofensiva e fez isso em Romanos 6.1–14. Da mesma maneira, uma conclusão errada poderia ser tirada da minha forte ênfase na verdade de que, em Cristo,

nossos pecados são perdoados, que somos declarados justos nele e que todo o favor e bênçãos de Deus nos advêm através dele, à parte de quaisquer obras feitas por nós.

Ao mesmo tempo, estou ciente de que alguns pastores, missionários, professores de Bíblia e obreiros de vários ministérios cristãos ficarão preocupados com o perigo de que a ênfase deste capítulo destrua a dedicação na busca da transformação que queremos ver nas vidas daqueles que ensinamos e pastoreamos. Eu entendo essa preocupação. Creio que neste capítulo, porém, todos nós podemos ver nas Escrituras que uma dependência diária de Cristo é a única verdade e a única motivação duradoura para a busca de transformação espiritual.

PARA DISCUSSÃO EM GRUPO

1. Qual é o significado da expressão "relacionamento com Deus baseado em esforço"? Cite algumas maneiras sutis como esse tipo de relacionamento se manifesta em nossas vidas.
2. Em termos práticos, a que se assemelha a atitude de "nos situarmos dentro da realidade presente" da nossa justificação? Que impacto isso terá em nosso relacionamento com Deus e com outras pessoas?
3. Em termos práticos, o que significa "pregar o evangelho para si mesmo todos os dias"? Como alguém pode fazer isso?

CAPÍTULO SEIS

A Motivação do Evangelho

Ouvi a voz do Senhor, que dizia: "A quem enviarei, e quem há de ir por nós?"
Disse eu: "eis-me aqui, envia-me a mim."
Isaías 6.8

Isaías estava totalmente arrasado, moral e espiritualmente, pela sua visão da santidade infinita de Deus. Então, o serafim anunciou o evangelho a ele: "A tua iniquidade foi tirada e perdoado o teu pecado" (Is 6.7).

Logo ele ouviu a voz do Senhor dizendo: "A quem enviarei, e quem há de ir por nós?". Isaías respondeu: "Eis-me aqui, envia-me a mim" (v. 8). Sua resposta foi imediata e espontânea. Ele disse: "Eis-me aqui", não disse "Estou aqui". A última resposta denota lugar, enquanto "Eis-me aqui" significa "Eu estou disponível". Ele não fez nenhuma pergunta do tipo "Ir aonde?" ou "Fazer o quê?". Ele, de fato, deu a Deus um cheque em branco de sua vida. Ele disse: "Eis-me aqui. Envia-me a mim". Por que ele respondeu dessa maneira? Foi por estar profundamente impactado pelo evangelho que Isaías respondeu com profunda gratidão pelo que Deus fez por ele.

Vamos considerar o momento do chamado de Isaías. Suponha que ele tivesse ouvido esse chamado antes de sua visão da santidade de Deus. Se nossa suposição estiver correta, ou seja, que ele era justo exteriormente, um judeu cumpridor da lei, ele poderia muito bem ter respondido: "Eis-me aqui, Senhor, estou qualificado para ser seu porta-voz". Então, ele

provavelmente teria ido ao seu povo numa atitude de justiça própria ao invés de amor e compaixão.

Agora suponha que Isaías tenha ouvido o chamado de Deus depois que tivesse sido completamente arrasado por causa do seu pecado, antes de ter ouvido o evangelho. Sua resposta provavelmente teria sido: "Não eu, Senhor. Há poucos minutos eu teria me voluntariado, mas agora não. Eu sou um homem de lábios impuros. Sou totalmente desqualificado para ser seu porta-voz".

Foi somente depois que ele foi dolorosamente conscientizado de sua pecaminosidade e depois de ter recebido a garantia de que seus pecados haviam sido perdoados que ele esteve preparado para ouvir o chamado de Deus e responder tão prontamente com profunda gratidão.

Deixe-me explicar a palavra gratidão. Você pode me emprestar sua caneta por um momento para eu assinar meu nome e, quando eu devolvê-la, direi: "Obrigado". Esse é um nível muito básico de gratidão – na verdade, apenas uma forma comum de cortesia. Mas se você resgatar meu filho de um edifício em chamas e eu disser: "Nunca poderei agradecer o bastante", esse é um nível significativamente maior de gratidão. Agora, considere a nossa gratidão no nível mais alto possível: o fato de Cristo nos resgatar da maldição eterna de Deus, tornando-se maldição em nosso lugar (veja Gl 3.13). Aí você entenderá a gratidão de Isaías. É o nível de gratidão que nos motivará a obedecer a Cristo como Senhor e servi-lo como Mestre.

A mulher pecadora

Isaías não foi a única pessoa na Bíblia que demonstrou a sequência "culpa, evangelho e gratidão" em ação. Vemos isso também na bela história da mulher pecadora que ungiu

os pés de Jesus, conforme relatado em Lucas 7.36–50. O falecido comentarista de rádio Paul Harvey, em sua transmissão diária de notícias, frequentemente usava sua famosa frase: "E agora, o restante da história". A única maneira dessa história fazer sentido é supor que Lucas nos conta somente o restante dela. Qual seria, então, o começo?

Lucas descreveu a mulher como uma "pecadora". Ele não diz a natureza do pecado dela, mas ela realmente tinha uma má reputação na cidade. Simão, o fariseu, ficou escandalizado porque Jesus permitiu que ela o tocasse, pois ele sabia que ela era uma "pecadora" (v. 39).

O começo da história, então, é possivelmente que a mulher pecadora teve um encontro anterior com Jesus, não muito antes da história narrada em Lucas 7. Ela, como Isaías, ficou dolorosamente ciente de seu pecado e, novamente como Isaías, recebeu de Jesus a garantia de que seus pecados estavam perdoados. Seguindo a história no relato de Lucas, Jesus foi convidado para comer na casa de Simão, um fariseu. A mulher pecadora soube disso e foi à casa de Simão com um vaso de alabastro contendo perfume para ungir os pés de Jesus.

De acordo com o costume da época, não era incomum que pessoas não convidadas entrassem na sala onde um jantar estava sendo servido. Essas pessoas ficavam em algum ponto ao redor da sala e ouviam a conversa em torno da mesa. O que tornou a ação da mulher pecadora incomum foi que uma pessoa famosa por sua má reputação ousou entrar na casa de um fariseu, o membro de um grupo bastante conhecido por sua restrita observância externa da lei e também por suas atitudes de justiça própria em relação aos outros (veja como exemplo o relato de Lucas sobre o fariseu e o publicano orando no templo, Lc 18.9–14).

A mulher não somente ousou entrar na casa de Simão, mas também não ficou somente observando ao redor da sala; ela foi diretamente a Jesus com a intenção de ungir seus pés. Diante dos pés dele, ela começou a chorar — não com poucas lágrimas, mas profusamente, a ponto de molhar os pés de Jesus. Para valorizarmos o próximo gesto dela, basta observar que, pelo fato de Simão não ter tratado Jesus com a cortesia comum naqueles dias, os pés do Mestre não tinham sido lavados (veja v. 44). Assim, quando Lucas diz que a mulher enxugou os pés de Jesus com seus cabelos, esse ato foi mais do que simplesmente enxugá-los. Ela estava realmente lavando-os com seus cabelos. Então ela beijou seus pés e os ungiu com o perfume.

Simão ficou escandalizado por Jesus ter permitido que aquela mulher pecadora de má reputação o tocasse. Conhecendo os pensamentos de Simão, o Mestre lhe contou a parábola de um credor que tinha dois devedores. Um lhe devia quinhentos denários e o outro, cinquenta. Quando eles não puderam pagar, o homem cancelou a dívida de ambos. Então Jesus perguntou qual deles amava mais o credor. Simão respondeu: "Aquele, suponho, de quem ele cancelou a dívida maior". Jesus disse a Simão: "Você julgou corretamente".

Jesus, então, comparou a flagrante falta de cortesia de Simão com a rica exibição de afeição feita pela mulher pecadora. Sua conclusão no versículo 47: "Portanto eu lhe digo que os pecados dela, que são muitos, estão perdoados — pois ela muito amou", parece estranha porque a afirmação tomada fora do contexto parece significar que ela foi perdoada porque amou muito. Obviamente, esse não pode ser o significado porque é o oposto do cerne da parábola do credor. Além disso, vai contra o princípio presente em todo o Novo Testamento de que nosso amor a Cristo é somente uma resposta ao seu amor por nós.

Em vez disso, Jesus estava dizendo que a rica exibição de amor da mulher era a prova de que ela já havia experimentado no mais profundo de sua alma a realidade do perdão. Por que então Jesus lhe disse: "Seus pecados estão perdoados", se ela já tinha sido perdoada?

Lembre-se, a mulher era uma pecadora conhecida na cidade. Ela tinha uma péssima reputação. Logo, as palavras de perdão de Jesus tiveram uma alvo duplo. Simão e seus outros convidados precisavam ouvir Jesus dizer que tinha autoridade para perdoar pecados, algo que os fariseus questionavam veementemente (veja, por exemplo, Lc 5.17–26). No entanto, as palavras de Jesus foram também para o benefício da mulher, obtido por meio de uma declaração pública de que ela estava perdoada, que seu passado pecaminoso tinha disso purificado, que embora seus pecados fossem como a escarlate, eles tinham se tornado brancos como a neve (veja Is 1.18). Jesus, é claro, só pôde dizer isso tendo em vista o derramamento ainda futuro do seu próprio sangue que proveria a base de seu perdão (veja Hb 9.22 e Ap 7.14).

Contraste e semelhança

Comparar as experiências de Isaías e da mulher pecadora é um estudo tanto de contraste quanto de semelhança. Em termos de contraste, os antecedentes dos dois eram extremos opostos. Isaías era um membro respeitável da classe alta judaica – parte da elite da sociedade e presumivelmente um judeu justo e fiel à lei. A mulher pecadora, se não era uma mulher conhecida por sua imoralidade, certamente tinha má reputação na cidade, sendo muito provavelmente uma marginalizada. De fato, o próprio Jesus se referiu a "seus pecados, que são muitos" (Lc 4.47). O contraste dificilmente poderia ser maior. Suas experiências, porém, são espantosamente semelhantes. Ambos tiveram um encontro com Deus. Isaías o

viu sentado no seu trono em santidade infinita.[1] A mulher pecadora encontrou Jesus em sua humanidade encarnada. Ambos, entretanto, na presença de Deus, ficaram dolorosamente cientes de seus pecados. Ambos experimentaram o profundo sentimento de alegria do evangelho. Isaías ouviu o Senhor dizer "Sua iniquidade foi tirada, e seu pecado perdoado" (Is 6.7). Lucas não diz o que a mulher pecadora ouviu mas, sem dúvida, foi uma versão de "Seus pecados, que são muitos, estão perdoados".

Tanto Isaías quanto a mulher expressaram profunda gratidão pelo perdão de seus pecados. Isaías manifestou isso em sua resposta cheia de gratidão ao chamado de Deus: "A quem enviarei e quem há de ir por nós?". A mulher pecadora expressou a mesma coisa em sua ousadia e na exibição desprendida de adoração àquele que a perdoara.

Norval Geldenhuys, autor de um excelente comentário sobre o Evangelho de Lucas, escreveu na conclusão de suas notas sobre a história da mulher pecadora:

> Todo amor real para com Cristo tem de ser precedido pela consciência profunda da nossa própria condição pecaminosa e da nossa inadequação para sermos aceitos diante do Deus Santo. Esse amor também deve ser precedido pela certeza de que, por causa de Jesus, nossos pecados, não importa quão grandes sejam, estão perdoados. O amor ao Senhor que não estiver alicerçado nesses dois fundamentos não pode ser genuíno ou permanente.[2]

Resumindo, eu diria: "A consciência dos próprios pecados e a certeza do perdão são os fundamentos do nosso amor a Deus".

Culpa, Graça e Gratidão

O famoso Catecismo de Heidelberg, publicado em 1563, é bem conhecido pelo fato de ser estruturado sobre

três conceitos: culpa, graça e gratidão. Eu escolhi a palavra *evangelho*, ao invés de graça, mas a ideia é a mesma. O evangelho é a mensagem do que Cristo realizou por sua vida e por sua morte. A graça, como veremos no próximo capítulo, é o resultado em nossas vidas do que ele realizou.

Culpa, evangelho (ou graça) e gratidão é a linha histórica das experiências tanto de Isaías quanto da mulher pecadora. É a linha histórica deste livro até este ponto, exceto que eu acrescentei um quarto item: Deus. É a visão de Isaías da santidade infinita de Deus que despertou a consciência dolorosa do seu pecado, levando-o a uma apreciação profunda do evangelho, o que resultou numa expressão jubilosa de gratidão.

Na história da mulher pecadora, Jesus disse: "Aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama" (Lc 7.47). Isso parece muito descritivo da cultura cristã contemporânea. Uma vez que tendemos a definir o pecado em termos dos flagrantes que ocorrem em nossa sociedade, temos um fraco senso de nossa própria culpa pessoal diante de um Deus infinitamente santo. Consequentemente, valorizamos pouco o perdão dos nossos pecados e quase nenhum entusiasmo para buscar fervorosamente a santidade ou para servir a Deus sacrificialmente. Não há nenhuma sequência de "culpa, graça, gratidão" em nossas vidas.

Percebo que nenhum de nós teve uma visão semelhante à de Isaías acerca da santidade de Deus e poucos de nós vêm de um passado pecaminoso chocante como o da mulher pecadora. Muitos de nós viemos de lares cristãos ou, pelo menos, moralmente corretos. Logo, pode ser difícil se identificar com Isaías ou com a mulher pecadora. A pergunta que surge, então, não é se temos uma experiência semelhante a de Isaías ou da mulher pecadora. A pergunta

é se a nossa consciência de nossa própria pecaminosidade está aumentando a cada ano e, consequentemente, se a nossa dependência desesperada do sangue derramado e da justiça de Cristo está crescendo.

O bispo anglicano J. C. Ryle (1816-1900), contemporâneo de Charles Spurgeon, escreveu: "O homem cuja alma está 'crescendo' sente mais sua própria pecaminosidade e indignidade a cada ano... Quanto mais ele se aproxima de Deus, e quanto mais ele percebe a santidade e a perfeição dele, mais ele se torna sensível às suas próprias e incontáveis imperfeições."[3] Estamos crescendo? Estamos enxergando mais e mais a nossa pecaminosidade a cada ano que passa? Estamos nos apropriando do evangelho diariamente para o perdão de nossos pecados e para que a justiça de Cristo seja creditada a nós?

Jesus disse: "Aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama," mas o oposto, conforme visto nas vidas de Isaías e da mulher pecadora, também é verdade. Aquele a quem muito se perdoa, muito ama e, amando muito, obedecerá e servirá muito.

Controlado pelo amor

O apóstolo Paulo experimentou a motivação do amor de Cristo por ele. Em 2 Coríntios 5.14–15, ele escreveu: "Pois o amor de Cristo nos constrange, julgando nós isto: um morreu por todos; logo todos morreram. E ele morreu por todos, para que os que vivem, não vivam mais pra si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou". Paulo disse que o amor de Cristo [por ele] o constrangia — isto é, exercia uma forte influência diretiva ou restritiva nele. Observe as palavras *diretiva* e *restritiva.*

Kenneth Wuest, professor de grego no Instituto Bíblico

Moody no século passado, escreveu uma tradução expandida do Novo Testamento num esforço de captar melhor as nuances de certas palavras no grego. Eis como ele traduziu 2 Coríntios 5.14: "O amor que Cristo tem [por mim] me pressiona de todos os lados, mantendo-me numa direção e me impedindo de considerar qualquer outra, cercando-me com ternura, dando-me uma razão que me impele".[4]

Observe que é a consciência de Paulo acerca do amor de Cristo que o governa e controla. Conecta-o a um ponto ou alvo e o impede de considerar qualquer outro. Não é o medo da punição nem a expectativa da recompensa que o impele, mas somente o fato do amor de Cristo por ele. Isso é que o controla, governa e motiva. E onde Paulo percebeu o amor de Cristo? Na cruz. Observando a cruz, Paulo chegou à conclusão de que Cristo havia morrido por nós e especialmente por ele. Em Gálatas 2.20, ele escreveu sobre "o Filho de Deus, que *me* amou a si mesmo se entregou por *mim*" (ênfase acrescentada).

Há um sentido no qual vemos os elementos tanto de Isaías quanto da mulher pecadora na vida de Paulo. Como Isaías, ele veio de uma herança judaica rica e podia dizer honestamente: "Quanto à justiça que há na lei, irrepreensível" (Fp 3.6). Porém, em suas próprias palavras, ele foi "blasfemador, perseguidor [de cristãos] e insolente oponente [de Jesus]" (1Tm 1.13). Perto do final de sua vida, ele se referiu a si mesmo como o principal dos pecadores (veja o v. 15).

Então, ele teve um encontro com o Cristo ressurreto e glorificado na estrada de Damasco. Ele percebeu, para seu desespero, que aquele Jesus, de quem ele havia blasfemado e cujos seguidores havia perseguido, não era outro senão o Filho de Deus. Então, ele recebeu misericórdia e graça (veja 1Tm 1.13–14). Como Isaías e a mulher pecadora, ele experimentou o amor de Cristo que o pressionou de todos os lados

e, daquele momento em diante, governou e dirigiu sua vida.

Paulo provou a mesma culpa, graça e gratidão que Isaías e a mulher pecadora experimentaram. E embora poucos de nós possam se identificar com Isaías, com a mulher pecadora ou com Paulo na experiência dramática deles, devemos buscar os seus mesmos resultados: a resposta de gratidão e de amor para com Cristo que nos compele e nos impele a viver não para nós mesmos, mas para ele que nos amou e se deu a si mesmo por nós.

As epístolas do Novo Testamento são cheias de imperativos — isto é, exortações e desafios a buscar a santidade, a se revestir de um caráter parecido com o de Cristo e a apresentar nossos corpos como sacrifícios vivos. Mas esses imperativos são sempre baseados na verdade objetiva do que Jesus fez por nós em sua vida sem pecado e na sua morte expiatória.

Quando ainda era um jovem cristão, eu não entendia isto. Fui diretamente aos imperativos a fim de aprender o que devia fazer. E nos meus anos iniciais de ensino bíblico, eu ensinei a partir da mesma perspectiva de dever. Eu contrastava os "deveres" da Escritura com os desejos pecaminosos da carne. Eu ensinava que deveríamos encher nossas mentes com os "deveres" da Escritura a fim de nos fortificar contra os desejos da carne. Mas a realidade é que no conflito interno entre o dever e o desejo, o desejo, mui frequentemente, vence. E mesmo quando o dever ganha, isso é geralmente uma reação à noção de obrigação ao invés de uma resposta de amor e gratidão.

Então, em meio ao que eu pensava ser um ministério frutífero e recompensador, o Espírito Santo começou a remover as camadas do meu coração para revelar algo da corrupção e da depravação ainda presentes ali. Não havia "pecados" grandes, apenas um ninho feio do que chamamos de pecados

"respeitáveis".

Fui atraído então para o evangelho. Isaías 53.6, "Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos," se tornou minha corda da salvação. Comecei a cantar alguns dos velhos hinos evangélicos que havia aprendido quando criança. Palavras como "Tal qual estou, eis-me, Senhor, pois o teu sangue remidor" e "Tal qual estou, sem esperar que possa as faltas melhorar, em Ti só quero confiar" adquiriram novo significado para mim. Aprendi por experiência que, como um crente engajado no ministério, eu ainda precisava do evangelho – todo dia de fato!

Quando comecei a estudar as Escrituras com esse novo entendimento, Deus trouxe providencialmente à minha atenção os escritos de gerações antigas, chegando até os Reformadores do século 16 e aos Puritanos do século 17 que enfatizaram a importância do evangelho em nosso processo de transformação.

Você viu apenas algumas amostras desses ensinos no capítulo anterior. Deixe-me, porém, dar-lhe mais algumas, uma delas da pena do famoso John Newton, do século 18, autor de "Amazing Grace" (Graça admirável), e outra do seu amigo e poeta William Cowper.

Nosso prazer e nosso dever,
embora opostos anteriormente,
desde que vimos sua beleza
estão juntos para jamais se apartar.
John Newton[5]

Ver a lei por Cristo cumprida
e ouvir sua voz perdoadora
transforma um escravo em filho
e dever em escolha.
William Cowper[6]

Sim, as Escrituras são cheias de imperativos ligados à vontade de Deus. Eles são um dos vários instrumentos que o Espírito Santo usa para nos transformar. E, sim, realmente nós temos um dever a cumprir em obediência àqueles imperativos. Mas Deus quer que nós *desejemos* cumprir o que é nosso *dever*. Ele quer que *queiramos* fazer o que *devemos*. E é o amor de Cristo conforme visto no evangelho — é nossa resposta de gratidão por sua graça — que estimula o desejo pelo dever e muda o "dever" em "querer."

A realidade da vida cristã, contudo, é que mesmo quando chegamos mais perto do desejo de cumprir nosso dever, ainda assim experimentamos o combate entre a carne e o espírito. Ainda que não possamos entender tudo o que Paulo disse em Romanos 7.14–25, a maioria de nós pode pelo menos se identificar com algumas palavras de Paulo, como: "Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir, pois não faço o que prefiro, e sim o que detesto" (v. 15) ou "Então, ao querer fazer o bem, encontro a lei de que o mal reside em mim" (v. 21).

Obviamente essa tensão entre o desejo e o desempenho pode causar frustração e desânimo. E a verdade é que, quanto mais crescemos, mais aumenta a tensão entre o conhecimento e o desejo de progresso. Isso ocorre porque, conforme J. C. Ryle: "o homem cuja alma está crescendo sente mais sua própria pecaminosidade e indignidade a cada ano". Como então podemos nos manter motivados em face dessa crescente tensão?

A resposta é: através do evangelho, particularmente da justiça perfeita de Cristo creditada a nós. Enquanto lutamos diariamente com nossa tensão entre conhecimento, desejo e desempenho, estamos de fato unidos a Cristo (nele) em sua obediência perfeita. Temos de manter nossos olhos fixos nessa gloriosa verdade e temos de diariamente nos apropriar da realidade presente de nossa justificação: nossa posição de justiça em Cristo. Somente então seremos motivados a perseverar na busca da santidade mesmo em face da crescente tensão.

Devotamos três capítulos ao evangelho e aprendemos o que ele é, como devemos nos apropriar dele diariamente e como ele provê motivação para fazermos nossa parte em nossa transformação espiritual. Você deve estar perguntando quando vamos chegar ao processo de transformação real. Isto virá em breve. Primeiro precisamos considerar o tema da graça: o que é e como evitar alguns erros comuns sobre ela que podem atrapalhar o processo de transformação espiritual.

PARA DISCUSSÃO EM GRUPO

1. Você já sentiu um alto grau de gratidão pelo evangelho resultando em amor por Cristo? Por que sim ou por que não?
2. Pense em seus pecados por alguns momentos. Pecados "grandes" vêm a sua mente? De quais pecados "respeitáveis" você está ciente?
3. Qual é a chave para mudar de "dever" para "desejo" e de "devo" para "quero"?

CAPÍTULO SETE

Entendendo a Graça de Deus

Porque o pecado não terá domínio sobre vós; pois não estais debaixo da lei, e sim da graça. E daí? Havemos de pecar porque não estamos debaixo da lei, e sim da graça? De modo nenhum!

Romanos 6.14–15

A palavra *graça,* na plenitude de seu significado, abrange uma das verdades mais preciosas da Escritura. Mesmo em nossa cultura americana secular, o hino de John Newton, *Amazing Grace* (Graça admirável), é considerado o mais popular atualmente. Contudo, é triste dizer, o conceito de graça, conforme retratado na Bíblia, é frequentemente mal interpretado. De fato, é geralmente distorcido para significar que nós podemos viver como quisermos, sem observar a lei, isto é, a vontade moral de Deus.

Por exemplo, sabe-se que alguns tomam as palavras de Paulo "Não estais debaixo da lei, mas da graça" para dizer que não estamos mais sujeitos à vontade moral de Deus e que somos livres para viver como quisermos.

Outros não vão tão longe, mas creem que a graça de Deus significa que ele faz vistas grossas para o nosso pecado ou, para usar uma expressão popular, que "ele pega leve". Outros pensam que Deus "dá notas gerais" e, é claro, uma vez que as pessoas acham que, no geral, são melhores do que muitas outras, elas acreditam que se sairão bem na prova.

Um escritor bem intencionado que queria magnificar a graça de Deus chegou a expressar seu conceito de graça como

"a ideia de que somos aceitos e amados por Deus como somos, e que a aprovação de Deus não tem de ser ganha; ela simplesmente está lá".

Todos esses mal entendidos sobre a graça de Deus têm gerado uma atmosfera que chamamos de "graça barata" ou "crença fácil". Teologicamente, essa atitude ou crença é conhecida como *antinomismo*, palavra que significa "contra a lei".

O antinomismo não é novo. Mesmo na época dos apóstolos, Judas escreveu sobre "homens ímpios, que transformam em libertinagem a graça de nosso Deus" (Jd 4). Paulo previu uma possível distorção do seu ensino sobre a graça e escreveu Romanos 6 para refutá-la. Assim, o esforço para transformar a graça de Deus numa licença para pecar ou para se viver como quiser não é nada novo, sendo amplamente difundido hoje.

Assim, não admira que muitos pastores e líderes cristãos estejam preocupados com qualquer ênfase em viver pelo evangelho ou viver pela graça. Eles veem isso como abrir a porta para um espírito antinomista, o que já é uma maldição em nossa cultura. Entendo a preocupação deles, mas creio que a solução não é misturar obras com graça, mas ensinar a verdadeira natureza da graça e a reação bíblica a ela. Em outras palavras, creio que uma compreensão correta da graça de Deus e uma dependência consistente dela é o único alicerce firme para o progresso na transformação espiritual.

Em 1844, Archibald Alexander, primeiro presidente do Seminário Teológico de Princeton, escreveu um livro intitulado *Thoughts on Religious Experience* (Considerações sobre a Experiência Religiosa), no qual ele tratou dos obstáculos ao crescimento na graça (o que Alexander chamou de crescimento na graça é o que chamo de transformação espiritual).

Em seu livro, Alexander alistou cinco impedimentos ao crescimento na graça. Os quatro últimos são impedimentos comuns que reconheceríamos facilmente hoje, mas o primeiro é digno de nossa atenção. Ele disse que o primeiro impedimento é "um defeito em nossa crença acerca da liberalidade da graça divina". Ele continuou: "Exercer confiança inabalável na doutrina do perdão gratuito é uma das coisas mais difíceis do mundo; e pregar completamente essa doutrina sem se aproximar do antinomismo não é tarefa fácil sendo, portanto, raramente realizada".[1] Note que essa foi uma preocupação presente já no início do século 19, assim como é hoje. Os ministros tinham medo que a pregação da graça levasse ao antinomismo.

Foi assim também no início do século 17. O bispo episcopal C. FitzSimons Allison, em seu livro *The Rise of Moralism*[2] (O Surgimento do Moralismo), descreveu uma tendência entre os ministros da Inglaterra naquela época de combater a difusão alarmante do antinomismo acrescentando obras à fé e dizendo que essa era a base para a obtenção de qualquer posição e aceitação perante Deus.

Retornando a Archibald Alexander, ele continuou: "Mas os cristãos não são nada, exceto magros e franzinos, quando privados de sua (nutrição) devida. É pela fé que se faz a vida espiritual crescer; e a doutrina da graça livre, sem qualquer mistura de mérito humano, é o único tema da fé".[3]

Por que Alexander mencionaria como primeiro impedimento ao crescimento espiritual um defeito em nossa crença na liberalidade da graça divina? Sua razão pode ser resumida como segue: Nós estamos dispostos demais a depender do nosso próprio esforço para obter a segurança da nossa aceitação diante de Deus. E somos inclinados demais a depender de nossa própria vontade moral para crescer espiritualmente.

Assim, conforme Alexander, o remédio para as tendências ao antinomismo não é acrescentar obras à graça, mas enfatizar continuamente a graça de Deus. Contudo, para fazer isso e não abrir a porta para a graça barata e a crença fácil, precisamos ter uma compreensão correta e um entendimento piedoso da graça de Deus.

Uma compreensão correta da graça

Historicamente, a definição evangélica de graça é "favor imerecido de Deus". Esta definição não é errada, mas creio que é inadequada — ela não faz justiça ao conceito de graça apresentado na Bíblia.

Para entender o que é graça temos de perceber que não apenas desmerecemos o favor e a bênção de Deus, antes, somos *indignos de merecê-los.* Na verdade, todos merecemos a maldição de Deus, porque nenhum de nós tem persistido "em permanecer em todas as coisas escritas no livro da Lei" (Gl 3.10). A palavra *todas* neste contexto significa "absolutamente todas", sem exceção.

Há somente uma pessoa na história da humanidade que obedeceu perfeita e completamente a lei de Deus: nosso Senhor Jesus Cristo, como vimos no capítulo 4. Em Deuteronômio 28, Moisés expôs à nação de Israel uma série de bênçãos, caso Israel obedecesse, e outra série de maldições, se desobedecesse. Embora essas bênçãos se aplicassem estritamente aos israelitas por ocasião da conquista da terra prometida, o princípio por trás delas é eterno. Portanto, Deus abençoa a obediência e amaldiçoa a desobediência.

Entretanto, não obedecemos completamente, e mesmo nossos melhores esforços em obediência não atingem o alvo. Em nossos melhores dias, jamais ganhamos a bênção de Deus. E, à parte de Cristo, estaríamos todos sob maldição. Então,

qual é a solução para o nosso dilema? A solução é encontrada somente em Cristo, nosso representante e substituto, que ganhou as bênçãos por sua obediência perfeita e sofreu a maldição por nossa desobediência.

Portanto, creio que a definição bíblica de graça se encaixa nas seguintes palavras: "as bênçãos de Deus através de Cristo às pessoas que merecem sua maldição". É por causa de Cristo, sua vida sem pecado e por sua morte, na qual levou o pecado sobre si, que não recebemos a maldição tão merecida, mas sim, as bênçãos de Deus que não merecemos.

Neste ponto, devo esclarecer o relacionamento entre "evangelho" e "graça". Tecnicamente, a palavra *evangelho* se refere a uma mensagem. São as "boas-novas" que Deus nos anunciou através de Jesus Cristo. Todavia, como indiquei anteriormente, sempre uso o termo evangelho para me referir à obra de Cristo, sua vida sem pecado e morte, pela qual levou o pecado juntamente com o fruto de seu trabalho. Conforme minha definição de graça, a graça de Deus se concentra no fruto — as bênçãos que nos vêm como resultado da obra de Cristo. E é importante perceber que todas as bênçãos de Deus são expressões de sua graça. Recebemos todas as bênçãos como resultado da obra de Cristo por nós. Sequer uma bênção de Deus nos vem à parte da obra de Cristo em nosso favor. Nem mesmo uma!

À luz desse entendimento da graça de Deus, você percebe quão superficial e distorcido é esse conceito de graça que coloca Deus olhando certos pecados menores com vistas grossas? E você vê quão plenamente a definição de graça como "a ideia de que somos aceitos e amados por Deus exatamente como somos e que a aprovação de Deus não precisa ser conquistada; ela simplesmente está à disposição" perde de vista a verdadeira definição da graça bíblica?

A verdade é que a aprovação de Deus não tem de ser conquistada. Cristo já a obteve por nós. A diferença entre a aceitação "incondicional" de Deus e a aceitação que Cristo adquiriu para nós é enorme. Se falharmos em compreender essa realidade, teremos um entendimento defeituoso acerca da graça. Um conceito de graça que exclui nossa indignidade e a obra de Cristo por nós, certamente levará as pessoas para o caminho errado da "graça barata". Porém, um conceito que realmente considera nossa indignidade e a obra de Cristo por nós, leva-nos a sermos gratos e obedientes em amor.

Dependência diária da graça

Não é suficiente, entretanto, ter um entendimento correto da graça, é preciso por em prática uma dependência diária dela, mesmo como crentes. Deixe-me dar dois pontos de vista opostos no que se refere à graça para o viver diário segundo o entendimento de dois pastores diferentes.

O primeiro pastor, numa entrevista, disse: "Não creio que a obediência nos garanta a salvação de Deus para as nossas almas, mas certamente ganhamos o favor de Deus em nossas vidas".

O pastor que disse essas palavras é um homem bom, que sinceramente deseja que seu povo viva em obediência a Deus. Ele está preocupado com as ideias abusivas sobre a graça que já descrevi anteriormente, e eu compartilho sua preocupação. Além disso, ele é meu irmão em Cristo e um colega de trabalho no reino do Senhor. Mas, embora eu discorde dele, não o critico totalmente.

Escolhi citar suas palavras por crer que ele fala pela vasta maioria dos cristãos evangélicos. Eles podem não ter refletido como o pastor, mas a teologia intuitiva desses cristãos diz que somos salvos pela graça, mas nos relacionamos com

Deus nesta vida pelas obras. E foi isso o que eu também pensei nos primeiros catorze anos da minha vida cristã.

O perigo desse pensamento é levar as pessoas a crer que Deus lhes deve uma recompensa por sua obediência. Essas pessoas pensam o seguinte: "Se eu fizer certas coisas, ou seja, se eu fizer a minha parte, espero que Deus faça a dele". E quando Deus não cumpre com a parte dele, elas pensam: "*O que há de errado? Por que ele não faz nada para me ajudar? O que mais posso fazer?*

Na direção oposta, algumas pessoas vivem com medo de que por causa de seu pecado, Deus as castigue. Uma pessoa escreveu: "É desnecessário dizer que minha caminhada com Jesus foi de um tipo em que eu não me sentia bom o bastante, sempre valorizando apenas meu desempenho e sentindo um grande medo da hipótese de Deus estar apenas esperando o momento certo para me punir quando eu errasse".

Isso é uma armadilha. Se pensarmos que ganharemos o favor de Deus por nossa obediência ou desfavor por nossa desobediência, esperaremos que Deus faça tudo por nós; no outro extremo, viveremos sempre com medo de que "ele nos dê uma varada".

O apóstolo Paulo falou desse tipo de pensamento quando escreveu Romanos 4.4: "Ora, ao que trabalha, o salário não é considerado como favor, e sim como dívida". Paulo escreveu essas palavras no contexto da justificação, mas se crermos na "realidade presente" da nossa justificação, conforme descrito no capítulo 5, então, as palavras de Paulo se aplicam ao nosso relacionamento diário com Deus tanto quanto se aplicam à nossa salvação.

O segundo pastor, que está com o Senhor há alguns anos, escreveu: "Jesus Cristo comprou e pagou por toda resposta de oração que você receberá".[4]

Essa é uma expressão da graça e se encaixa perfeitamente na noção de *riquezas de Deus obtidas pela obra de Cristo*. E vejam como é muito semelhante a minha definição: "As bênçãos de Deus através de Cristo para as pessoas que merecem sua maldição".

Mas será que realmente cremos que merecemos a maldição de Deus? Temos mesmo a visão da santidade de Deus — isto é, da sua majestade transcendente e pureza moral infinita — ao ponto de enxergarmos até nossos "pequenos" pecados (pequenos aos nossos olhos) como, nas palavras de R. C. Sproul, "traições cósmicas"?

Temo que em nossos dias, mesmo entre crentes sinceros, não exista a visão da malignidade excessiva do pecado. Por contraste, homens piedosos do passado sabiam que suas melhores obras estavam muito aquém da perfeição exigida por Deus e que poderiam ser justamente condenados até mesmos por suas orações fervorosas. O famoso pregador do século 19, Charles Spurgeon, é citado como tendo dito: "Todos os meus trabalhos são desfigurados pelo pecado e pela imperfeição. Conforme eu penso em cada ato que já fiz para Deus, posso somente clamar: Oh, Deus, perdoa a iniquidade das minhas coisas santas".[5]

Então, será que nunca podemos ganhar favor ou bênção de Deus somente por nossa obediência? Pedro escreveu que nós "oferecemos sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo" (1Pe 2.5). Embora Pedro não tenha definido "sacrifícios espirituais", talvez possamos supor que ele estava pensando em adoração, obediência e serviço. E o apóstolo diz que tudo isso é aceitável a Deus somente através de Cristo. O puritano John Owen expressou isso da seguinte maneira:

Os crentes obedecem a Cristo, pois é somente por ele que sua

> obediência é aceita por Deus. Os crentes sabem que todas as suas [obras] são fracas, imperfeitas e incapazes de permanecer na presença de Deus. Portanto, olham para Cristo como aquele que leva a iniquidade de suas coisas santas, acrescenta incenso às suas orações, recolhe as ervas daninhas de suas obrigações e os torna aceitáveis a Deus.[6]

Somos salvos e recebemos o favor de Deus pela graça — isto é, pelo trabalho de Cristo em nosso favor. Então, por que obedecer, se a obediência não ganha o favor de Deus? A resposta, como já vimos, é simples, por pura gratidão a Deus pelo que ele fez por nós em Cristo. Portanto, a obediência que flui da nossa gratidão é a única obediência aceitável a Deus, a única capaz de trazer alegria aos nossos corações.

A recompensa da graça

Frequentemente surge a seguinte pergunta: "O que dizer sobre o ensino do Novo Testamento acerca do tribunal de Cristo onde prestaremos contas a Deus? (veja 2Co 5.10; Rm 14.12). Ora, não deveria existir questionamento sobre a produção de "boas obras", nem das que resultam de uma vida santa nem das do serviço a Deus. Afinal, Paulo disse que fomos "criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas" (Ef 2.10).

A pergunta, entretanto, é se essas boas obras nos garantem algum mérito com Deus? A reposta, se crermos que até mesmo nossos melhores feitos são corrompidos e imperfeitos, é que todo mérito é atribuído a Cristo somente. Consequentemente, todas as recompensas de Deus nos advêm estritamente por causa de sua graça.

O francês Lefèvre d'Etaples, que viveu de 1455 a 1536, foi um precursor da reforma protestante. Ele escreveu:

> É pura profanação falar de mérito de boas obras, especialmente

> na presença de Deus. Pois mérito claramente não pede um favor, antes, exige o que é devido... Se algum mérito deve ser atribuído a alguém, é completamente adequado atribuí-lo a Cristo, que mereceu tudo por nós. E diante de Deus confessamos que não merecemos nada, somente olhamos para ele para obter graça.[7]

Semelhantemente, o alemão Martin Bucer (1491-1551), contemporâneo de João Calvino, escreveu:

> O povo de Deus não é recompensado por suas boas obras, mas puramente pela graça gratuita de Deus e por seu querido Filho, pois através dele o Pai nos escolheu para a vida eterna antes da fundação do mundo, e nos criou para as boas obras, operadas em nós através do Filho (Jo 15.5), e nos recompensa tão generosamente. Consequentemente, ao recompensar nossas boas obras, na verdade, Deus está recompensando suas próprias obras e dons em nós.[8]

Tenha em mente que essas declarações sobre o relacionamento entre graça e recompensa foram escritas no início do século 16. Mas mesmo nos dias de Isaías, setecentos anos antes de Cristo, o profeta escreveu: "SENHOR... todas as nossas obras tu as fazes por nós" (Is 26.12). Paulo e Barnabé, retornando de sua viagem missionária, "relataram [à igreja de Antioquia] quantas coisas fizera Deus com eles e como abrira aos gentios a porta da fé" (At 14.27) . E posteriormente, Paulo escreveria: "A mim, o menor de todos os santos, me foi dada esta graça [este privilégio não merecido] de pregar aos gentios o evangelho das insondáveis riquezas de Cristo" (Ef 3.8). Então, vamos deixar de pensar em nossas recompensas para nos atentar inteiramente na graça de Deus, dada a nós através de Cristo Jesus. E assim, por gratidão, vamos lhe obedecer e servir com todo o nosso coração.

Graça e transformação

Se pensamos na graça como bênçãos (observe o plural) de Deus através de Cristo, então percebemos que sua graça é dinâmica. Não é apenas uma atitude benevolente, mas é Deus agindo para o nosso bem. E num sentido amplo, todas as expressões da graça na Bíblia podem ser resumidas em duas palavras: privilégio e poder. Às vezes, Paulo transmite a ideia de privilégio e poder na mesma sentença, outras vezes ele une essas palavras. Considere, por exemplo, 1Coríntios 15.9–10:

> Porque eu sou o menor dos apóstolos, que mesmo não sou digno de ser chamado apóstolo, pois persegui a igreja de Deus. Mas, pela graça de Deus, sou o que sou; e a sua graça, que me foi concedida, não se tornou vã; antes, trabalhei muito mais do que todos eles; todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo.

Notem que ele falou da graça de Deus como o privilégio imerecido de ser um apóstolo, e, ao mesmo tempo, da graça divina operando tão eficazmente nele, uma referência óbvia ao seu poder. E em 2Coríntios 12.9, Paulo funde a ideia de graça e poder: "A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza". Porém, o poder de Deus sempre nos vem através de Cristo e pelo Espírito Santo. É Cristo que nos garantiu o poder de Deus, e é pelo ministério do Espírito Santo em nós que seu poder nos é aplicado e se torna uma força operante em nossas vidas. Foi exatamente por essa razão que Paulo orou ao Pai: "para que, segundo a riqueza da sua glória, vos conceda que sejais fortalecidos com poder, mediante o seu Espírito no homem interior" (Ef 3.16).

O apóstolo Paulo escreveu a Timóteo: "Tu, pois, filho meu, fortifica-te na graça que está em Cristo Jesus" (2Tm 2.1). O verbo "*fortifica*" está no passivo presente. *Presente* significa

uma ação contínua, em andamento. *Passivo* significa que algo é feito ao sujeito. Então, podemos traduzir as palavras de Paulo desta maneira: "Sejam continuamente fortalecidos por uma fonte de força que está fora de vocês". E qual é esta fonte? É "a graça que está em Cristo Jesus". É o poder de Deus vindo através de Cristo e aplicado pelo Espírito Santo.

É importante que vejamos o poder de Deus como uma expressão de sua graça, pois agora alcançamos um ponto de transição em nosso estudo sobre a transformação baseada no evangelho. Até agora, vimos o evangelho como o alicerce e a motivação para a nossa busca de transformação espiritual. No próximo capítulo focalizaremos no processo, e essencial nesse processo é a obra do Espírito Santo de operar em nós e no capacitar a trabalhar. Por isso, o conteúdo do próximo capítulo centraliza-se na obra transformadora do Espírito Santo. E, lembre-se, essa obra transformadora é uma expressão da graça de Deus tanto quanto é nossa salvação.

PARA DISCUSSÃO EM GRUPO

1. Que formas de "graça barata" e "crença fácil" você encontrou ou abraçou no passado?
2. O que os pregadores temem mais quando pregam a mensagem da graça? Como você responderia a esse temor?
3. Boas obras, vida santa e serviço são partes da vida cristã, mas podem nos garantir o favor de Deus? Por que sim ou por que não?

CAPÍTULO OITO

A Obra Transformadora do Espírito Santo

E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito.

2 Coríntios 3.18

O poder transformador que a Bíblia descreve é muito mais que mudança de conduta ou melhora na moralidade humana; é realmente a obra do Espírito Santo no centro de nosso ser. A palavra *transformado* é usada na voz passiva, tanto em 2 Coríntios 3.18 como em Romanos 12.2. Em ambos os casos, somos o objeto, não o agente do processo de transformação; o agente é o Espírito Santo.

Nós realmente temos um papel ativo nesse processo. Todas as exortações e exigências no Novo Testamento pressupõem nossa responsabilidade de responder a elas. Olharemos mais para nossa responsabilidade nos próximos dois capítulos, mas por ora centralizaremos o estudo no papel e no trabalho do Espírito Santo. E o faremos por duas razões. Primeiro, assim como para ter um relacionamento diário com Deus somos naturalmente inclinados a depender de nossa própria realização, também somos inclinados a depender da nossa força de vontade, que sempre nos faz "tentar muito mais", para efetuar mudança em nosso caráter.

Então, já que para obtermos a aceitação de Deus precisamos olhar para fora de nós mesmos — para Cristo, e não

para nossas próprias realizações, devemos também olhar para fora de nós mesmos -para o Espírito Santo, a fim de que ele opere em nós e nos capacite a realizar a obra. No capítulo 1, relatei que em meus estágios iniciais de busca da santidade, simplesmente supus que encontraria na Bíblia o que Deus queria que eu fizesse e eu o faria. Não sabia nada sobre dependência real do Espírito Santo para me capacitar a realizar essa tarefa. Suspeito que a maioria dos cristãos intuitivamente creem como eu cria porque eles recebem o mesmo ensino que recebi.

A segunda razão pela qual precisamos estudar o papel do Espírito Santo em nossa transformação é para corrigir ensinos extremos e errôneos sobre ele, pois esses ensinos fizeram com que nos tornássemos muito cautelosos ao considerarmos a sua obra em nossas vidas. Percebam, então, que negligenciamos a obra do Espírito Santo em nosso detrimento. Afinal de contas, ele é o membro residente da Trindade em nós. Por incrível que pareça, nosso corpo é o templo do Espírito Santo (1Co 6.19). Pensem nisso! O Espírito Santo, uma das três pessoas da Trindade, realmente habita em nós. E o próprio Cristo habita em nós através do Espírito Santo (Ef 3.16–17).

"Pois em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade" (Cl 2.9), ou seja, tudo o que Deus tem para nós e todo o propósito que ele tem para nós em Cristo. Ele é a videira; nós somos os ramos (Jo 15.5). Contudo, é papel do Espírito Santo aplicar a vida e o poder em nós, como alguém aptamente disse: "o Espírito Santo aplica e Cristo concede". Não podemos experimentar uma gota da vida e do poder de Cristo à parte da obra do Espírito em nossas vidas.

No assunto da nossa transformação, os escritores da Escritura algumas vezes falaram da operação *de Deus* em nós, outras vezes, da operação *de Cristo* em nós, ou mesmo

fizeram uma referência indefinida a "ele" como em: "tudo posso naquele que me fortalece" (Fp 4.13). Mas em todos os casos, é o Espírito Santo que aplica e opera em nossas vidas aquilo que nos vem de Deus através de Cristo. Então, embora as pessoas de Cristo e do Espírito Santo sejam distintas, em nossa experiência de transformação, são indistinguíveis. Assim, podemos falar do poder de Cristo e do poder do Espírito Santo como expressões intercambiáveis. Porém, porque é o papel do Espírito Santo aplicar em nós o que o Pai preparou e o que Cristo obteve, focalizaremos neste capítulo a obra transformadora do Espírito Santo.

O Autor da Escritura

Ao começarmos nosso estudo sobre a obra do Espírito Santo, primeiramente devemos vê-lo como o autor da Escritura. Falamos da Bíblia como a Palavra de Deus, e assim é, vejamos o que Paulo escreveu: "Toda a Escritura é inspirada por Deus" (2Tm 3.16). Deus fez isso através do Espírito Santo. Como Pedro escreveu: "Homens [santos] falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo" (2Pe 1.21). Isso significa que o Espírito Santo infalivelmente guiou a mente dos escritores humanos para que eles escrevessem exatamente o que ele queria que eles escrevessem. Por isso encontramos expressões como "o Espírito Santo proferiu anteriormente por boca de Davi" (At 1.16; veja também 4.25; 28.25–27; Hb 3.7–11; 10.15–17).

Então, assim como Deus criou o universo através do Filho (Jo 1.3; Cl 1.16; Hb 1.2), ele também nos deu sua Palavra através do Espírito. Num capítulo subsequente, veremos que a Escritura é o instrumento principal do Espírito Santo enquanto ele opera para nos transformar. Por isso, enfatizamos a importância da Escritura em nosso crescimento espiritual (veja capítulo 11). Porém, devemos ter

em mente que é o Espírito Santo que nos capacita a entender a Escritura, e é o Espírito Santo que nos dirige e nos capacita a aplicá-la diariamente.

O Agente do Novo Nascimento

Por sermos descendentes de Adão e por causa do seu pecado no jardim do Éden, "nascemos mortos". Como Paulo disse em Efésios 2.1–2: "... estando vós mortos em vossos delitos e pecados, nos quais andastes outrora...". Entretanto, algumas sentenças depois, ele escreveu: "Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou, e estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo..." (v. 4–5). Quando éramos mortos, Deus nos tornou vivos. Como ele fez isto? A resposta de Jesus em João 3:5–8 é que nascemos novamente pelo Espírito. E Paulo escreveu que Deus nos salva "mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo" (Tt 3.5). A palavra *regeneração* significa "nascer de novo", logo, nosso novo nascimento é atribuído ao Espírito Santo.

Pedro disse que fomos "regenerados... mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente" (1Pe 1.23). Assim, nascemos de novo pelo Espírito e pela Palavra de Deus. Mas lembre-se, o Espírito é o autor supremo da Palavra, e ela é o instrumento que ele usa para realizar o novo nascimento em nossas vidas. Todavia, à parte da obra renovadora do Espírito, a Palavra permanece sem vida.

Eu cresci ouvindo a mensagem do Evangelho regularmente. Sabia que precisava pedir que Cristo fosse meu Salvador, mas por causa de circunstâncias decepcionantes, quando eu tinha treze anos, me refreei. Num sentido, eu queria ser um cristão, mas havia esse obstáculo do passado, do qual não podia me livrar. Vivi assim por cinco anos. Finalmente, certa

noite, com dezoito anos, eu orei: "Deus, custe o que custar, quero que Jesus seja meu Salvador". Imediatamente o Espírito testemunhou ao meu espírito que eu era filho de Deus (Rm 8.15). Só a Palavra de Deus não foi suficiente. Afinal, eu conhecia o evangelho, mas por causa do que me aconteceu aos treze anos, me refreei. O que aconteceu aos dezoito anos então? O Espírito de Deus trabalhou tanto em mim que me dispôs a lidar com aquele obstáculo. Foi assim que nasci de novo pelo Espírito de Deus.

A Testemunha de Nossa Adoção

Em Efésios 1.4–6, Paulo escreveu: "... e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade, para o louvor da sua graça". O que Paulo quis dizer por *adoção*? Ele quis dizer que Deus não somente nos justificou, mas também nos trouxe para sua família como seus próprios filhos e filhas. A *justificação* descreve nosso relacionamento *legal* com Deus; já a *adoção,* nosso relacionamento *familiar* com ele. Mediante nossa união com Cristo, Deus nos vê como justos – tão justos quanto seu Filho. E também mediante nossa união com Cristo, Deus nos vê como seus filhos adotados. Isso significa, dentre outras coisas, que Deus nos ama com o mesmo amor que ele tem por seu filho, porque somos unidos com ele.

É importante que percebamos que Deus se relaciona conosco não mais como um juiz soberano, mas como nosso Pai celestial. Um juiz pune para satisfazer a justiça, mas Jesus já satisfez a justiça de Deus em nosso favor. Um pai disciplina através do amor para desenvolver o caráter de seu filho, e é assim que Deus se relaciona conosco, ou seja, como filhos adotados.

Uma parte necessária da obra transformadora do

Espírito Santo em nós é iluminar nossas mentes para que progressivamente vejamos e nos tornemos mais sensíveis ao pecado que ainda permanece em nós, sejam atitudes pecaminosas, sejam ações que precisamos abandonar ou características do fruto do Espírito que precisamos desenvolver. Por essa razão, precisamos nos assegurar que, a despeito de nossa pecaminosidade contínua, seremos justos diante de Deus a cada dia. Porém, precisamos nos assegurar que Deus é por nós, e é neste ponto que o testemunho do Espírito sobre nossa adoção é tão importante.

Em Romanos 8.15, Paulo escreveu: "Porque não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez, atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai". Aqui Paulo chama o Espírito de "o Espírito de adoção". É o Espírito Santo que testemunha ao nosso espírito que somos filhos de Deus. É pelo Espírito que clamamos: "Aba,Pai"! Aba é uma palavra aramaica pela qual as criancinhas se dirigiam aos seus pais; assim, era um termo de relacionamento íntimo e de confiança. O equivalente no inglês moderno para Aba é *daddy* (paizinho). Se isto lhe parece íntimo demais e talvez irreverente, sugiro que você se dirija a Deus como "Pai querido". Isso manterá o senso de reverência, enquanto que, ao mesmo tempo, dará um senso de intimidade amorosa, mais do que simplesmente "Pai".

Muitos crentes veem Deus como um Pai austero e distante, pronto a atacá-los quando eles pecam. Se esta for a sua visão de Deus, eu o encorajo a orar para que o Espírito Santo lhe testemunhe a alegria e o conforto que você pode gozar como filho adotivo de Deus. E a prática deliberada de se dirigir a Deus como "Pai querido" certamente o ajudará. Assim, conforme você for crescendo no entendimento de sua adoção, também será motivado, pelo amor de Deus, a lidar com seu pecado.

O Agente da Santificação

A palavra *santificação* não é comum em nosso vocabulário cristão, especialmente entre os crentes mais jovens. E quando é usada, é empregada como se fosse sinônimo de transformação ou crescimento espiritual. De fato, essa é a maneira mais comum. Mas a Bíblia relaciona santificação à salvação. Observe como é usada nas duas passagens a seguir:

> Entretanto, devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos amados pelo Senhor, porque Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação, pela santificação do Espírito e fé na verdade, para o que também vos chamou mediante o nosso evangelho, para alcançardes a glória de nosso Senhor Jesus Cristo. (2Ts 2.13–14)

> Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos eleitos que são forasteiros da Dispersão no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia, eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e a aspersão do sangue de Jesus Cristo, graça e paz vos sejam multiplicadas (1Pe 1.1–2).

Ambos os textos fazem referência à "santificação do Espírito". A Nova Versão Internacional traz a expressão "a obra santificadora do Espírito". Mas observe que essa obra santificadora do Espírito tem conexão com a nossa salvação. E por que é assim?

O significado básico do verbo *santificar* é pôr à parte (separar) — neste caso, separar para Deus, para seu uso. Paulo escreveu que Jesus "a si mesmo se deu por nós, a fim de remir-nos de toda iniquidade e purificar, para si mesmo, um povo *exclusivamente seu*" (Tt 2.14, ênfase do autor). Pedro usou palavras semelhantes em 1Pedro 2.9: "Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de *propriedade exclusiva de Deus*" (ênfase do autor). Então, a obra santificadora é a obra do Espírito Santo, que nos liberta do domínio

da escuridão (Cl 1.13) e nos separa para sermos propriedade exclusiva de Cristo. O Espírito não nos dá somente uma nova vida espiritual (o novo nascimento), mas também nos separa para sermos propriedade de Cristo. Obviamente, esses atos do Espírito Santo ocorrem simultaneamente à nossa salvação. Lembre-se, o propósito de Deus em nos salvar é nos conformar à imagem de seu Filho. Afinal, aqueles a quem Deus justifica, o Espírito santifica.

Esse aspecto da santificação é frequentemente chamado de santificação definitiva porque é um evento único executado exclusivamente pelo Espírito Santo. Aqueles que são assim santificados são chamados "santos" (veja, por exemplo, 1Co 1.2; 2Co 1.1; Fp 1.1). A palavra *santo* significa literalmente "separado", e no sentido bíblico da palavra, todos os crentes são santos.

Entretanto, a posição de santo não é tanto uma posição de honra, mas de responsabilidade. Por termos sido separados pelo Espírito Santo para sermos propriedade exclusiva de Cristo, temos de viver para ele. Como Paulo escreveu aos coríntios: "não sois de vós mesmos, porque fostes comprados por preço" (1Co 6.19–20). Esse pensamento naturalmente nos leva ao assunto de transformação ou "santificação progressiva", como alguns preferem chamá-la. Por isso, por sermos propriedade exclusiva de Cristo, temos de viver mais e mais, em nossa experiência diária, vidas que refletem essa realidade. Chamamos isso de a busca da santidade, ou a busca pela semelhança com Cristo. Assim, neste ponto, fazemos a transição para discutir a responsabilidade que temos em nossa transformação. Porém, não podemos deixar o Espírito Santo fora desse processo, porque somos dependentes dele. Lembre-se, como vimos anteriormente, a palavra *transformado* é usada na voz passiva.

O Agente de Transformação

Como agente de transformação, o Espírito Santo tanto opera em nós quanto nos capacita a trabalhar. Como o escritor de Hebreus expressou: "[Que Deus] vos aperfeiçoe em todo o bem, para cumprirdes a sua vontade, operando em vós o que é agradável diante dele, por Jesus Cristo, a quem seja a glória para o todo o sempre. Amém!" (Hb 13.20–21).

O escritor orou para que Deus fizesse duas coisas: nos aperfeiçoasse para fazermos sua vontade e operasse em nós o que é agradável a ele. Assim, Deus, mediante o Espírito Santo, nos aperfeiçoa para fazermos o que temos de fazer, e ele também opera diretamente em nós o que é agradável a ele. Chamo esses dois aspectos da sua obra de operação sinergética e obra monergística. Sinergismo refere-se a duas pessoas trabalhando juntas, monergismo, a uma pessoa trabalhando sozinha.

Quando oramos para que Deus nos mude em alguma área de nossas vidas, estamos pedindo a obra monergística. Por exemplo, o escritor do Salmo 119 orou: "Inclina-me o coração aos teus testemunhos e não à cobiça. Desvia os meus olhos para que não vejam a vaidade" (v. 36–37). O salmista está pedindo a Deus para fazer por ele e para ele o que ele não pode fazer por si mesmo. Ele está pedindo que Deus, mediante o Espírito Santo, opere monergisticamente nele. Sabemos que em algum grau, podemos mudar nossa conduta, mas não nossos corações, isto é, o centro do nosso ser. Somente o Espírito Santo pode fazer isso, e ele o faz monergisticamente.

Como o Espírito opera esses tipos de mudanças? Ele opera, pelo menos, de três maneiras:

ELE TRAZ CONVICÇÃO

A primeira maneira como o Espírito Santo opera

diretamente em nós é trazendo convicção, ou conscientização de pecado específico. É óbvio que não podemos começar a lidar com uma questão específica de pecado até que primeiramente admitamos a sua existência. Somente o Espírito Santo pode criar essa conscientização, e ele tem maneiras diferentes de fazer isso. Ele pode imprimir em nossas mentes uma passagem específica da Escritura enquanto estamos lendo nossas Bíblias ou ouvindo uma mensagem. Ele nos faz associar a Escritura a uma questão em nossas vidas de maneira que vemos a aplicação e prontamente reconhecemos a existência do pecado em nosso caráter.

O Espírito Santo também desperta e sensibiliza nossa consciência. A consciência é nosso compasso moral interno, e, conforme é iluminada através das Escrituras, nos dá convicção de atitudes e ações pecaminosas.

O Espírito pode trazer à nossa lembrança uma série de pecados aparentemente insignificantes para nos mostrar que esses pecados são simplesmente uma expressão de um padrão em nossas vidas. Novamente, ele opera assim de maneira a fazer com que prontamente reconheçamos esse defeito em nosso caráter. Ele pode até mesmo usar a adversidade para chamar nossa atenção, levando-nos a reconhecer que temos um problema de pecado. Algumas vezes, ele envia um amigo ou parente, especialmente um cônjuge, para apontar um problema de pecado em nossas vidas. Essa é, provavelmente, a maneira mais dolorosa para nós, pois não gostamos de ser corrigidos. Assim, a menos que o Espírito amoleça nossos corações e nos faça receptivos, frequentemente nos ressentimos, ou pelo menos, dispensamos a correção.

Acima de tudo, o Espírito gradualmente nos leva à percepção de que ainda somos de fato pecadores, pecadores salvos, com certeza, mas ainda pecadores praticantes, todo

dia, em pensamento, palavra, ações e motivo. Ele nos leva ao ponto de dizermos como o apóstolo Paulo: "Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal" (1Tm 1.15). Aqui começa a mudança.

ELE CRIA O DESEJO

Ao nos mostrar a necessidade de mudança, o Espírito Santo opera em nós para criar o desejo de mudança. Realmente, podemos desejar mudar pela razão errada, ou por não gostarmos de sentir culpa ou por não gostarmos da derrota para algum padrão persistente de pecado. Mas o Espírito Santo opera em nós para criar um desejo teocêntrico de mudança. Ele faz isso quando nos mostra nosso pecado e, ao mesmo tempo, nos capacita a experimentar o perdão deles, assim, o dom de justiça de Cristo é creditado a nós. É claro que um dos instrumentos que ele usa para nos motivar é o evangelho, mas, mesmo assim, somos dependentes dele. Podemos "pregar o evangelho para nós mesmos todo dia", mas a menos que o Espírito Santo prenda nossos corações com a realidade das boas-novas, não seremos motivados por ele. Assim, devemos orar para que ele faça isso. Particularmente, oro quase todo dia para que Cristo me controle com seu amor e me faça querer mudar para agradá-lo. (Talvez você queira reler a seção "Controlado pelo amor", no capítulo 6).

ELE CRIA MUDANÇA

Após nos fazer cientes de nossas necessidades e criar um desejo de mudança, o Espírito Santo opera em nossos corações para realizar essa mudança. Neste aspecto de sua obra, ele opera diretamente, misteriosamente (no sentido que não podemos discernir como ele opera), sem nossa consciência ou envolvimento consciente. Não posso explicar como ele o faz; posso somente testificar essa realidade em minha vida.

Creio que é a isso que o escritor de Hebreus se referiu quando escreveu: "[Que Ele opere] em vós o que é agradável diante dele" (13.21).

Somos ordenados a amar uns aos outros, mas há momentos que, por causa da personalidade ou das ações de uma pessoa, achamos impossível amá-la. Porém, quando oramos para que Deus nos mude, vemos uma atitude nova, amorosa, criada em nossos corações. Essa é a obra monergística do Espírito. Tenho experimentado essa realidade em minha vida. Uma pessoa a quem acho difícil amar se torna um bom amigo. Ele mudou? Não, o Espírito Santo me mudou.

Em meu livro *Respectable Sins* (Pecados Respeitáveis), reconheci que sempre fico ansioso quando preciso viajar de avião. Não estou falando sobre temor de voar. Refiro-me à ansiedade sobre voos atrasados que me farão perder uma conexão ou então me farão chegar atrasado demais numa reunião. E também há ocasiões em que minha mala não chega no mesmo voo. Por incrível que pareça, ambas as situações me aconteceram na semana que eu escrevia estas palavras, então lutei com ansiedade. Primeiro pensei se eu deveria ou não fazer uma conexão. E quando minha mala não chegou, novamente lutei com ansiedade. Fiquei pensando: Será que minha mala chegará a tempo?

Ora, eu sei muito bem que não devemos ser ansiosos. Sei que Deus é soberano sobre cada circunstância de minha vida e que ele me ama com amor infinito, porém, não posso mudar meus sentimentos de ansiedade. Todavia, conforme oro, o Espírito Santo me capacita a confiar em Deus, pelo menos, em certa medida. Essa ainda é uma área de crescimento em minha vida, mas posso ver, pelo tempo, que o Espírito Santo está me mudando.

Cito esses exemplos de amar uma pessoa difícil de amar

e de ansiedade em circunstâncias de viagem para destacar que há momentos que não podemos mudar a nós mesmos. Podemos, até certo grau, mudar nossa conduta, sendo agradáveis com a pessoa difícil de amar, mas não podemos mudar nossa atitude do coração. Posso citar a Escritura para relembrar que Deus é soberano e amoroso, mas não posso aquietar meu coração ansioso. Somente o Espírito Santo pode fazer ambos: criar em mim amor por uma pessoa difícil de amar e acalmar minhas emoções ansiosas.

Talvez eu tenha enfatizado demais esses incidentes em minha vida, mas é porque quero que você veja que a obra direta e exclusiva do Espírito Santo é parte crucial de nossa transformação espiritual. É importante que percebamos isso, lhe agradeçamos por sua obra, e regularmente oremos por tudo isso. De fato, as orações de Paulo em Efésios 3.14–19 e Colossenses 1.9–12 pressupõem a obra direta do Espírito Santo em nós. Frequentemente, prestamos tanta atenção ao que precisamos fazer (assunto do próximo capítulo) que negligenciamos totalmente nossa total dependência do Espírito para fazer o que não podemos.

A Obra de Capacitação do Espírito

Enquanto lemos o Novo Testamento e vemos as muitas exortações e ordens morais, precisamos nos convencer de que há muito trabalho para fazermos. Mas há um problema: Não temos nenhum poder para fazer o trabalho. Então, temos de voltar nossa atenção para a obra de capacitação do Espírito — isto é, sua obra sinergética.

Jesus disse em João 15.5: "Sem mim, nada podeis fazer". Nada? Isso mesmo. Nada. Imagine um grande motor elétrico projetado para impulsionar uma máquina grande, como um torno. Você aperta o interruptor e nada acontece. Por quê? O motor não foi conectado à sua fonte de energia: a corrente

elétrica de 220 volts. Esse grande motor não tem absolutamente nenhuma energia dentro de si mesmo. Para funcionar, depende de uma fonte de energia externa (a corrente de 220 volts). Se personificarmos a corrente elétrica e o motor, podemos usar as palavras de Jesus como se ele dissesse ao motor: "Sem mim nada podeis fazer".

É exatamente assim que somos. Deus nos deu um novo coração (Ez 36.26), e esse novo coração pode ser comparado ao motor elétrico. Ele não tem nenhum poder em si mesmo. O poder reside no Espírito Santo, que vive em cada crente (Ez 36.27, 1Co 6.19). Como, então, nos conectamos ao poder do Espírito? Fazemos isso pela fé — renunciando qualquer confiança em nossa força de vontade e dependendo inteiramente do Espírito Santo para nos dar poder.

Permanência — Confiança

Em João 15.4–5, Jesus deixou claro que a fonte divina de vida e poder está no ato de permanecer nele. Mas como alguém permanece?

Na maioria das vezes, pensamos que permanecer em Cristo está relacionado com atividades de estudar a Bíblia e orar. Essas são atividades espirituais importantes que tratarei no capítulo 10. Mas essas atividades realmente não fazem com que permaneçamos em Cristo; elas simplesmente compõem a nossa comunhão com Cristo. O que, então, significa permanecer em Cristo? Permanecer em Cristo é confiar nele para ter sua vida e seu poder. Pela fé, renunciamos qualquer confiança em nossa própria sabedoria, força de vontade e força moral para confiarmos completamente nele, o único que pode suprir sabedoria espiritual e poder de que precisamos. Isso não quer dizer que nos afastamos e apenas "entregamos tudo a ele" para viver sua vida através de nós; antes, confiamos nele para nos capacitar (trataremos disso no

próximo capítulo). Assim, podemos dizer que nossa salvação é pela fé e que nossa transformação é também pela fé. Mas não queremos dizer que o objeto de nossa fé é o mesmo em ambos os casos.

Na salvação, o objeto de nossa fé é Cristo e sua obra consumada por nós. Quando ele emitiu essas palavras memoráveis "Está consumado" (Jo19.30), foi um brado de triunfo, a salvação que ele ganhou para nós em sua vida impecável e em sua morte levando o pecado, foi completamente realizada. Não havia mais nada para ele fazer. E ao confiar nele para nossa salvação, não há mais nada que possamos fazer, a não ser aceitá-lo pela fé.

Por contraste, o objeto de nossa fé na transformação espiritual é Cristo e sua obra contínua em nós através do Espírito Santo. Assim, em nossa transformação, há algo para fazermos. Na salvação, somos passivos, exceto para crer. Na transformação, somos ativos , pois buscamos a santidade em confiança no Espírito Santo para aplicar o poder de Cristo em nossos corações a fim de capacitar-nos a fazer sua vontade.

Você observará, sem dúvida, que eu dei mais ênfase neste capítulo ao ministério monergístico do Espírito em nós em oposição à sua obra sinergética de nos capacitar para trabalhar. Há duas razões para isso. Primeiro, vamos dedicar um capítulo inteiro à obra do Espírito e seu poder de nos capacitar. Segundo, creio que sempre damos pouca atenção ao seu ministério monergístico direto. Tendemos a pensar tanto no que precisamos fazer que raramente pensamos em nossa dependência do Espírito para até mesmo nos capacitar, muito menos operar monergística e diretamente em nosso coração para nos mudar.

A dependência do Espírito Santo é um processo crescente para mim. No capítulo 1, contei como adotei por um tempo

uma abordagem totalmente passiva sobre crescimento espiritual, com seu *slogan* "Apenas deixe Jesus viver sua vida através de você". Quando Deus me resgatou desse pensamento, comecei a entender o princípio bíblico de responsabilidade dependente, significando que sou responsável pela busca da santidade, mas sou dependente do Espírito Santo para ter seu poder capacitador. Por causa da experiência inicial com a abordagem totalmente passiva, meu conceito de responsabilidade dependente pôs ênfase em minha responsabilidade. Resumindo em duas palavras, seria o seguinte: "RESPONSABILIDADE dependente".

Com o passar do tempo, percebi de modo mais profundo como sou completamente dependente do Espírito Santo em meu crescimento espiritual. Gradualmente, meu conceito do relacionamento entre dependência e responsabilidade se tornou assim: "RESPONSABILIDADE DEPENDENTE". Mas mesmo neste estágio, eu não estava tão ciente da necessidade da operação do Espírito Santo diretamente em mim, para me mudar em áreas que eu não poderia fazê-lo sozinho.

Você pode perguntar: "Como o Espírito opera em nós, quer monergística ou sinergeticamente, e nos capacita a trabalhar? A resposta é: não sabemos, pois a Bíblia nunca trata dessa questão. Paulo escreveu: "O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus" (Rm 8.16), mas ele nunca nos disse como o Espírito Santo interage com nosso espírito humano para criar esta segurança. O apóstolo simplesmente afirmou que ele o faz. E conforme veremos no próximo capítulo, o Espírito realmente opera em nós e nos capacita a trabalhar, mas a Escritura nunca nos diz como. Realmente é um mistério como ele opera em nós, mas é uma realidade o fato de ele realmente operar em nós. Sim, é fato, como veremos no próximo capítulo, "Responsabilidade dependente".

PARA DISCUSSÃO EM GRUPO

1. Que papel o Espírito Santo tem em nossa transformação? É diferente do papel do Pai e do Filho?
2. O que é a obra monergística do Espírito Santo? Como se difere da sua operação sinergética?
3. O objeto de nossa fé na transformação espiritual é Cristo e sua obra contínua *em* nós através do Espírito Santo. Como isso é diferente do objeto de nossa fé para a salvação?

CAPÍTULO NOVE

Responsabilidade Dependente

Assim, pois, amados meus, como sempre obedecestes, não só na minha presença, porém, muito mais agora, na minha ausência, desenvolvei a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade.

Filipenses 2.12–13

A passagem da Escritura que expressa mais claramente o princípio da responsabilidade dependente é Filipenses 2.12–13. O versículo 12 diz que temos de desenvolver a nossa salvação, isto é, a nova vida, implantada em nós no momento da nossa salvação, precisa ser desenvolvida diariamente. Essa responsabilidade é nossa. Porém, o versículo 13 nos diz que Deus opera em nós, tanto o querer quanto o realizar.

No Velho Testamento, no Salmo 127.1 é dito: "Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam; se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigia a sentinela". Duas atividades são mencionadas: construção e vigilância. Num sentido geral, essas duas atividades descrevem nosso papel na transformação. Devemos sempre "edificar" o caráter cristão em nossas vidas. Ao mesmo tempo, devemos "vigiar" nossas vidas, protegendo-nos da tentação.

Ao examinar esse versículo, observe primeiro o que o salmista não disse. Ele não falou que o Senhor ajuda o construtor ou o vigilante. Ao contrário, ele realmente afirmou que Deus edifica a casa e vigia a cidade. Mas o construtor ainda

edifica e o vigilante vigia.

Ninguém questiona que eles devem cumprir suas respectivas responsabilidades. Eles não podem "apenas entregá-las ao Senhor" e deixá-lo edificar ou vigiar. Não, eles devem fazer seu trabalho. Mas toda atividade de edificação e vigilância seria inútil se o Senhor não edificasse e não vigiasse. Então, o que o salmista está nos ensinando? Ele está nos ensinando que somos tanto responsáveis quanto dependentes.

O apóstolo Paulo expressou esse princípio de responsabilidade dependente tanto em sua vida quanto no seu ministério. Em relação à sua vida, ele disse: "Tudo posso naquele que me fortalece" (Fp 4.13). No contexto, "tudo" se refere à sua vida pessoal. Mas em Colossenses 1.29, ele falou do seu ministério: "Para isso [seu ministério] é que eu também me afadigo, esforçando-me o mais possível, segundo a sua eficácia que opera eficientemente em mim". A palavra *afadigo* implica trabalho ao ponto de exaustão. A palavra *esforçando* tem origem na palavra grega da qual também obtemos a palavra *agonizar*. Afadigo se refere às atividades de proclamação de Paulo, advertindo e ensinado (veja v. 28). Seu esforço aparentemente se refere à sua vida de oração, porque ele usou a mesma palavra quando escreveu sobre Epafras se esforçando em oração (veja Cl 4.12). Tanto *afadigo* quanto *esforçando* são palavras fortes, vigorosas e que indicam a intensidade com que Paulo se engajou em seu ministério de pregação e oração. Mas ele fez isso em completa dependência de Cristo, que operou tão poderosamente dentro dele.

Paulo reconheceu que era responsável, então ele trabalhou até ao ponto da exaustão física. Porém, ele também reconheceu que era completamente dependente do poder de Cristo para tornar seu trabalho eficaz, assim ele se esforçou (agonizou) em oração para que Cristo operasse nele e através dele.

A época dos puritanos ingleses, no século 17, sem dúvida foi a época mais influente do evangelicalismo. Seus livros e sermões, mesmo com uma linguagem difícil, ainda hoje são impressos, lidos e aproveitados em todas as nações de fala inglesa. Os puritanos entenderam o conceito de responsabilidade dependente. Eles diziam (não é uma citação exata, mas capta a atitude deles): "Trabalhe como se tudo dependesse de você, mas ore como se tudo dependesse de Deus". Eles se esforçavam diligentemente para se tornarem mais como Cristo, mas eles também oravam diligentemente porque sabiam que o Espírito Santo é quem podia tornar seus esforços eficientes. Essa é a maneira pela qual aplicamos o princípio de responsabilidade dependente.

Provérbios

Provérbios 2.1–5 é outra passagem da Escritura que habilmente descreve o que eu quero dizer com a expressão *responsabilidade dependente*. Mas a razão porque a incluí neste capítulo é que ela apresenta outro traço do caráter necessário para nossa transformação: um espírito pronto a aprender. Eis a passagem:

> Filho meu, se aceitares as minhas palavras e esconderes contigo os meus mandamentos, para fazeres atento à sabedoria o teu ouvido e para inclinares o coração ao entendimento, e, se clamares por inteligência, e por entendimento alçares a voz, se buscares a sabedoria como a prata e como a tesouros escondidos a procurares, então, entenderás o temor do SENHOR e acharás o conhecimento de Deus.

Nessa passagem, Salomão apresentou três atitudes necessárias à pessoa que entende o temor de Deus. Por não querer tratar do assunto do temor de Deus agora, deixarei uma simples definição do temor de Deus: "profunda reverência

por Deus numa vida que busca agradá-lo". Sendo assim, a passagem em questão realmente é relevante ao nosso assunto de transformação espiritual, para agradar a Deus através da busca de santidade. A primeira atitude que Salomão ressaltou foi a busca por um espírito pronto a aprender (veja v. 1). A pessoa que age assim recebe as palavras de seu Pai e esconde seus mandamentos em seu coração. Ela não somente está aberta à instrução, ela a entesoura.

Espírito Pronto a Aprender

Um espírito pronto a aprender começa com um espírito humilde, que reconhece que sabe pouco da Palavra de Deus e aplica ainda menos o que realmente conhece. É um espírito que reconhece que tem muito pecado não confessado e abandonado, especialmente em áreas que são chamadas de "pecados respeitáveis". É um espírito que reconhece a necessidade de crescer nos traços de caráter que Paulo chama de fruto do Espírito: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio (veja Gl 5.22–23).

Resumindo, um espírito pronto a aprender descreve a pessoa que sabe que precisa mudar e crescer, e está ansiosa por fazê-lo. Essa pessoa estuda a Bíblia não para simplesmente adquirir conhecimento, mas para aplicá-lo à sua vida. Na Bíblia, a palavra *conhecimento* é frequentemente a tradução de duas palavras gregas diferentes, *ginosko* e *epiginosko*. A primeira palavra é usada para a aquisição do puro conhecimento ou verdade. A segunda, obviamente, baseia-se na primeira, mas sugere uma percepção e aplicação mais completa do conhecimento.

Vemos a diferença entre as duas palavras no uso que Paulo faz delas em 1Coríntios 8.1 e Colossenses 1.9. Em 1Coríntios, Paulo usou a palavra grega *ginosko*, que é traduzida

por "conhecimento". Os coríntios "sabiam" que "o ídolo, de si mesmo, nada é" e que "não há senão um só Deus" (8.4). Paulo não questionou a exatidão do conhecimento deles. O problema não foi falta de conhecimento, mas uma aplicação errada desse conhecimento na área de liberdade e amor cristãos.

Por contraste, em Colossenses 1.9, Paulo orou para "que transbordeis de pleno *conhecimento* da sua vontade, em toda a sabedoria e entendimento espiritual" (ênfase do autor), ele usou a palavra *epiginosko*. Paulo desejava que os colossenses participassem desse conhecimento aplicando-o em suas vidas.

Paulo também usou *epiginosko* em Tito 1.1, onde falou do "... [nosso] conhecimento da verdade segundo a piedade" ou, segundo outra tradução: "conhecimento da verdade que leva à piedade". Em qual direção o conhecimento que temos da Escritura está nos levando? Está nos levando na direção do orgulho, onde temos muito conhecimento, mas falhamos em aplicá-lo ou o aplicamos erroneamente? Ou será que o nosso conhecimento da Escritura está nos levando a fazer a vontade de Deus de maneira a nos conduzir ao crescimento em piedade?

Essas perguntas são pertinentes ao espírito pronto a aprender e consequentemente à nossa transformação. Não estaremos verdadeiramente prontos a aprender a menos que nosso desejo de aprender mais da Bíblia seja motivado pelo desejo sincero de crescer na semelhança de Cristo, e não pela simples satisfação de conhecer os fatos e a doutrina bíblica. Podemos facilmente nos enganar com nosso conhecimento intelectual (nosso *ginosko*) e assim deixarmos de ter experiência e aplicação genuínas desse conhecimento (*epiginosko*).

Atitude Diligente

Um espírito pronto a aprender, entretanto, não é suficiente. Ele deve vir acompanhado de uma atitude diligente – atitude que procura instrução nas Escrituras como se procura um tesouro valioso. É uma atitude que nos estimula à ação e nos leva a crescer em nossas vidas cristãs. O apóstolo Pedro, após falar do poder e das promessas a nós disponíveis (veja 2Pe 1.2–4), exorta os crentes a reunir "toda a vossa diligência" ou, numa linguagem mais clara, "aplicar" toda diligência para acrescentar à fé vários traços do caráter cristão (veja 2Pe 1.5–7). Pense na diligência e no trabalho duro implicados nas palavras de Provérbios 2.4: "Se buscares a sabedoria como a prata e como a tesouros escondidos a procurares...".

Uma variação dessa palavra na língua grega é traduzida em 2 Timóteo 2.15 como "Faça o seu melhor". Em Hebreus 4.11, é traduzida como "Esforcemo-nos, pois, por entrar naquele descanso [de Deus]". "Faça o seu melhor" e "esforcemo-nos" são palavras fortes, vigorosas. Será que elas descrevem sua busca de santidade, ou você já alcançou um nível de conduta cristã aceitável e alçou um certo patamar em seu crescimento espiritual? Você está mais amoroso, mais paciente, mais compassivo, mais generoso com seu dinheiro, mais pronto a perdoar os erros cometidos contra você do que estava a um ano atrás?

O que, então, irá nos estimular e motivar a buscar a santidade com todo o vigor implicado em frases como: "reunindo toda a vossa diligência", "ser diligente", "fazer o seu melhor", "esforçar", "buscar como a prata" ou "buscar como a tesouros escondidos"? Para isso, precisamos voltar ao capítulo 6, "A motivação do Evangelho". Certamente, busca de santidade que não for baseada na motivação do evangelho logo se tornará dever ao invés de prazer. E pode bem levar

ao orgulho religioso, porque medimos nossa santidade pela conduta religiosa respeitável; ou pode levar ao desânimo e até mesmo ao desespero, porque não estamos vivendo conforme nossas expectativas, e menos ainda o que supomos ser as expectativas de Deus.

O Exemplo de Paulo

Porque essa é uma questão importante, vamos voltar ao assunto de motivação do evangelho uma vez que é exatamente o que vemos na vida do apóstolo Paulo. Em Filipenses 3.4–9, Paulo descreve como dramaticamente mudou de fariseu zeloso, mas hipócrita, para uma pessoa completamente dependente da justiça de Cristo (veja v. 9). Que efeito isso teve em Paulo? Ora, isso levou-o a dizer: "Já que sou justo em Cristo, não importa como vivo"? Absolutamente não! Eis suas palavras, conforme relatadas em Filipenses 3.12–14:

> Não que eu o tenha já recebido ou tenha já obtido a perfeição; mas prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus. Irmãos, quanto a mim, não julgo havê-lo alcançado; mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus.

Observe os fortes e intensos verbos que Paulo usou para se descrever como alguém justo em Cristo Jesus. A palavra *prossigo*, nos versículos 12 e 14 em outro lugar é traduzida por *segue* (veja 1Tm 6.11 e 2Tm 2.22). É a mesma palavra grega, que num contexto diferente significa *perseguir*. De fato, Paulo usou a mesma palavra em Filipenses 3.6; onde, referindo-se à sua vida prévia como fariseu, disse: "Quanto ao zelo, perseguidor da igreja".

O zelo que Paulo teve como fariseu, ele também teve na sua nova vida, mas agora, estava direcionado em se tornar

tudo o que Deus queria que ele fosse em Cristo Jesus. No versículo 13, Paulo usou uma figura diferente — a de um atleta esforçando-se com toda a sua energia para atravessar a linha de chegada. Estando na linha de chegada, você pode ver o olhar de intensidade e, às vezes, de agonia no rosto dos atletas. Assim era Paulo na sua busca pessoal de santidade. Lembre-se de que Paulo escreveu estas palavras quando estava numa prisão domiciliar em Roma. Na Epístola a Filemom, ele se referiu a si mesmo como um velho (veja Fm 9), mas em Filipenses 3, ele mostrou o mesmo zelo e intensidade de um homem jovem participando de uma corrida nos jogos gregos daquela época.

O que mantinha esse zelo aceso no coração de Paulo? Era a apropriação diária do evangelho. Quando, no versículo 9, ele falou sobre ter a justiça que não vem da [obediência à] lei, mas sim a que é pela fé em Cristo, ele não estava falando de um fato passado relativo ao tempo em que foi salvo, mas de uma realidade diária de apropriação da infinita justiça de Cristo pela fé. Estando diariamente ciente de que ele era justo em Cristo, isso o impulsionava a buscar na sua experiência diária aquilo que ele era em sua posição em Cristo. Uma apropriação diária do evangelho na qual vemos que os nossos pecados são perdoados e que comparecemos diante de Deus cobertos com a justiça de Cristo é a chave para a busca diligente da santidade.

Atitude Dependente

Voltando a Provérbios 2, vimos que diligência supõe dependência: "e, se clamares por inteligência, e por entendimento alçares a voz" (v. 3). Clamar e alçar a voz são expressões figuradas de oração, e oração deve ser uma expressão concreta da nossa dependência (ainda que frequentemente nossas orações não são mais do que uma

lista de desejos apresentados a Deus). Quando estamos de joelhos (pelo menos em nossa atitude, se não em nossa postura), reconhecemos perante Deus que somos inúteis sem sua operação em nós. Reconhecemos que para progredir na busca de santidade, somos absolutamente dependentes dele para iluminar nosso entendimento da Escritura e, mais importante, torná-lo aplicável em nossas vidas.

Muitas vezes é difícil manter a relação correta entre os princípios de diligência e dependência. Frequentemente, enfatizamos um em detrimento do outro. De fato, alguns professores e pregadores da Bíblia bem intencionados irão deliberadamente subverter um ou outro por causa da sua crença de que a diligência e a dependência são intrinsicamente incompatíveis.

O grande pastor e teólogo puritano, John Owen, tratou desse conceito errado em seu tratado magistral sobre o Espírito Santo. Escrevendo sobre as promessas da graça de Deus (neste contexto, seu poder capacitador), ele disse:

> Precisamos considerar a nossa própria obrigação e a graça de Deus. Alguns iriam separar essas coisas como se fossem inconsistentes. Se a santidade for nossa obrigação, não há lugar para a graça, e se for um efeito da graça, não há lugar para a obrigação. Mas nossa obrigação e a graça de Deus não estão em lugares opostos no assunto de santificação; pois um pressupõe o outro. Não podemos realizar nossa obrigação sem a graça [i.e., seu poder capacitador], nem Deus nos dá sua graça para qualquer outro fim a não ser para realizarmos nossa obrigação.[1]

Assim, a graça e a obrigação não são incompatíveis. Ao contrário, elas são inextricavelmente acopladas na dinâmica da transformação espiritual.

Diligência e Dependência

Vemos a combinação de diligência e dependência no Salmo 119. Embora esses dois princípios estejam espalhados pelo salmo, há duas seções que os enfatizam. Primeiro, nos versículos 9–16, o salmista expressa sua diligência:

> De que maneira poderá o jovem guardar puro o seu caminho? Observando-o conforme a tua palavra.
>
> De todo o coração te busquei; não me deixes fugir aos teus mandamentos.
>
> Guardo no coração as tuas palavras, para não pecar contra ti.
>
> Bendito és tu, Senhor, ensina-me os teus preceitos.
>
> Com os lábios tenho narrado todos os juízos da tua boca.
>
> Mais me regozijo com o caminho dos teus testemunho do que com todas as riquezas.
>
> Meditarei nos teus preceitos e às tuas veredas terei respeito.
>
> Terei prazer nos teus decretos; não me esquecerei da tua palavra.

Observe o pronome pessoal eu, subtendido nas seguintes frases: "Eu te busco". "Guardo no coração as tuas palavras". "Tenho narrado todos os juízos da tua boca". "Me regozijo com o caminho dos teus testemunhos". "Meditarei nos teus preceitos". "Terei prazer nos teus decretos". "Não me esquecerei da tua palavra".

Mas nos versículos 33–37, ele expressou sua dependência:

> Ensina-me, Senhor, o caminho dos teus decretos; e os seguirei até o fim.
>
> Dá-me entendimento, e guardarei a tua lei; de todo o coração a cumprirei.
>
> Guia-me pela vereda dos teus mandamentos, pois nela me comprazo.

> Inclina-me o coração aos teus testemunhos e não à cobiça.
>
> Desvia os meus olhos, para que não vejam a vaidade, e vivifica-me no teu caminho.

Ainda que o pronome tu não seja usado, está subentendido em toda a passagem. "Ó Senhor, ensina-me". "Tu me dás entendimento". "Tu me guias pelas veredas dos teus mandamentos". "Tu inclinas meu coração aos teus testemunhos". "Tu desvias os meus olhos para que não vejam a vaidade". O salmista era tanto diligente quanto dependente.

Jonathan Edwards

Um dos melhores exemplos da relação entre diligência e dependência está na vida do grande teólogo americano, Jonathan Edwards. Edwards é destacado, dentre muitas outras coisas, por suas setenta resoluções para reger seu coração e sua vida, todas escritas antes que ele tivesse vinte anos de idade.[2] Essas resoluções são tão severas que estão além da compreensão de muitos cristãos dos dias atuais. Eis apenas dois exemplos:

- Resolvi nunca fazer nada que eu deveria ter medo de fazer, se fosse a última hora da minha vida.
- Resolvi nunca desistir, nem ao menos afrouxar, minha luta contra minhas corrupções, não importa quão mal sucedido eu possa ser.

Observe a diligência subentendida nessas resoluções. De fato, Edwards as revisava semanalmente para mantê-las em sua mente.

Porém, Edwards reconheceu sua dependência de Deus. Portanto, ele fez um prefácio para suas resoluções com esta sentença: "Reconheço que sou incapaz de fazer qualquer coisa sem a ajuda de Deus, então, humildemente suplico-lhe

por sua graça para me capacitar a cumprir as Resoluções, enquanto elas estão de acordo com sua vontade, por causa de Cristo".[3]

Notavelmente, em anos posteriores, ele falou do excesso de dependência em sua própria diligência. O biógrafo Iain Murray escreveu:

> Posteriormente, longe de repudiar o fervor daqueles primeiros dias, ele passou a enxergar mais acerca de si mesmo do que na época em que escreveu suas resoluções. Ele buscou a santidade, conforme posteriormente escreveu, "com tamanha diligência e fervor como jamais havia buscado qualquer outra coisa em minha vida. Contudo, eu fazia isso dependendo demais das minhas próprias forças, o que mais tarde se revelou um grande dano para mim. Minha experiência, então, nunca me ensinou tanto sobre minha debilidade e impotência em todos os aspectos, manifestando a profundidade sem fundo da corrupção e do engano escondidos em meu coração".

Como conciliar a afirmação de dependência de Deus que Edwards tinha e sobre a qual escreveu no começo de suas resoluções com essa confissão posterior de dependência de sua própria força? Apesar de, até onde eu sei, ele nunca ter falado sobre isso, é razoável supor que ele passou de uma consciência meramente mental ou teórica acerca da dependência de Deus para uma experiência real, à medida que cresceu em sua jornada cristã e viu, como ele mesmo expressou, sua "debilidade e impotência".

Há uma lição aqui para todos nós hoje. Podemos ler João 15.4–5 e dizer: "Sim, isso mesmo. Sem ele, eu nada posso fazer". Concordamos com ele porque está na Bíblia. Jesus o disse, então é verdade. Isso é bom. Isso é conhecimento; isso é *ginosko*. Mas, para realmente aprender a depender de Cristo, nosso conhecimento teórico tem de se tornar experiencial. Tem de crescer e passar de *ginosko* para *epiginosko*. Essa é uma

característica do crescimento cristão genuíno.

Creio que essa é a razão pela qual frequentemente lutamos com nosso pecado. O Espírito nos retém seu poder para permitir que experimentemos, em primeira mão, a debilidade e impotência que Edwards sentiu. Ele faz isso, é claro, para nos trazer um senso de desespero e usarmos as palavras de Provérbios 2.3: "se clamares por [ajuda] e alçares a voz [por seu poder capacitador]".

E quando falhamos — e vamos falhar — em nossa luta contra o pecado, temos de voltar ao evangelho e ver Jesus levando aquele pecado em seu próprio corpo na cruz, e nos revestindo com sua justiça. O amor não merecido por nós de sua parte é o que nos dá coragem e motivação para prosseguirmos na busca da santidade, mesmo em meio à nossa falha.

PARA DISCUSSÃO EM GRUPO

1. Usando suas próprias palavras, como você descreveria a expressão *responsabilidade dependente*?
2. Como as Escrituras citadas neste capítulo dão base ao conceito de responsabilidade dependente se opõem à posição teológica que aconselha: "relaxe e deixe com Deus"?
3. Que lição sobre o equilíbrio entre dependência e diligência Jonathan Edwards aprendeu em seus últimos anos? O que podemos tirar disso?

CAPÍTULO DEZ

Instrumentos da Graça

Fortifica-te na graça que está em Cristo Jesus.
2 Timóteo 2.1

Já olhamos 2Timóteo 2.1 no capítulo sete, onde vimos que a graça de Cristo, pela qual devemos ser fortalecidos, é o poder de Cristo aplicado em nossas vidas pelo Espírito Santo. Mas tenha em mente que esse poder é uma expressão da *graça*, a bênção de Deus, mediante Cristo, para aqueles que merecem sua maldição. O poder que precisamos para viver a vida cristã é um favor imerecido da parte de Deus tanto quanto é o dom da nossa salvação.

Ao aplicar o poder de Cristo a nós, entretanto, o Espírito Santo usa meios ou, como eu prefiro chamar, instrumentos da graça. E embora sejam seus instrumentos, é nossa responsabilidade aproveitá-los. Tenho uma esteira e um kit de pesos que uso para tentar manter um nível razoável de aptidão física. Esses equipamentos são instrumentos para aptidão física, mas não realizarão seu propósito se eu não usá-los. Da mesma maneira, os instrumentos da graça do Espírito Santo não realizarão seu propósito se eu não aproveitá-los. Podemos aproveitá-los mediante o que geralmente é chamado de disciplinas espirituais.

Imediatamente algumas pessoas bem intencionadas se erguem à menção de disciplinas espirituais. Elas associam essas práticas a um espírito de legalismo ou, como prefiro chamar, uma atitude de desempenho. É verdade que muitos de

nós começamos a praticar essas disciplinas porque genuinamente queremos crescer. Mas, no correr do tempo, passamos gradualmente para uma mentalidade de desempenho em direção a Deus na qual pensamos que a prática dessas disciplinas ganha o favor de Deus e a falha em praticá-las ganha seu desfavor. Há o perigo de essa atitude entrar de mansinho em nossa prática das disciplinas, mas podemos ajudar a evitar essa mentalidade, se pensarmos nelas como instrumentos da graça e entendermos a natureza da graça de Deus como seu favor a nós mediante Cristo.

Embora a prática dessas disciplinas envolva nossa atividade, temos sempre de depender do Espírito Santo para torná-las eficaz em nossas vidas. Como alguém bem disse: a graça não torna nosso esforço desnecessário, e sim eficaz. Então, a mesma atividade é tanto um instrumento da graça da parte do Espírito Santo quanto uma disciplina que praticamos.

Ao mesmo tempo, devemos observar que as palavras de Paulo, "Fortifica-te na graça que está em Cristo Jesus" é um imperativo. Timóteo precisa *fazer* algo. Ele deve se fortificar. Verdade, ele não pode se fortificar, mas ele pode ativamente tirar força da graça que está em Cristo, e o meio que Deus deu para fazer isso é através dos instrumentos de graça que ele providenciou.

Agora que esclarecemos o emaranhado da confusão a respeito da relação entre graça e disciplina, vamos considerar a necessidade das disciplinas espirituais.

Disciplinas

Considere as palavras de Paulo a Timóteo em 1Timóteo 4.7–8: "Mas rejeita as fábulas profanas e de velhas caducas. Exercita-te, pessoalmente, na piedade. Pois o exercício físico

para pouco é proveitoso, mas a piedade para tudo é proveitosa, porque tem a promessa da vida que agora é e da que há de ser". A palavra usada por Paulo que é traduzida por *exercita* ou *exercício* foi tirada da cultura atlética grega de seu tempo. Originalmente, ela se referiu ao regime de treinamento diário dos atletas, conforme eles se preparavam para participar dos jogos daquele tempo. Depois, essa palavra passou a se referir ao treinamento em qualquer área da vida e à disciplina associada com esse treinamento.

É uma verdade autoevidente que essa habilidade ou competência em qualquer área da vida é realizada somente mediante treino e disciplina. Não importa se são áreas profissionais — como direito, medicina e engenharia — ou ofícios mecânicos ou de construção, ou belas artes, ou atletismo; a competência só pode ser desenvolvida mediante treino e disciplina. Aceitamos esse fato óbvio em todas as áreas temporais da vida, mas damos pouca atenção a ele na dimensão espiritual de nossas vidas.

Mas as palavras de Paulo a Timóteo: "Exercita-te a ti mesmo na piedade" (v. 7) , são tão aplicáveis a nós hoje e tão urgentes quanto eram a Timóteo. Por quê? Porque como Paulo continuou no versículo 8: "Pois o exercício físico para pouco é proveitoso, mas a piedade para tudo é proveitosa, porque tem a promessa da vida que agora é e da que há de ser". A piedade é valiosa tanto para esta vida quanto para a vida por vir. Nenhuma outra disciplina pode fazer tal reivindicação. Quando o cirurgião cardíaco mais brilhante do mundo morre, sua habilidade morre com ele. Ele não pode carregá-la para a eternidade. O mesmo é verdade para o melhor músico concertista do mundo ou para o atleta número um. Mas a piedade é valiosa para toda a eternidade!

A piedade é basicamente centrada em Deus. Significa viver consciente da absoluta dependência de Deus e da

responsabilidade que temos perante ele tanto no campo espiritual quanto na dimensão temporal da vida. A piedade se situa assim no coração da transformação espiritual. E é através da prática das disciplinas espirituais que nos tornamos mais focados em Deus no dia a dia.

Qualquer disciplina envolve trabalho duro e geralmente prática repetitiva. O que mantém uma pessoa prosseguindo em sua disciplina? Obviamente, é o alvo de se tornar um profissional competente, ou um artesão habilidoso, ou um atleta ganhador de medalhas.

Por contraste, as disciplinas espirituais para um cristão devem ser uma fonte de alegria e prazer. Devemos desejar praticá-las em vez de pensar que "somos obrigados" a praticá-las. Alguém, uma vez, sabiamente observou que "disciplina sem desejo é um fardo". O que então nos dará o desejo? Primeiro, a gratidão que cresce de abraçar diariamente o evangelho. Lembre-se, aquele que é perdoado mais, ama mais. Segundo, todas essas disciplinas, de alguma forma, envolvem um tempo com Deus. Pense sobre o que isso significa! Nós, que somos criaturas pecadoras, podemos passar tempo com o Criador do universo, que nos amou tanto que enviou seu Filho para viver e morrer em nosso lugar. Este é o privilégio que temos na prática das disciplinas espirituais.

Então, quais são essas disciplinas ou, melhor, instrumentos da graça que devemos praticar?

O privilégio de um tempo a sós com Deus

Creio que o instrumento da graça mais importante que Deus nos deu é a oportunidade de passar tempo com ele cada dia. Essa prática geralmente recebe o nome de tempo de silêncio ou devocional diário, mas eu prefiro chamá-lo de tempo a sós com Deus para enfatizar que o alvo desse tempo

não é simplesmente ler um capítulo ou dois da Bíblia e passar por uma lista de oração. Antes, é realmente passar tempo com Deus meditando em sua Palavra e orando. Como é esse tempo a sós com Deus na vida diária será discutido posteriormente neste capítulo, mas agora quero enfatizar o privilégio e importância dessa prática.

Primeiro, considere o privilégio. Vimos em capítulos anteriores que Deus é infinitamente santo, que odeia o pecado porque é rebelião contra sua autoridade soberana e um desprezo ao seu caráter santo. Você e eu ainda somos pecadores praticantes, cujas melhores obras são, aos olhos de Deus, não mais do que "trapos da imundícia" (Is 64.6). Porém, mediante a vida sem pecado de seu Filho e morte na cruz, a qual Deus creditou a nós, ele nos considera justos e nos aceita como seus filhos. Ele nos dá o privilégio de chamá-lo de "Aba" ou "Paizinho" ou "Querido Pai". Pense nisso! O soberano infinito e Criador santo do universo nos dá o privilégio de entrarmos num relacionamento íntimo com ele embora sejamos ainda pecadores praticantes.

Nos capítulos iniciais da Bíblia, lemos sobre um homem chamado Enoque, que pertencia à sétima geração de Adão. Ele foi elogiado por Deus como aquele que "andou com Deus" (veja Gn 5.22–24). A expressão "andou com Deus" descreve um relacionamento pessoal e íntimo com ele. O fato do Espírito Santo, que guiou a mente de Moisés enquanto ele escreveu Gênesis, destacar Enoque dos seus ancestrais pela expressão "Ele andou com Deus", nos indica a importância que Deus atribui a esse tipo de relacionamento com ele. Então, temos o privilégio de desenvolver o mesmo tipo de relacionamento com Deus que Enoque teve. De fato, vivendo como vivemos à luz da revelação completa de Deus em Cristo e tendo à nossa disposição a Bíblia completa, temos, então, maior oportunidade e privilégio do que Enoque teve.

Infelizmente, poucos de nós aproveitam esse privilégio. Frequentemente, escolhemos ficar acordados até tarde para assistir o jornal das dez horas ou os programas de entrevista da televisão, em vez de ir dormir numa hora razoável para acordar cedo e passar tempo com Deus. E alguns que realmente se levantam cedo, veem mais como obrigação, ou para ganhar o favor de Deus ou reverter seu desfavor do que como privilégio, o que realmente é.

Não quero parecer legalista nesse assunto, parecendo dizer que pela manhã é a única hora apropriada para ter comunhão com Deus. Percebo que algumas pessoas, como eu, são "pessoas da manhã" e outras são "pessoas da noite". Mas digo isso àquelas que são "pessoas da noite": deixe o jornal e os programas de entrevistas e passe esse tempo desenvolvendo um relacionamento com Deus. Por que passar tempo pensando em eventos que são temporais quando você pode pensar em coisas que são eternas? (E para aqueles que trabalham à noite ou para as mães com crianças pequenas, que acham que nem de manhã nem tarde da noite é adequado, tentem encontrar alguma hora durante o dia quando vocês poderão passar um tempo com Deus).

Considere o que Paulo diz em Colossenses 3.1–2: "Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus. Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra". Paulo não escreveu essas palavras a um grupo de cristãos superespirituais; ele as escreveu a pessoas comuns, muitos dos quais eram escravos (veja v. 22–24). Não, Paulo estava se dirigindo a todos nós, sem considerar nossa posição. Ele estava dizendo que todos devemos "pensar nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra". Paulo não estava tentando lançar um gatilho de culpa nos colossenses, nem em nós. Não, ele estava dizendo: "Pensem em quem vocês são!

Vocês foram ressuscitados com Cristo. Não são nas coisas desta vida que encontrarão alegria e realização. Isso provém somente de um relacionamento genuíno com Deus mediante Cristo e pelo Espírito Santo. Coloque, então, suas prioridades nas coisas eternas".

Deixe-me apressar em destacar que o tempo a sós com Deus em alguma hora durante o dia não é o cumprimento total do que Paulo estava nos dizendo em Colossenses 3.1–2. Bem, muitos talvez tenham esse tempo a sós com Deus e ao saírem para o trabalho diário, se esquecem do que aprenderam nesse tempo. Vou tratar dessa questão mais tarde, mas agora, deixe-me dizer que o tempo dedicado a Deus provê o alicerce para o relacionamento com ele durante o dia todo.

Este tempo dedicado a Deus, cada dia deve ser o objeto de nosso desejo, não uma obrigação a realizar. Considere as palavras dos salmistas:

> Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim por ti, ó Deus, suspira a minha alma. A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo; quando irei e me verei perante a face de Deus? (Sl 42.1–2)

> Ó Deus, tu és o meu Deus forte; eu te busco ansiosamente; a minha alma tem sede de ti; meu corpo te almeja, como terra árida, exausta, sem água. (Sl 63.1)

Isaías também disse:

> Com minha alma suspiro de noite por ti e, com o meu espírito dentro de mim, eu te procuro diligentemente; porque, quando os teus juízos reinam na terra, os moradores do mundo aprendem justiça. (Is 26.9)

Você vê a intensidade do desejo que esses homens tiveram pela oportunidade de se encontrarem com Deus? Não foi uma obrigação para eles; antes, eles ansiavam por passar

tempo com Deus.

A realidade é que a maioria de nós não experimenta esse anseio. Para alguns crentes, a ideia de passar tempo com Deus diariamente não está nem mesmo no pensamento deles. Outros terão seu tempo a sós, lerão uma passagem, farão algumas orações, mas nunca gozarão realmente de uma comunhão real com Deus. Suspeito que somente alguns crentes experimentam o anseio pela alegria de um tempo autêntico e diário com Deus, mas esse deve ser o alvo de cada cristão.

Duas perguntas surgem neste ponto. Como adquirimos esse desejo intenso, e como é, na prática, o tempo a sós com Deus? Vamos tentar responder a essas perguntas olhando para uma estrutura sugerida para esta época.

O evangelho

Reconheço que sou uma pessoa estruturada e metódica, e percebo que muitos outros são mais espontâneos e não tão estruturados. Assim, não quero dar a impressão de que o que vem a seguir é um modelo fixo, ainda que eu realmente creia que seja baseado em princípios bíblicos sólidos aplicáveis a todos nós e adaptáveis ao nosso temperamento e rotina.

Creio que nosso tempo com Deus deve começar com o evangelho, mas, porque o evangelho é somente para pecadores, começamos nos reconhecendo como pecadores ainda praticantes. Uso a oração do cobrador de impostos em Lucas 18.13: "Ó Deus, sê propício a mim, pecador!" Reconheço que Deus já tem sido misericordioso comigo, mas que vivo por sua misericórdia cada dia. Depois, revejo e oro com base em diferentes passagens do evangelho. Minhas três favoritas são Isaías 53.6, 2Coríntios 5.21 e Filipenses 3.9. O texto de Isaías 53.6 assegura que meus pecados estão perdoados. O de Filipenses 3.9 lembra que sou revestido com a justiça de Cristo, e

o de 2 Coríntios 5.21 diz que tudo isso é verdade.

Ficar só nas verdades do evangelho, entretanto, deve envolver muito mais do que uma simples introdução de cinco ou dez minutos que precede nossa leitura bíblica. Deve ser um importante instrumento da graça que ocupe um lugar significativo em nosso tempo com Deus.

Lemos em 2 Coríntios 3.18: "E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito". Como já mencionei, este é um dos dois lugares no Novo Testamento em que a palavra *transformado* é usada para denotar nosso crescimento na semelhança a Cristo. O outro é Romanos 12.2. Em ambos, o verbo *transformar* está na voz passiva — isso mostra que algo é feito para nós, não por nós. Mas também em ambos os casos fica nítido que temos uma parte a desempenhar. Em Romanos 12.2, nossa parte é colocar nossas mentes sob a influência renovadora da Palavra de Deus. Em 2 Coríntios 3.18, nossa parte é contemplar a glória do Senhor. O que isso significa?

Creio que a glória do Senhor — isto é, de Jesus — é, neste contexto, sua glória conforme revelada no evangelho. Digo isso porque em 2 Coríntios 3.7–11, Paulo contrastou a glória da lei dada por Moisés com a glória muito maior do evangelho. Então, em 2 Coríntios 4:4, ele falou da "luz do evangelho da glória de Cristo" e, no versículo 6, escreveu sobre a "iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo"

Philip Hughes, em seu comentário sobre 2 Coríntios, escreveu: "Contemplar pela fé o evangelho é contemplar Cristo... E contemplá-lo, a ele que é a imagem do Pai, é ser progressivamente transformado nessa mesma imagem."[1]

Na mesma direção, João Calvino escreveu: "[Paulo]

declara que mediante o evangelho, com o rosto descoberto e sem véu, contemplamos a glória de Deus de tal forma que somos transformados na sua semelhança".[2]

Cristo é glorioso em todos os seus atributos como o Filho eterno de Deus, mas é sua glória conforme revelada no evangelho que está preeminentemente em vista nessa porção da Escritura. Assim, à medida que contemplamos a glória do Senhor conforme refletida no evangelho, o Espírito Santo usa o evangelho como um dos instrumentos de transformação.

Como isso funciona? Por um lado, o evangelho nos liberta para enfrentarmos honestamente nossos pecados e nossa malignidade. Se crermos num relacionamento com Deus baseado em esforço próprio, viveremos negando nosso pecado ou sob um senso contínuo de culpa. No primeiro caso, pensaremos que não precisamos de nenhuma mudança. No segundo, não vamos ter a motivação que o evangelho traz para mudar.

Assim, como eu expliquei mais extensamente no capítulo 6, é o amor de Cristo, conforme revelado no evangelho, que nos ajudará a querer mudar pela razão certa. Deus quer que desejemos fazer nossa obrigação, e somente o evangelho produzirá esse desejo.

Finalmente, é mediante o evangelho que o Espírito Santo testifica de nossa adoção como filhos de Deus. À parte do evangelho, vemos Deus como juiz e não como Pai celestial. E quando o vemos como juiz, tendemos a obedecer por medo e não por amor. Infelizmente, nunca seremos transformados enquanto vivermos por medo e não por amor.

O importante papel do evangelho em nossa transformação espiritual não é uma ideia desenvolvida nos últimos vinte ou trinta anos. Nos anais na história da igreja, apontei João Calvino no século 16. Lemos também as palavras de John

Owen no século 17 (veja o capítulo 5). Considere agora essas frases escritas nos séculos 18 e 19.

> Antes de prosseguirmos, chegou o momento certo de destacar de quão grande importância é pregar a doutrina especial do evangelho, a doutrina da fé; e isso, não somente para encorajar os pecadores na área da livre justificação, mas também no campo da santificação.
>
> O evangelho, a doutrina da fé, é uma verdade especial de Deus e da revelação divina; é o grande meio de santificação, de acordo com a petição de nosso bendito Salvador ao seu Pai: santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade.[3]
>
> *James Fraser* (Século 18)

> "A verdade que está em Jesus" foi o meio de nossa conversão e é também o instrumento de nossa santificação progressiva; pois a oração de Cristo por seus discípulos, em que ele falou da promessa do Espírito, foi "Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade". E a verdade aqui mencionada não é unicamente nem principalmente a verdade contida na lei, embora seja útil, consistindo numa regra perfeita e em direção suprema para a conduta, mas é especialmente a verdade contida no Evangelho; pois ela fornece os motivos mais indutores para uma vida nova de obediência; e o que "a lei não pode fazer, já que está enfraquecida pela carne," o Evangelho pode realizar, pois é um meio de santificação eficaz nas mãos do Espírito.[4]
>
> *James Buchanan* (Século 19)

Assim, não negligencie o evangelho no seu tempo a sós com Deus. Reflita longamente sobre ele, aprecie sua influência vibrante em sua mente e, então, em gratidão a Deus por sua graça e misericórdia mediante Cristo, apresente seu corpo a ele como sacrifício vivo.

Agora sim estamos prontos para a leitura da Bíblia e a oração.

PARA DISCUSSÃO EM GRUPO

1. Por que devemos ser diligentes na prática das disciplinas espirituais?
2. Se após ler este capítulo você se sente inclinado a assumir o compromisso de passar um tempo a sós com Deus, qual a sua motivação para isso? O que você pode fazer para que essa motivação perdure?
3. Descreva três maneiras pelas quais o Espírito Santo usa o evangelho como um de seus instrumentos de transformação. Como isso difere da abordagem que realça a obrigação ou a baseada no esforço próprio?

CAPÍTULO ONZE

A Palavra de Deus e a Oração

Desvenda os meus olhos, para que eu contemple as maravilhas da tua lei.

Salmo 119.18

O pastor da igreja de que eu era membro durante meus tempos de faculdade lia a Bíblia toda quatro vezes por ano, na base de cerca de dez capítulos por dia. Ele era um dos homens mais piedosos que já conheci. Não estou defendendo a leitura de dez capítulos por dia, mas há uma relação direta entre a consistente leitura bíblica diária e a nossa transformação espiritual. Para muitos, essa leitura bíblica regular ocorre durante o tempo com Deus.

A verdade é que todos os instrumentos da graça, de um modo ou de outro, se concentram na Palavra de Deus. Isso não deveria nos surpreender, uma vez que o Espírito Santo é o agente de transformação e também o autor supremo da Escritura. Portanto, a Escritura é seu instrumento principal na obra transformadora operada em nós. Logo, a leitura bíblica feita com zelo e oração deve ocupar a maior parte do nosso tempo com Deus.

Novamente, os únicos dois lugares na Bíblia em que a palavra *transformado* é usada são Romanos 12.2 e 2 Coríntios 3.18. Em Romanos 12.2, Paulo escreveu: "transformai-vos pela renovação da vossa mente". Embora a Palavra de Deus não seja mencionada aqui, está obviamente subentendida. Não há nenhuma outra maneira pela qual nossas mentes

possam ser renovadas a não ser pela sua exposição à Palavra de Deus. Observe que o encorajamento a ser transformado está em oposição com ser conformado com o mundo. Estas são as duas únicas alternativas. Não há uma terceira opção. Seremos transformados pela renovação de nossas mentes mediante sua exposição consistente à Escritura, ou seremos, por negligência, conformados aos valores do mundo ao nosso redor. Vemos este tipo de contraste "ou/ou" expresso de modo mais completo no Salmo 1.1–2:

> Bem-aventurado o homem que não anda no conselho dos ímpios, não se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores. Antes, o seu prazer está na lei do SENHOR, e na sua lei medita de dia e de noite.

Na Escritura, o salmista coloca diante de nós duas direções e dois resultados opostos. No versículo 1, ele descreve a pessoa que está sendo levada progressivamente para dentro da rede da sociedade pecaminosa ao redor. No versículo 2, ele descreve a pessoa que está sendo renovada em sua mente mediante o prazer na Palavra de Deus e a meditação sobre ela. Não deixe que a palavra "meditação" o engane, dando a entender que seja uma prática mística. A meditação bíblica significa simplesmente refletir em oração e com zelo na Escritura a fim de detectar o que Deus está dizendo e sua possível aplicação.

Retornando a Romanos 12.2, vemos que Paulo usa uma estrutura gramatical incomum: o imperativo passivo. Ele diz para sermos transformados. Por que ele usa um imperativo quando sabe que não podemos transformar a nós mesmos? A resposta é que ainda que não possamos transformar a nós mesmos, podemos e devemos colocar nossas mentes sob o controle contínuo da Palavra de Deus. À medida que fazemos isso, o Espírito Santo usa sua Palavra para realizar sua obra

transformadora em nós.

Leitura bíblica

Assim, a segunda parte de nosso tempo a sós com Deus deve ser a leitura bíblica. A leitura bíblica é melhor quando feita de acordo com um plano predefinido, em vez de simplesmente abrir a Bíblia ao acaso. Há diversos roteiros diferentes de leitura bíblica disponíveis. Você também pode fazer o seu próprio. Seja qual for o plano que você escolher, creio que todo cristão deveria ler a Escritura diariamente. Prevendo que a nação de Israel um dia pediria um rei, Deus lhe disse:

> Também, quando se assentar no trono do seu reino, escreverá para si um traslado desta lei num livro, do que está diante dos levitas sacerdotes. E o terá consigo e o lerá todos os dias da sua vida, para que aprenda a temer o SENHOR, seu Deus, a fim de guardar todas as palavras desta lei e estes estatutos, para os cumprir (Dt 17.18–19).

O princípio da leitura bíblica diária e o da aplicação do que lemos, ambos presentes nestas instruções ao rei, são aplicáveis também a nós hoje. Nossas mentes não serão renovadas se expostas somente a um sermão de trinta ou quarenta minutos por semana. Se temos que ser transformados mediante a renovação de nossas mentes, precisamos da exposição constante da Palavra de Deus mediante a leitura bíblica diária.

Tenha em mente que o objetivo de nossa leitura bíblica não é meramente crescer na assimilação intelectual da verdade bíblica, mas ouvir a Deus conforme ele nos fala em sua Palavra. Lembre-se de que, independente de quem seja o autor humano da passagem que estamos lendo, é o Espírito Santo quem, acima de tudo, está nos falando. O que o texto diz, ele diz.

Ao abrirmos nossas Bíblias, devemos fazê-lo em oração para que Deus, mediante seu Espírito, se encontre conosco em sua Palavra. Em 2 Timóteo 3.16, Paulo disse que toda Escritura é "útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a educação na justiça". Eu oro diante desse versículo (acrescentando "e encorajamento"), pedindo que Deus me ensine, repreenda, corrija e encoraje da forma como ele sabe que eu preciso. Quero que Deus me ensine mais sobre ele e trate de questões específicas em minha vida.

Às vezes, o trecho que estou lendo é muito direto, por exemplo: "Não andeis ansiosos de coisa alguma" (Fp 4.6). Usando um texto assim, Deus fala comigo em alguma situação particular sobre minha tendência à ansiedade. Outras vezes, ele usa um princípio totalmente distinto para tratar uma determinada questão em minha vida. Certa vez, Deus usou as palavras de Paulo "noite e dia labutando" (1Ts 2.9) para me repreender por sentir pena de mim mesmo. Eu me sentia assim porque estava trabalhando continuamente noite adentro para ficar em dia com minhas responsabilidades ministeriais.

Não quero dar a impressão de que eu sempre obtenho grande discernimento ou instrução da Palavra enquanto leio minha Bíblia. Às vezes, não recebo nada. Deus é soberano e infinitamente sábio. Ele sabe do que precisamos e compartilha a verdade conosco. Ele sabe que precisamos à medida que precisamos. Ele nos ensinará e nos preparará conforme achar adequado. Afinal, ele é o agente de nossa transformação espiritual e deseja mais do que nós que tiremos proveito da nossa leitura bíblica.

Oração

O terceiro maior elemento de nosso tempo a sós com Deus é a oração. Primeiro, devemos orar enquanto lemos a

Bíblia. A natureza de nossa oração varia dependendo do que lemos. Às vezes, oramos pedindo para entender o texto. Outras vezes, oramos para agradecer por uma bênção ou para confessar um pecado, ou ainda pelo poder capacitador do Espírito para lidar com uma fraqueza. Às vezes, pode ser uma oração de apropriação de alguma promessa presente no texto ou um clamor por fé para crer nessa promessa. Seja qual for a resposta, devemos orar enquanto lemos. A ideia de orar implica que devemos ler atentamente e com reflexão. Isso pode parecer evidente, mas quero ter certeza de que todos entendam isso. Assim, leia, reflita e ore com base no que você está lendo.

Segundo, devemos não somente orar enquanto lemos a Bíblia, mas também ter um período de tempo dedicado apenas à oração. A Bíblia é cheia de passagens sobre a oração e vários livros foram escritos acerca desse assunto. Logo, vai além do escopo deste livro tratar da oração de forma ampla. Em vez disso quero focalizar a oração que eu creio ser especificamente pertinente ao nosso tempo com Deus e então olhá-la como um instrumento da graça para nossa transformação espiritual.

Nosso tempo com Deus não versa sobre "mim"; é primariamente sobre Deus — sua glória e sua vontade. E a passagem da Escritura sobre oração que focaliza a glória de Deus e sua vontade é a oração do Senhor registrada em Mateus 6.9–13:

> Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome; venha o teu reino; faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia dá-nos hoje; e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores; e não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal.

Ao olharmos esta oração, vemos facilmente que ela se divide em duas partes. A primeira focaliza Deus (veja v. 9–10) e a segunda as nossas necessidades, tanto temporais quanto espirituais (veja v.11–13). O fato que Jesus coloca a glória de Deus e sua vontade antes de nossas necessidades deve nos dizer alguma coisa. Se quisermos que nosso tempo com Deus seja de fato um tempo com Deus, devemos colocar sua glória e sua vontade acima de nossas necessidades. Se, porém, observarmos nossas orações particulares, descobriremos que se fixam mais na segunda parte da oração do Senhor. Oramos mais por nossas necessidades, tanto temporais quanto espirituais (provavelmente mais na área temporal), do que pela glória e vontade de Deus.

Portanto, em nosso tempo com Deus, é bom expandir os horizontes para além de nós mesmos e de nossas famílias e considerar a obra de Deus no mundo. O modo pelo qual o nome de Deus será louvado, a vinda de seu reino (pelo menos em nossa época) e que sua vontade seja feita são fatores que só se realizarão mediante a proclamação do evangelho, para que as pessoas confiem em Jesus como Salvador e lhe obedeçam como Senhor. Em harmonia com Atos 1.8 (Jerusalém, Judeia, Samaria e até os confins da terra), devemos orar para que a expansão do evangelho ocorra em nossa igreja local (ou nosso ministério no campus universitário ou numa base militar), em nossa comunidade, em nossa nação e até os confins da terra. A sua oração durante seu tempo com Deus reflete esse interesse por sua glória e vontade?

Ao chegarmos à segunda parte da oração do Senhor, observamos que ela inclui tanto as necessidades diárias (e creio que "o pão nosso de cada dia" representa todas as nossas necessidades físicas e materiais) quanto as espirituais. Novamente, suspeito que a maioria de nós concede maior parte do tempo de oração às necessidades temporais. Não é errado

orar por essas necessidades. Jesus nos instrui a fazê-lo. Afinal, a oração por essas necessidades é (e deve ser) um reconhecimento de que tudo que temos nesta vida é um presente de Deus, nosso Pai. É um reconhecimento que dependemos dele para tudo.

Porém, temos também de orar por nossas necessidades espirituais, e é aqui que vemos a oração como um instrumento da graça que Deus providenciou para nossa transformação espiritual. Sabemos que somos tanto responsáveis quanto dependentes, e a oração é, entre outras coisas, uma expressão de dependência. É um reconhecimento de que somos inúteis por nós mesmos — que somos dependentes do Espírito Santo tanto para fazer sua própria obra quanto para fazer a obra que temos de fazer.

Quando colocamos nossas mentes sob a influência da Escritura, o Espírito Santo começa a revelar as áreas de nossas vidas que precisam ser transformadas. Às vezes, será uma atitude ou ação pecaminosa que precisa ser "mortificada" (Rm 8.13). Outras vezes, ele nos fará conscientes dos traços de caráter que Paulo chamou de fruto do Espírito (veja Gl 5.22–23) nos quais precisamos crescer. Ao nos tornarmos cientes destas áreas, precisamos orar especificamente pela obra do Espírito Santo, tanto para nos mudar quanto para nos capacitar a mudar. Acho útil manter uma lista particular de pecados que eu preciso "mortificar" e de traços positivos nos quais eu vejo necessidade de crescer. Sempre tento associar uma ou mais passagens bíblicas com cada área de necessidade e orar com base nessas passagens.

Por exemplo, tenho de amar minha esposa como Cristo amou a igreja (veja Ef 5.25). Uma vez que esta é uma área à qual eu nunca vou "chegar" perfeitamente, mantenho esse assunto na minha lista de oração junto com a referência

bíblica para me lembrar de orar por isso diariamente. Nesta época em que o sexo é magnificado, o olhar lascivo é sempre uma tentação para os homens. Por isso, eu oro com base na primeira parte do Salmo 119.37: "Desvia os meus olhos, para que não vejam a vaidade".

Também oro para eu seja motivado a obedecer e servir a Cristo por amor e gratidão, não por obrigação. Nesse aspecto, peço a Deus para me dar o mesmo amor e a mesma devoção que a mulher pecadora teve quando ungiu os pés de Jesus (veja Lc 7.36–50 e minha discussão no capítulo 6). Enquanto leio as Escrituras, oro para que o Espírito Santo coloque em minha mente as áreas de minha vida que precisam ser mudadas e, depois, peço que ele opere em mim tanto "o querer quanto o realizar" (Fp 2.13). Temos de ser "praticantes da palavra e não somente ouvintes [ou leitores]" (Tg 1.22), e o praticar começa com oração por direção e ajuda do Espírito Santo. Tenha em mente que a oração por transformação espiritual é tanto uma obrigação quanto um privilégio. É um instrumento da graça que Deus providenciou, mas é também uma disciplina espiritual que temos de praticar se quisermos ser progressivamente transformados. Também tenha em mente que a oração por transformação não traz resultados rápidos. O crescimento em "se desfazer" e "se revestir de" vem com o tempo.

Por fim, em meu tempo a sós com Deus, oro pela família e pelos amigos; por nossos filhos e por seus cônjuges. Oro primeiro pela vida espiritual deles. Oro para que sejam "ensinados pelo SENHOR" (Is 54.13) e que Deus opere neles "o que é agradável diante dele" (Hb 13.21). Então oro pelas necessidades temporais que porventura tenham, incluindo os empregos tanto do nosso filho quanto do nosso genro. Oro para que todos os nossos netos (e menciono cada um por nome) venham a confiar em Cristo como salvador e o

obedeçam e sirvam como Senhor.

Oro ainda por um pequeno grupo de amigos, tanto pela vida espiritual deles quanto pela temporal (Se você fizer isto e sua lista ficar longa demais, coloque-os em dias separados num sistema de rodízio: Roberto na segunda, João na terça, Samuel na quarta, e assim por diante).

Antes que eu pareça um gigante espiritual em oração, deixe-me reconhecer que essa é a disciplina espiritual com a qual eu mais luto para ser pura e motivada. Prontamente me identifico com alguém que disse: "Mal começamos a orar e já terminamos". Mais grave do que isso, porém, é a tendência de apenas passar os olhos pela lista de pessoas e suas necessidades sem por o coração no que estamos fazendo. Porém, Paulo disse que o Espírito nos ajuda em nossa fraqueza. Ele nos dará o desejo e a motivação de orar se lhe pedirmos. Deus nos estimula a orar e promete ouvir nossas orações. Por isso, devemos fazer da oração fervorosa genuína uma parte de nosso tempo a sós com ele.

O evangelho, as Escrituras e a oração — estes são os maiores componentes de nosso tempo a sós com Deus. Há outros instrumentos da graça que Deus nos providenciou — disciplinas que devemos praticar e sobre as quais vamos tratar a seguir.

Memorização e meditação

Ainda que nosso tempo a sós com Deus seja a principal disciplina espiritual, há outras que devemos também praticar. Enquanto nosso tempo com Deus é focalizado, concentrado em algum momento do dia, essas outras disciplinas podem e devem ser praticadas em certo grau ao longo do dia todo.

A memorização da Escritura é provavelmente a mais importante dessas disciplinas diárias e é, de fato, um

instrumento da graça de Deus. Venho usando isso por sessenta anos e nada tem me rendido maiores dividendos espirituais do que essa disciplina. Não posso contar o número de vezes que o Espírito Santo trouxe à minha mente um versículo memorizado para me advertir contra uma tentação, guiar-me numa tomada de decisão, encorajar-me num tempo de estresse ou ansiedade, e me ajudar em inúmeras outras situações no curso do dia.

Esta disciplina deve ser certamente o que o salmista tinha em mente quando escreveu: "Guardo no coração as tuas palavras, para não pecar contra ti" (Sl 119.11). O propósito de armazenar qualquer coisa é satisfazer alguma necessidade futura. Quando separamos recursos para necessidades futuras de aposentadoria, estamos, com efeito, guardando dinheiro para ser usado quando não pudermos ter uma renda fixa constante. Embora a prática pareça ter desaparecido grandemente, durante minha infância muitas donas de casa faziam conservas de frutas e verduras no verão para serem consumidas no inverno. Elas armazenavam alimento para consumo posterior.

No campo da memorização da Escritura, o exemplo mais notável está na vida de Jesus. Quando o Diabo o tentou durante quarenta dias no deserto, ele respondeu cada tentação com a Escritura (veja Mt 4.1–10). Como uma criança, Jesus havia guardado a Palavra de Deus em seu coração para que, quando Satanás o tentasse, ele fosse capaz de responder com a Escritura. Jesus citou frequentemente a Escritura em outras ocasiões, sendo óbvio que memorizara grandes porções dela. E o fato que Jesus usou a Escritura memorizada para responder às tentações certamente estabelece um exemplo a ser seguido.

É claro que precisamos memorizar mais do que as ordens da Escritura. Se temos de "pregar o evangelho para nós

mesmos" a cada dia, precisamos memorizar versículos-chave do evangelho. É também valioso memorizar algumas promessas. Considere como estas palavras de Hebreus 13.5: "De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei", podem encorajá-lo e capacitá-lo a confiar em Deus numa situação difícil. E isso é apenas uma das muitas promessas que você pode guardar para um tempo em que terá de confiar na soberania e na bondade de Deus.

Entretanto, precisamos fazer mais do que guardar a Palavra em nossos corações; nas palavras do Salmo 1.2, precisamos "[meditar nela] de dia e de noite". A expressão *dia e noite* é uma expressão idiomática que indica consistência e regularidade. Deve ser nossa prática diária meditar na Escritura. E, novamente, a palavra *meditar* na Bíblia significa simplesmente refletir em ou ponderar sobre uma passagem da Escritura, aplicando-a em nossas vidas, quer o texto fale sobre Deus, sobre o evangelho, sobre uma ordem ou sobre uma promessa. Precisamos de toda a Bíblia se quisermos ser progressivamente transformados à imagem de Cristo. Uma das vantagens da memorização da Escritura é que ela provê versículos para as nossas mentes nos quais podemos meditar durante o dia.

Ouvindo a palavra

O mais comum instrumento da graça que Deus usa é a oportunidade de adorar juntos e ouvir a Palavra de Deus ensinada em nossas igrejas. Embora esse meio seja considerado por alguns de pouco valor duradouro, devemos lembrar que até a invenção da imprensa no século 15, esse foi o único meio de exposição da Escritura para a maioria das pessoas. Mesmo hoje, com a proliferação de grupos pequenos de estudo bíblico, ouvir a Palavra ensinada em nossas igrejas é o meio mais comum de exposição à Palavra de Deus.

Por que esse modelo não tem efeito mais duradouro? Enquanto a falta de ensino eficaz possa frequentemente ser a causa disso, creio que o maior problema é a falta de audição eficaz. Milhares de pessoas vão às igrejas evangélicas a cada domingo para apreciar o sermão sem anelar mudança de vida a partir do que ouvem. São como os judeus dos dias de Ezequiel de quem Deus disse: "Eles vêm a ti, como o povo costuma vir, e se assentam diante de ti como meu povo, e ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obras" (Ez 33.11). Lembre-se da distinção entre *ginosko*, conhecimento intelectual, e *epiginosko*, o conhecimento aplicado e experimentado na vida de alguém. Muito frequentemente o nosso ouvir das Escrituras resulta apenas numa assimilação *ginosko* da verdade. Logo, devemos, com oração, ouvir a Palavra de Deus ensinada para que possamos aplicar o que ouvimos.

Algumas pessoas diriam hoje que a igreja local e seu ministério de pregação e ensino são ineficazes e fora de moda numa época de meios de comunicação dinâmicos. Mas a mensagem da Bíblia não muda diante da cultura e da tecnologia mutáveis, sendo claro a partir do Novo Testamento que o povo de Deus se reunia para adorar e ouvir a Palavra de Deus ensinada (veja, por exemplo, At 2.42; 20.7; Rm 16.5; 1Tm 4.13; 2Tm 4.1–2; Hb 10.24–25).

Adorar juntos regularmente também fornece a oportunidade de partilhar da Ceia do Senhor com outros crentes. Que esta era uma prática regular das igrejas do primeiro século parece claro a partir da instrução de Paulo e sua repreensão diante da observância imprópria da igreja de Corinto (veja 1Co 11.17–34). Embora muitos olhem para a Ceia do Senhor de maneira reverente, mas sem zelar por sua participação, ela é, de fato, um instrumento da graça que Deus nos tem dado. Enquanto esperamos silenciosamente que os elementos sejam distribuídos, devemos usar esse tempo para refletir

e agradecer ao Senhor pelo seu sacrifício pelos nossos pecados. Fazendo isso, contemplamos a glória do Senhor no evangelho (veja 2Co 3.18), e o Espírito de Deus a usará como um instrumento transformador em nossas vidas.

Semelhante a ouvir a Bíblia ensinada é a leitura de livros cristãos, na qual nos beneficiamos do ensino de outros. Há muitas variedades de livros cristãos com graus diversos de ajuda. Alguns meramente expressam as ideias do próprio autor, que podem ou não ser baseadas na Escritura. Os melhores livros, em minha opinião, são os baseados solidamente na Escritura e que levam o leitor de volta à Bíblia. Uma vez mais, entretanto, até mesmo um bom livro baseado na Escritura é somente benéfico quando o aplicamos à vida diária.

Seja ouvindo a Palavra pregada ou ensinada, seja lendo um livro cristão, devemos ser como os bereanos, que receberam a Palavra com todo ardor, mas examinaram as Escrituras diariamente para ver se o que Paulo ensinou era verdade (veja At 17.11). O fato é que nós temos muitos comunicadores excelentes e escritores ótimos que podem produzir uma mensagem persuasiva, convencendo-nos por sua habilidade retórica e literária. Um amigo disse certa vez sobre um desses pregadores: "Ele é um dos oradores mais persuasivos que já ouvi, mas também um dos mais perigosos". Ele era perigoso porque era um comunicador habilidoso com grande influência sobre os outros, porém não ensinava a verdade. Por isso, devemos seguir o exemplo dos bereanos e examinar o que ouvimos usando a Palavra de Deus.

Oração ao longo do dia

Já tratamos da oração como uma parte de nosso tempo a sós com Deus, mas Paulo nos instruiu a "orar sem cessar" (1Ts 5.17). "Sem cessar" significa simplesmente regular e continuamente. É mais ou menos parecido com a expressão

idiomática "dia e noite" do Salmo 1.2. O sentido de ambas as instruções é que devemos adotar a prática de pensar nas Escrituras e orar ao longo do dia. Dessa maneira, podemos ter comunhão com Deus não somente num tempo específico, mas muitas vezes ao dia.

Muitas pessoas trabalham em empregos que exigem concentração mental e obviamente não podem meditar na Escritura ou orar ao longo do dia. Mas considere isto: quando você pode pensar no que quiser, em que você pensa? Você faz algum esforço para pensar "nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra" (Cl 3.2)? Você está aproveitando os instrumentos da graça que Deus nos deu?

Há muitas ocasiões para orar ao longo do dia. Devemos orar por segurança enquanto dirigimos, devemos orar para que Deus nos guarde das tentações, devemos orar para que demos testemunho do evangelho em nosso trabalho e para que nossos filhos sejam protegidos mental, física e espiritualmente enquanto estão na escola. Estes são apenas alguns exemplos de como podemos orar ao longo do dia.

Lembre-se: todas essas atividades espirituais são instrumentos da graça do Espírito Santo. Aproveitá-las como disciplinas não trará o favor de Deus, mas assim como um músico ou um atleta não podem alcançar nenhuma medida de competência ou habilidade sem disciplina, não podemos alcançar nenhum nível de maturidade espiritual se não virmos essas disciplinas como expressões da graça de Deus e nos deleitarmos no uso delas. Não veja desejo e obrigação como conceitos opostos, mas ore para que mediante a motivação do evangelho, o Espírito Santo lhe dê o desejo de cumprir sua obrigação.

PARA DISCUSSÃO EM GRUPO

1. Quais são os três maiores elementos de nosso tempo diário com Deus?
2. No que consiste a meditação na Escritura e por que ela é importante?
3. Com exceção de nosso tempo diário com Deus, a memorização da Escritura é provavelmente a disciplina espiritual mais importante (instrumento da graça). Por quê?

CAPÍTULO DOZE

A Graça da Adversidade

Sabendo que a provação da vossa fé, uma vez confirmada, produz perseverança. Ora, a perseverança deve ter ação completa, para que sejais perfeitos e íntegros, em nada deficientes.

Tiago 1.3–4

"A graça da adversidade" soa como um paradoxo – uma contradição de termos. Se a graça é a bênção de Deus mediante Jesus Cristo, como podemos dizer que a adversidade de qualquer tipo é uma bênção? A resposta está na passagem de Tiago citada acima, que diz que provações produzem maturidade de caráter. Paulo diz algo semelhante em Romanos 5.3–4, afirmando que o sofrimento produz perseverança e que a perseverança produz caráter. A bênção, então, não está na adversidade em si, mas no fato de o Espírito Santo usar a adversidade para produzir em nós um caráter mais semelhante a Cristo.

Paulo escreveu em Romanos 8.28: "Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito". Esse versículo deve ser entendido no sentido de que Deus faz com que todas as coisas (isto é, todos os eventos e circunstâncias) cooperem juntamente para o bem, sendo esse bem apontado no versículo 29, que o define como a conformidade à imagem do Deus Filho. Um dos instrumentos da graça que o Espírito Santo usa é a adversidade.

O fato de Deus usar todos os eventos e circunstâncias pressupõe necessariamente que ele controla e dirige todas as circunstâncias. De fato, Deus controla e dirige todos os eventos no universo inteiro. Essa verdade é conhecida como providência de Deus e pressupõe a soberania dele sobre tudo, tanto na esfera espiritual quanto física. Também presume seu envolvimento constante em todas as circunstâncias e eventos. Provar isto está além do escopo deste livro, mas considere apenas duas passagens das Escrituras: Mateus 10.29–31 e Lucas 12.6–7. Deus controla o destino até de um único pardal e nunca esquece de um só deles! Se é assim com os pardais, imagine conosco.[1]

Fica claro, então, que circunstâncias providenciais ou orquestradas por Deus são instrumentos do Espírito Santo na nossa transformação espiritual. Mas como podem ser disciplinas a praticar? A resposta está em nossa reação a elas. Lembre-se, as disciplinas espirituais são atividades (ou, neste caso, muito frequentemente atitudes como reação) mediante as quais nos exercitamos em direção à santidade. Portanto, devemos nos dedicar para reagir a todas as circunstâncias e eventos de maneira bíblica. Como será isto no dia a dia? A discussão mais completa e proveitosa deste assunto está em Hebreus 12.4–11:

> Ora, na vossa luta contra o pecado, ainda não tendes resistido até ao sangue e estais esquecidos da exortação que, como a filhos, discorre convosco: Filho meu, não menosprezes a correção que vem do Senhor, nem desmaies quando por ele és repreendido. Porque o Senhor corrige a quem ama e açoita a todo filho a quem recebe!
>
> É para disciplina que perseverais. Deus vos trata como a filhos; pois que filho há que o pai não corrige? Mas, se estais sem correção, de que todos se têm tornado participantes, logo sois bastardos e não filhos. Além disso, tínhamos nossos pais segundo a carne que nos corrigiam, e os respeitávamos; não

> havemos de estar em muito maior submissão ao Pai espiritual e, então, viveremos? Pois eles nos corrigiam por pouco tempo, segundo melhor lhes parecia. Deus, porém, nos disciplina para aproveitamento, a fim de sermos participantes de sua santidade. Toda disciplina, com efeito, no momento não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza. Ao depois, entretanto, produz fruto pacífico aos que têm sido por ela exercitados, fruto de justiça.

O autor de Hebreus fala sobre a disciplina do Senhor. A palavra *disciplina,* conforme usada aqui, não se refere à punição, mas sim ao treinamento de um filho. Paulo usou a mesma palavra em Efésios 6.4: "E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor". Não há nenhuma indicação no livro de Hebreus de que os destinatários desta epístola estavam envolvidos em alguma forma de desobediência; em vez disso, eles estavam passando por provações pesadas ou adversidades por serem seguidores de Jesus (veja, por exemplo, Hb 10.32–34). Assim, a forma específica da disciplina de Deus ou do preparo de um filho nesta passagem é a adversidade, e o escritor queria que seus leitores entendessem tanto o propósito da adversidade quanto a reação bíblica a ela.

O fato da adversidade

A primeira verdade que vemos na passagem de Hebreus é o fato da adversidade: "O Senhor corrige a quem ama" (12.6). Não devemos ficar surpresos com isso. O salmista o experimentou (veja o Sl 119.67, 71). Jesus advertiu seus discípulos sobre isso (veja Jo 15.18–21; 16.1–4, 33). Paulo frequentemente falou sobre isso (veja Rm 5.3–5; 8.18, 31, 37–39; 2Co 4.16–18) e trata-se de um assunto central na primeira epístola de Pedro (veja 1Pe 1.6–7; 2.18–21; 3.14–17; 4.1–2, 12–19).

A fonte da adversidade na maioria das passagens

citadas acima é o mal tratamento por parte dos descrentes àqueles que seguiam a Cristo e, é claro, este é um fato em muitas partes do mundo ainda hoje. Mesmo no Ocidente, onde raramente sofremos perseguição oficial, muitos crentes enfrentam discriminação ou marginalização no trabalho ou são ridicularizados na sala de aula ou ainda incompreendidos pela família e amigos.

Porém a adversidade surge de muitas formas. Pode ser uma deficiência física ou uma doença crônica, a morte de um ente querido, o comportamento frustrante do cônjuge, a alienação dos pais ou dos filhos ou muitas circunstâncias numerosas demais para citar. Usando a analogia de um jornal, algumas delas são manchetes em nossas vidas, enquanto outras jazem sepultadas no interior das páginas de nossos corações, sendo conhecidas apenas por nós mesmos. Mas seja qual for a natureza e a extensão da adversidade, ela está sob o controle soberano e amoroso de nosso Pai. De fato, o escritor de Hebreus foi bem claro ao dizer que o Senhor disciplina aquele a quem ama. Logo, a adversidade não é a marca de um Deus irado e que não se importa; em vez disso, é uma prova de seu amor por nós.

O propósito da adversidade

O escritor de Hebreus declarou que Deus "nos disciplina para aproveitamento, a fim de sermos participantes de sua santidade" (12.10). Participar de sua santidade é o mesmo que ser conformado à imagem de Cristo. Logo, Deus nos disciplina mediante a adversidade para nos tornar mais parecidos com Cristo.

Eu disse anteriormente que a Palavra de Deus é o instrumento principal que o Espírito Santo usa em nosso processo de transformação. Mas é no caminho da adversidade que os traços do caráter cristão são mais frequentemente

desenvolvidos. Por exemplo, a Bíblia ensina que temos de amar uns aos outros. Porém, só aprendemos de fato sobre o que significa amar alguém quando esse alguém é difícil de amar. Há um velho ditado que diz: "Amar o mundo inteiro, para mim não é nenhum peso. Meu problema é meu vizinho". O "vizinho" pode ser qualquer dificuldade para amar quem Deus colocou em nossas vidas, e nessa situação, aprendemos que não podemos somente decidir que vamos amar a pessoa; aprendemos por experiência que somos dependentes do Espírito Santo para nos mudar e nos capacitar a amar.

O mesmo princípio se aplica aos traços piedosos como a mansidão e a paciência. Aprendemos na Bíblia que temos de "nos revestir" (veja Cl 3.12). Mas, então, o Espírito Santo traz para as nossas vidas pessoas que nos maltratam ou testam nossa paciência. Novamente somos levados ao Espírito para que opere em nossos corações, nos mudando e capacitando a reagir com mansidão ao mau tratamento ou a exercitar paciência para com alguém cujas ações geram impaciência em nossos corações.

O propósito da adversidade é frequentemente ilustrado por uma lagarta lutando para sair do seu casulo como uma bela borboleta. Ao assistir essa luta, podemos querer ajudar a borboleta abrindo o casulo. Mas a luta para sair é necessária para desenvolver o sistema muscular e empurrar os fluídos corporais para as asas a fim de expandi-las. São as provações de vários tipos que produzem o fruto do caráter semelhante a Cristo. A maioria das vezes, entretanto, oramos para que Deus abra o "casulo" de nossa adversidade. Deus, porém, não fará isso porque ele nos ama e tem como alvo o resultado que a adversidade produzirá.

Nossa resposta à adversidade

Dado o fato da adversidade e seu propósito em nossas vidas, como devemos responder a ela? O escritor de Hebreus disse que devemos nos submeter, sabendo que nosso Pai nos corrige para aproveitamento para que possamos ser participantes de sua santidade (veja Hb 12.9–10). Pedro escreveu que devemos nos humilhar sob a poderosa mão de Deus, esperando obter graça – isto é, a capacitação divina — para fazer o que é certo (Veja 1Pe 5.5–6). Podemos nos irritar com a adversidade ou nos submeter a ela. E mesmo na submissão, podemos agir com relutância por não termos escolha, ou aceitá-la, crendo que nosso Pai celestial, sendo infinitamente sábio e amoroso, tem um propósito benéfico para ela. Portanto, devemos orar para obter a graça que capacita a confiar na bondade e na sabedoria de Deus, e devemos guardar a Escritura em nossos corações para nos ajudar a fazer isto.

O profeta Jeremias exerceu seu ministério durante os dias mais difíceis e trágicos da história de Judá. Ele viu a destruição de Jerusalém e o exílio da maioria do seu povo na distante Babilônia. A certa altura desse tempo terrível, Jeremias escreveu Lamentações. Considere suas palavras:

> Lembra-te da minha aflição e do meu pranto, do absinto e do veneno.
>
> Minha alma, continuamente, os recorda e se abate dentro de mim.
>
> Quero trazer à memória o que me pode dar esperança.
>
> As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos, porque as sua misericórdias não têm fim;
>
> Renovam-se a cada manhã. Grande é a tua fidelidade.
>
> A minha porção é o Senhor, diz a minha alma; portanto, esperarei nele (3.19–24).

Observe a mudança de atitude, de infelicidade, nas duas primeiras sentenças, para esperança e confiança. Qual a causa da mudança? É para trazer à mente a lembrança do amor fiel e das misericórdias infinitas do Senhor. Precisamos ser como Jeremias. Precisamos crer que a disciplina da "poderosa mão" do Pai é exercida por aquele cujo amor é fiel e cujas misericórdias nunca têm fim. A fim de crermos nessas verdades, entretanto, precisamos guardar textos bíblicos como 1 Pedro 5.5–6 e Lamentações 3.22–24 e então pedir ao Espírito Santo que nos dê a graça de crer nessas verdades.

Há alguns anos, minha esposa e eu nos encontramos numa situação difícil. Conforme eu tentava sair dessa situação, o Espírito de Deus trouxe à minha mente as palavras de Eclesiastes 7.13: "Atenta para as obras de Deus, pois quem poderá endireitar o que ele torceu?" Parecia que Deus estava me dizendo: "Essa obra é minha. Você não pode endireitar o que eu torci". Mas, ao mesmo tempo, o Espírito trouxe à minha mente as palavras: "De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei" (Hb 13.5). Deus realmente me livrou daquela situação, então, Hebreus 13.5 se tornou para mim uma rocha de confiança.

Essa experiência certamente foi menor se comparada a de Jeremias, mas em ambos os casos, a Palavra de Deus foi trazida para nos apoiar em circunstância difícil. Essa é outra maneira pela qual devemos responder à adversidade, ou seja, devemos sempre trazer a Escritura como apoio.

Em outra ocasião, quando eu ainda era um cristão novo, senti que Deus não agira por mim como eu esperava que ele fizesse. Eu não tinha guardado em meu coração muitos textos bíblicos até aquele tempo, logo, o Espírito providencialmente dirigiu minha atenção a Jó 34.18–19 "Dir-se-á a um rei: Oh! Vil? Ou aos príncipes: Oh! Perversos? Quanto menos àquele

que não faz acepção das pessoas de príncipes, nem estima ao rico mais do que ao pobre; porque todos são obra de suas mãos".

A mensagem de repreensão foi clara. Se não devo acusar um rei de maldade, muito menos a Deus de ser infiel. Eu fiquei perplexo. Estava profundamente convicto de minha arrogância em acusar Deus de não ser justo comigo. Então, me coloquei de joelhos e confessei meu pecado a Deus.

Aprendi uma lição valiosa naquele dia. A adversidade associada à direção providencial a Jó 34.18–19 teve um efeito duplo. Convenceu-me da minha atitude acusatória, arrogante e pecaminosa para com Deus, e também me ensinou a importância de ter a Palavra de Deus guardada em meu coração, pois posso sempre (ou o Espírito Santo) trazê-la à mente em tempo de necessidade.

Alguns anos mais tarde, o Espírito Santo usou outro versículo de Jó para lidar com uma circunstância muito dolorosa, mas nessa época, o versículo estava guardado em minha mente. O evento doloroso aconteceu numa terça-feira à tarde e na sexta-feira à noite eu estava escalado para falar numa conferência local. Como eu poderia me preparar para isso se eu fora totalmente devastado? Na sexta-feira, acordei com Jó 1.21 atravessando minha mente: "E disse: Nu saí do ventre de minha mãe, e nu voltarei; o SENHOR o deu e o SENHOR o tomou; bendito seja o nome do SENHOR!"

Ajoelhei-me junto ao sofá da sala de estar e disse: "Pai, o Senhor deu e o Senhor tomou. Bendito seja o teu nome". Com isso, minhas emoções turbulentas foram acalmadas e fui à conferência como se nada tivesse acontecido.

Naquele momento, o Espírito Santo trouxe à minha mente o texto bíblico apropriado, um que eu havia decorado anos antes. O princípio de guardar a Palavra de Deus em

nossos corações se aplica não somente como uma defesa contra a tentação, mas também como um meio de responder a qualquer situação da vida e, no contexto deste capítulo, especificamente como um meio de vencer a adversidade.

Porém, devo dizer que não basta memorizar certos versículos para vencermos; esses versículos precisam ser aplicados aos nossos corações pelo Espírito Santo. Às vezes, ele os trará a nossa mente e nos capacitará a aplicá-los, como ele fez comigo quando usou Jó 1.21. Outras vezes, poderemos ter de procurá-los no nosso arquivo mental de versículos para encontrar um apropriado. E quando encontrarmos, devemos pedir ao Espírito capacidade para aplicá-lo a nossa situação. A Escritura em si é vã à parte da sua aplicação em nossos corações feita pelo Espírito.

O fruto da adversidade

Devemos ter em mente que o propósito principal da adversidade é proporcionar crescimento em nosso caráter. Em Hebreus 12.10–11 aprendemos como compartilhar a santidade de Deus e a experimentar o fruto pacífico de justiça. Paulo disse que nossa adversidade produz caráter (veja Rm 5.3–4), e Tiago disse que as provações da adversidade, em última instância, produzem caráter maduro (veja 1.3). Ao passarmos por adversidade, é importante percebermos que o objetivo principal de Deus é fazer com que cresçamos em nosso caráter — isto é, em conformidade crescente à semelhança de Cristo. Isso pode ou não trazer frutificação no ministério, mas seria apenas um subproduto da maturidade do nosso caráter.

A maioria de nós precisa ter um senso maior de dependência de Deus. Nossa cultura é extremamente voltada à autodependência e autossuficiência. Em seminários de motivação ouviremos: "Você pode fazer qualquer coisa que quiser,

basta crer em si mesmo". Professores e treinadores dirão: "Você pode fazer, se você apenas fixar sua mente nisso e trabalhar nisso".

Mas o apóstolo Paulo escreveu o seguinte a respeito de uma experiência específica:

> Porque não queremos, irmãos, que ignoreis a natureza da tribulação que nos sobreveio na Ásia, porquanto foi acima das nossas forças, a ponto de desesperarmos até da própria vida.
>
> Contudo, já em nós mesmos, tivemos a sentença de morte, para que não confiemos em nós, e sim no Deus que ressuscita os mortos. (2Co 1.8–9)

Observe, Paulo disse que a experiência foi para fazê-lo depender não de si mesmo, mas de Deus. Paulo foi, sem dúvida, o mais talentoso e capaz de todos os apóstolos, porém, Deus trouxe tanta adversidade para sua vida que ele foi forçado a depender inteiramente de Deus. Frequentemente, Deus irá fazer o mesmo conosco. De fato, ele irá, às vezes, flagelar a área na qual nos sentimos mais confiantes para aprendermos a depender dele, não de nós mesmos.

Antes de passar por essa terrível experiência, Paulo viveu algo inteiramente diferente. Ele foi levado ao paraíso, à presença de Deus, e ouviu coisas que não poderiam ser repetidas (veja 2Co 12.1–10). Para refrear qualquer orgulho sobre essa experiência, Deus deu a Paulo o que o apóstolo chamou de "espinho na carne". Paulo não nos conta a natureza desse "espinho", e é vã a especulação, mas seja qual for a natureza desse espinho, Paulo rogou três vezes que Deus o removesse. A resposta de Deus foi: "A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza" (v. 9).

Embora essa promessa tenha sido dada a Paulo, é uma verdade universal que se aplica a todos nós. O poder de Deus se evidencia em nossa própria fraqueza. O problema é

que não gostamos de fraqueza. Queremos ser fortes, e estar no controle. Paulo, entretanto, se gloriou em sua fraqueza, porque ele disse: "Quando sou fraco, então, é que sou forte" (v. 10).

A pergunta que devemos responder para nós mesmos, então, é esta: Estou disposto a ser fraco em mim mesmo para que eu possa experimentar o poder de Deus em minha vida? Eu nasci com um corpo menor do que o normal, e o passar dos anos tem apenas tornado essas anormalidades mais pronunciadas. Quase todo o dia, penso nas palavras de Paulo em 2 Coríntios 4.7: "Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós". E eu penso comigo mesmo: *Meu vaso está ficando gradualmente mais rachado e com lascas.*

Então, me volto para Deus e digo: "Pai, eu sou seu servo. Meu corpo pertence a ti. Se o Senhor deseja que ele seja rachado e com lascas, isso é da sua conta. Mas por sua graça, poderias exibir seu poder em minha fraqueza?" Tive o privilégio de escrever cerca de uma dúzia de livros por um período de mais de trinta anos, e Deus graciosamente abençoou o ministério de todos eles. Mas os três ou quatro mais abençoados por Deus nas vidas dos leitores foram aqueles gerados em adversidade e conflito. Deus, claramente exibiu seu poder em minha fraqueza.

Assim, "a graça da adversidade" não é um oximoro, é um princípio bíblico. A adversidade é sempre uma bênção, embora, geralmente venha disfarçada. Paulo escreveu em 1 Tessalonicences 5.18: "Em tudo, dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco". Como é possível dar graças em *todas* as circunstâncias? Como posso agradecer a Deus por minha visão e audição, que têm sido anormais em toda a minha vida, e que agora estão

deteriorando ainda mais? A resposta é que Deus está fazendo com que estas circunstâncias operem juntamente para o meu bem, para me conformar à imagem de seu Filho. Toda a adversidade que encontramos na vida é dirigida para um fim, logo, a adversidade verdadeiramente é uma expressão de sua graça.

PARA DISCUSSÃO EM GRUPO

1. O que aprendemos em Lamentações 3.19–24 sobre a resposta de Jeremias à adversidade?
2. Abrigar ou expressar ira para com Deus é uma resposta bíblica à nossa adversidade? Por que sim ou por que não?
3. Qual é o fruto (benefício) da adversidade? Iremos suportá-la ou recebê-la se não respondermos de maneira bíblica à graça da adversidade?

CAPÍTULO TREZE

Transformado à Sua Imagem

Porque eu desci do céu, não para fazer a minha própria vontade, e sim a vontade daquele que me enviou.

João 6.38

Começamos nossos estudos sobre crescimento espiritual com as palavras de Paulo escritas em Romanos 8.29, que dizem que Deus predestinou todos os crentes para serem conformados à imagem de seu Filho. Esse propósito de Deus será completamente cumprido na volta de Cristo porque, como João disse: "Sabemos que quando ele se manifestar seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é" (1Jo 3.2). Enquanto isso, nesta vida, estamos sendo progressivamente transformados àquela imagem. É disso que este livro trata.

A imagem de Cristo

Como é, porém, essa imagem? É uma imagem em que a pessoa se parece com Jesus em sua humanidade, conforme ele viveu de modo real num mundo real por trinta e três anos. Já vimos no capítulo 4 que durante esses trinta anos, Cristo viveu uma vida sem pecado ou em perfeita obediência. Ele cumpriu os mandamentos de amar a Deus com todo o seu ser e ao próximo como a si mesmo (veja Mt 22.37–39). Entretanto, há algo mais básico sobre Jesus que, de fato, fundamenta sua obediência perfeita. Trata-se do seu relacionamento com o Pai e seu desejo de agradá-lo e de fazer sua vontade.

Considere João 6.38, o texto citado no começo deste capítulo. Jesus disse: "Desci... não para fazer a minha própria vontade, e sim a vontade daquele que me enviou". É claro que a vontade de Jesus nunca foi contrária à vontade de seu Pai. De fato, em João 5.30, ele disse: "Não procuro a minha própria vontade, e sim a daquele que me enviou". E falando profeticamente através de Davi, ele disse no Salmo 40.8: "Agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus meu; dentro do meu coração está a tua lei".

Jesus veio para fazer a vontade do Pai. Ele buscou ativamente essa vontade, e se agradou em cumpri-la. Se quisermos ser conformados mais e mais à imagem de Cristo, a vontade de Deus tem de se tornar o objetivo principal de nossas vidas.

Isto significa que devemos tentar conhecer e entender a vontade moral de Deus conforme revelada em sua Palavra. Por isso Paulo orou para que os colossenses, e por extensão, cada geração subsequente de crentes transbordassem "no pleno conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e entendimento espiritual" (Cl 1.9). Devemos orar assim por nós mesmos e por aqueles por quem temos responsabilidade espiritual (como os pais por seus filhos). Além disso, conforme diz o Salmo 1.2, devemos ter prazer na lei do Senhor. Aqui a palavra *lei* representa a vontade moral de Deus. Ter prazer na lei de Deus significa mais do que apenas se deleitar em pensar nela. Obviamente inclui isso, mas também inclui o prazer em *cumpri-la*, assim como Jesus fez.

Mas o que quero que vejamos em Jesus como nosso exemplo é a atitude do seu coração para com a vontade de Deus — o coração é o próprio centro do nosso ser, o lugar de nosso intelecto, afeições (ou desejos) e vontade. O coração de Jesus estava totalmente firmado em conhecer e fazer a vontade do Pai. Se quisermos nos tornar mais e mais como

Jesus, devemos prestar atenção às inclinações de nossos corações e aos seus objetivos e desejos. "Onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração" (Mt 6.21). Embora Jesus tenha dito essas palavras no contexto de dinheiro e bens, o princípio que as subjaz é verdadeiro em cada área da vida. Os desejos determinam a direção de nossos corações. Todos nós temos muitos desejos, alguns nobres e outros mundanos e incidentais. Alguns são desejos pecaminosos e alguns são legítimos e moralmente neutros. Nossos desejos são até certo ponto nossos "tesouros".

Na manhã em que eu ia começar a trabalhar neste capítulo, minha esposa teve uma reunião. Na sua pressa em sair, ela deixou por fazer algumas pequenas tarefas que normalmente faria. Eu percebi isso, mas também estava muito desejoso de começar meu trabalho. O que eu deveria fazer? Deveria ignorar as tarefas da casa, pensando que ela as faria quando voltasse ou deveria tentar, de uma maneira bem simples, amar a minha esposa como Cristo amou a igreja fazendo as tarefas para ela? Uma vez que eu oro regularmente para que o Espírito Santo me capacite a amá-la como Cristo amou a igreja, vi nisso uma oportunidade de amar minha esposa de maneira prática. Meu desejo de seguir o padrão de Jesus de forma simples venceu meu desejo de começar meu trabalho.

Sei que esse evento pode parecer tão corriqueiro que dificilmente vale à pena mencioná-lo. Mas o fato é que a vida é feita de um mosaico de eventos aparentemente pequenos e incidentais. Durante o dia todo seguimos nossos desejos e a reação geral a eles determina completamente a direção de nossas vidas. Logo, se desejamos ser mais conformados ao caráter de Jesus, devemos desejar conhecer e fazer a vontade de Deus. Isto significa que temos de continuamente colocar nossas mentes sob a influência das Escrituras pelos vários meios discutidos no capítulo 11 e também orar para que o

Espírito Santo use esses meios para aumentar nosso conhecimento da vontade de Deus e nosso desejo de cumpri-la.

Porém, o que nos fará *querer* fazer o que *devemos* fazer? A resposta é *gratidão* pelo que Deus fez por nós em Cristo e o amor por Deus que flui dessa gratidão. Por isso temos de continuamente nos apegar ao evangelho todos os dias de nossas vidas, pois aquele a quem muito se perdoa, ama muito. É o amor de Cristo por nós que nos constrange a viver não mais para nós mesmos, mas para ele.

Jesus usou duas expressões para falar do seu relacionamento com o Pai que nos ajudarão a conhecer melhor o que significa ser conformado à sua semelhança. Em João 8.29, ele disse: "Eu faço sempre o que lhe agrada". E em João 17.4, na sua oração ao Pai, ele disse: "Eu te glorifiquei na terra". É claro que agradar e glorificar a Deus são resultados de fazer a sua vontade, mas agradar e glorificar a Deus nos fornece o alvo de fazer a sua vontade. Se formos constrangidos por seu amor, vamos querer agradá-lo e glorificá-lo.

Mais uma vez encontramos nas epístolas de Paulo ideias comparáveis ao ensino de buscarmos ser como Jesus. Já vimos a oração de Paulo em Colossenses 1.9 para que possamos crescer no conhecimento da vontade de Deus. No versículo 10, ele continua: "a fim de viverdes de modo digno do Senhor, para o seu inteiro agrado". Em 1 Coríntios 10.31, ele escreveu: "Quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus". Assim como Jesus fez, Paulo desejou que agradássemos a Deus e o glorificássemos em cada aspecto de nossas vidas.

Podemos perguntar como agradar a Deus quando até mesmo nossas melhores obras são imperfeitas e corrompidas pelos nossos próprios motivos impuros. A resposta é encontrada nas palavras de Pedro em 1 Pedro 2.5: "Vós mesmos,

como pedras que vivem, sois edificados casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo". Nossos esforços em agradar a Deus são aceitáveis por ele por causa da obediência perfeita de Cristo. Ele é aquele que toma nossa imperfeição e obediência corrompida e a torna aceitável a Deus, o Pai.

Assim, em nosso desejo de fazer a vontade de Deus, de agradá-lo e glorificá-lo, temos de olhar também para fora de nós mesmos, fitando Cristo. Temos de olhar para ele como nossa justiça perante o Pai. Temos de olhar para seu amor ao dar a si mesmo por nós para nos motivar a querer agradá-lo, e temos de olhar para ele para que torne nossa obediência imperfeita aceitável ao Pai. É somente dessa maneira que podemos agradar a Deus e glorificá-lo.

Por favor, observe que em toda essa discussão não mencionei quaisquer regras de conduta que frequentemente chamamos de "pode e não pode". Estas têm seu lugar e veremos algumas na próxima seção. Porém, tentei primeiro me dirigir aos corações. O que desejamos? Se não queremos fazer a vontade de Deus, se não desejamos agradá-lo e glorificá-lo, então as regras de conduta se tornam um fardo. Ou as ignoramos ou, na melhor das hipóteses, as obedecemos com relutância e com o coração dividido. Sempre há o perigo de nos focalizarmos inteiramente na conduta externa para parecermos respeitáveis às outras pessoas, enquanto ignoramos totalmente os pecados subjacentes do coração.

Se quisermos verdadeiramente fazer nossa parte (nossa responsabilidade dependente) na tarefa de sermos conformados com Cristo, temos de tratar das questões de nossos corações. Quando na profundidade de nossos corações nos deleitamos em fazer a vontade de Deus e, assim,

em agradá-lo e glorificá-lo, as regras bíblicas de conduta são mais um meio de orientação moral do que um conjunto de regras que temos de obedecer. De fato, estaremos ansiosos por conhecer sua vontade moral para que possamos agradá-lo ao cumpri-la. Não sei se você reparou, mas em minha discussão sobre servir minha esposa fazendo algumas tarefas de casa, eu disse que vi nisso uma *oportunidade* — não uma obrigação — de amar minha esposa daquela maneira. Essa é a maneira como devemos ver todos os mandamentos da Escritura. Eles nos apresentam séries sem fim de oportunidades para expressar nossa gratidão a Deus por sua graça mediante Cristo.

Agora, tendo lançado o fundamento do coração, vamos voltar nossa atenção para alguns detalhes específicos de nossa caminhada diária.

Nossa caminhada diária

Qualquer pessoa que estudou ou mesmo leu cuidadosamente a Epístola de Paulo aos Efésios sabe que ela está dividida em duas partes. Nos capítulos 1 a 3, Paulo delineou o que Deus fez por nós em e mediante Cristo. Nos capítulos 4 a 6, ele escreveu qual deve ser nossa resposta de gratidão, por meio da obediência em áreas específicas da vida. Os estudantes da Bíblia frequentemente se referem a esse tipo de divisão como o indicativo e o imperativo. O indicativo é a declaração de um fato sobre o que Deus fez por nós e o imperativo expressa, até certo grau, como devemos viver em nossa resposta de gratidão.

Paulo começou a segunda seção de Efésios com a palavra *portanto* — isto é, em vista do que Deus fez por nós em Cristo (o indicativo), como devemos "caminhar" ou viver o curso comum de nossas vidas diárias (o imperativo).

O trecho principal dessa seção sobre nossa caminhada diária é 4.22–24: "Quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe segundo as concupiscências do engano, e vos renoveis no espírito do vosso entendimento, e vos revistais do novo homem, criado segundo Deus em justiça e retidão procedentes da verdade". Essa passagem oferece o que é conhecido como o princípio do "despir/vestir", um conceito importante para assimilar se quisermos ser conformados a Cristo em nossas vidas diárias.

Basicamente, devemos não somente abandonar atitudes e ações pecaminosas em nossas vidas, mas também nos esforçar para nos revestir dos traços positivos semelhantes a Cristo, tais como amor, humildade, compaixão, paciência e um espírito de perdão (veja Gl 5.22–23; Cl 3.12–14). Todos esses traços positivos podem ser chamados fruto do Espírito, mesmo não estando alistados em Gálatas 5.22–23.

Tenho observado que a maioria dos crentes que assimila a importância da transformação espiritual tende a focalizar mais os pecados que precisamos abandonar do que os traços de que precisamos nos revestir. Porém, Cristo disse: "Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros" (Jo 13.35). O mundo não fica impressionado com o que não fazemos; em vez disso, as pessoas ficam mais impressionadas se nos virem nos amando uns aos outros e a elas!

Nos versículos que seguem Efésios 4.22–24, Paulo deu exemplos específicos de como aplicar o princípio "despir/vestir". Esses exemplos podem ser agrupados em três categorias: integridade (veja 4.25, 28), pureza sexual (veja 5.3–4) e relacionamentos interpessoais (veja 4.26–27, 29–32; 5.1–2).

Na primeira área, a de integridade, Paulo mencionou a

falsidade (veja Cl 3.9) e o furto. É fácil ignorar essas áreas, pensando: "Eu não faço estas coisas". E isso provavelmente é verdade nas expressões mais óbvias de mentir e roubar, mas e quanto às áreas mais sutis? Alguma vez exageramos a verdade para criar uma impressão falsa de nós mesmos ou de nossas realizações, ou ainda para produzir uma ideia negativa sobre outra pessoa, igreja ou organização?

Somos, de algum modo, flexíveis quando narramos um evento ou contamos uma história ou nos esforçamos para "dizer a verdade, toda a verdade, nada mais que a verdade"? Pode parecer que estou lidando com minúcias éticas aqui, mas, emprestando as palavras de Cantares de Salomão 2.15, são as "raposinhas, que devastam os vinhedos". São as pequenas meias-verdades ou enfeites dos fatos que comprometem nosso compromisso com a integridade absoluta.

Felizmente, não roubamos no sentido de roubo mesmo ou furto, mas será que já plagiamos os escritos ou as palavras de alguém sem lhe dar o crédito? Certa vez perguntei a um seminarista se colar era comum no seminário. Ele disse: "Oh sim, mas não colar nas provas. É plagiando trabalhos da Internet e adaptando-os para fazê-los parecer o próprio trabalho. E muitos desses alunos serão pastores um dia!".

Somos escrupulosos no tocante aos relatórios das despesas da nossa empresa e em nossa declaração de renda? Pessoalmente, acho proveitoso, quando faço a minha declaração, pensar no Espírito Santo como o meu auditor. Embora eu queira ser completamente honesto com o governo em minha declaração de renda, é de longe mais importante que eu não peque contra Deus com as declarações que faço.

O perigo em desprezar detalhes como plagiar trabalhos da escola ou falsificar a declaração do imposto de renda é deixar de lado a área ou as áreas nas quais somos mais

tentados. Todos somos tentados de várias e diferentes maneiras, e espero que você tenha aprendido o princípio de buscar integridade nas pequenas coisas para que seja incentivado a examinar cuidadosamente sua própria vida, descobrindo as "raposinhas, que devastam os vinhedos" da sua retidão. É também uma boa ideia pedir ao Espírito Santo para lhe dar uma consciência sensível aos pequenos pecados de sua vida, alguns dos quais talvez você nem perceba.

Quanto a se revestir do novo homem, observe o contraste que Paulo fez entre furtar e dar (veja Ef 4.28). Paulo não estava contente com uma pessoa parar de roubar; ele exortou a serem generosos — trabalhar para compartilhar com os que estão em necessidade. Será que somos generosos em dar, não somente ao trabalho do reino de Deus, obtendo desconto no imposto de renda, mas também aos crentes que estão em necessidade, não obtendo nenhum desconto no imposto? O apóstolo João escreveu: "Ora, aquele que possuir recursos deste mundo, e vir a seu irmão padecer necessidade, e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus?" (1Jo 3.17). Estamos crescendo em generosidade? Estamos dando mais, tendo ou não desconto no imposto, considerando o aumento de nossa renda em comparação com o que ganhávamos a dois ou três anos atrás? Se quisermos ser conformados à imagem de Cristo de forma progressiva, devemos crescer em generosidade, a fim de seguir seu exemplo de se tornar pobre para que mediante sua pobreza pudéssemos nos tornar ricos (veja 2Co 8.9).

A segunda categoria de que Paulo tratou foi a pureza sexual. Embora a abordagem de Paulo seja breve, sua mensagem é forte em termos de evitar absolutamente todas as formas de impureza sexual. Precisamos examinar nossos hábitos e atividades nesta época em que a prática sexual fora do casamento é aceita como normal pela sociedade em geral.

É difícil achar um filme, romance ou novelas de televisão que não inclua sexo ilícito como parte normal da história.

Precisamos levar a sério as palavras de Jesus em Mateus 5.28: "Eu, porém, vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela". Uma inferência lógica das palavras de Jesus é que entregar-se às fantasias sexuais na mente é também cometer adultério no coração. Portanto, precisamos guardar nossos olhos e pensamentos tão escrupulosamente quanto nos guardamos de qualquer atividade sexual física reprovável. Não quero tecer um conjunto legalista de regras sobre filmes, novelas de televisão e romances, mas se quisermos verdadeiramente ser conformados à imagem de Jesus, precisamos pensar seriamente acerca do que permitimos que nossos olhos vejam e nossas mentes reflitam.

A pureza sexual e a santidade do casamento são importantes porque Deus projetou o casamento para representar o relacionamento entre Cristo e a igreja. Violar a santidade do casamento, mesmo no coração, é, portanto, rebaixar e corromper essa figura sagrada.

Vale observar que em Apocalipse 17, Babilônia, a grande, (um apelido para Roma) é referida como "a grande prostituta" e "a mãe das prostitutas" (versículos 1 e 5). Roma foi culpada de muitos pecados notáveis, incluindo imoralidade grosseira, suntuosidade impudica, prática da escravidão, deificação do imperador e perseguição dos cristãos. Deus, porém, usa a imagem da prostituição para descrever o império em toda a sua degradação. De todos os pecados específicos — como mentir, roubar e assassinar — que Deus poderia ter usado ao fazer alusão a Roma, ele escolheu a imagem da imoralidade sexual. Certamente isso diz alguma coisa sobre a atitude de Deus para com a imoralidade sexual.

Aqui, preciso tratar de uma parte importante para as mulheres e moças cristãs. Lembrem-se das palavras de Paulo em Romanos 12.2: "E não vos conformeis com este século". Não há provavelmente nenhuma área da vida na qual as jovens cristãs se sentem mais inclinadas a se conformar ao mundo do que o seu padrão de vestir. Elas querem estar na moda e então compram qualquer roupa moderna sem considerar se é ou não modesta. Como alguém que quer ser conformado à imagem de Cristo, você não pode fazer isso. Antes, você deve ser cuidadosa, evitando roupas que atraem os olhares dos homens. Sei que isso é difícil hoje em dia, quando tantas roupas femininas são deliberadamente desenhadas para serem provocativas. Entretanto, não importa quão severas ou rígidas vocês pareçam, procurem roupas que sejam modestas. Mesmo sem perceber, se você usar uma roupa reveladora, será provavelmente tão culpada de impureza sexual quanto o homem que olha para você com olhos lascivos. E aqui vai uma palavra aos pais: É sua responsabilidade assegurar que suas filhas adolescentes entendam acima de tudo a seriedade deste assunto e que, como cristãs (presumindo que são), busquem alegremente, em resposta ao amor de Cristo por elas, agradá-lo com suas roupas.

Finalmente, a maior questão hoje dentro do tema da pureza sexual é a pornografia na Internet. Na metade do século 14, a peste bubônica, chamada Peste Negra, espalhou-se rapidamente por toda a Europa, resultando na morte de 30% a 60% da população. O termo técnico para isto é pandemia, uma epidemia amplamente espalhada. Hoje temos uma pandemia moral em nosso país. Um dos meus colegas que ministra a estudantes de faculdade e que tem estudado extensivamente esse assunto, disse que 98% dos calouros que entram na universidade hoje em dia estão envolvidos até certo grau com pornografia na Internet. Incrivelmente,

a porcentagem das mulheres é 40%! Ele disse que não importa se os alunos são de famílias cristãs, se frequentaram escolas cristãs ou se estudaram em casa — as porcentagens permanecem incrivelmente altas.

É claro, homens e mulheres de todas as idades estão envolvidos nessa atividade, não sendo exagero chamar esse fenômeno de pandemia moral. Sabe-se que o lucro procedente da pornografia da Internet excede as receitas reunidas da Liga Nacional de Futebol, da Associação Nacional de Basquete e da Liga Maior de Baseball. Verdadeiramente, nosso país está inundado pela imundície moral.

Esse assunto é tão vasto e complexo que está além do escopo deste livro tratar de uma resposta a essa questão. Mas a igreja evangélica, as escolas e faculdades cristãs, assim como os pais devem tratar do câncer moral que afeta nossa sociedade. Do contrário, deixaremos nossos jovens, a próxima geração de pais, expostos e indefesos diante do que é provavelmente a maior ameaça moral que nosso país já enfrentou.

A terceira área do "despir/vestir" que Paulo trata são os relacionamentos interpessoais. Essa é uma área à qual a maioria de nós precisa prestar atenção. Podemos passar pelas exortações de Paulo sobre integridade e pureza sexual e supor que não temos problemas nessas áreas, mas quem de nós pode alegar que é completamente inocente na maneira com que trata os outros?

Conheci pessoas que pareciam estar completamente acima de repreensão nas áreas de integridade e pureza sexual, mas que eram julgadoras, cheias de justiça própria e até duras em seus relacionamentos. Entretanto, mesmo sendo tão importantes a integridade e a pureza sexual, Paulo deu mais ênfase na área de relacionamentos do que nas outras duas

juntas. Na edição da Bíblia que eu uso, dezesseis linhas de Efésios 4.25 até 5.4 tratam dos relacionamentos interpessoais, enquanto onze são dedicadas à integridade e à pureza juntas. Esta comparação não tem, de modo algum, a intenção de diminuir a importância da integridade ou da pureza sexual, e sim destacar como os relacionamentos interpessoais são importantes.

Essa seção sobre os relacionamentos interpessoais é digna de nossa reflexão ponderada e com oração, sendo necessário você abrir sua Bíblia em Efésios 4.25; 5.4 e orar sobre cada aspecto, pedindo a Deus que revele a você qualquer atitude ou ação que precisa ser despojada ou qualquer uma na qual você precisa crescer.

A ira é a primeira atitude pecaminosa que Paulo menciona. Aqui precisamos levar a sério a advertência de Jesus em Mateus 5.22: "Todo aquele que se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento". A ira entre os crentes se expressa frequentemente em linguagem rude pela qual expressamos nosso desprazer com a atitude, as palavras ou as ações de outra pessoa.

Penso nas palavras de Tiago sobre os pecados da língua: "Com [a língua] amaldiçoamos os homens, feitos à semelhança de Deus" (3.9). Amaldiçoar alguém não é somente falar mal, mas envolve qualquer tipo de linguagem imprecatória com a qual expressamos má disposição para com alguém.

Deus usa uma expressão semelhante em Gênesis 9.6. Nesse texto, o assassinato é proibido porque "Deus criou o homem à sua imagem". Tanto o assassinato quanto a linguagem irascível são pecados porque são dirigidos a alguém criado à imagem de Deus. Por isso, quando percebemos que Jesus disse que tanto o assassinato quanto a ira nos farão passíveis de julgamento (veja Mt 5.21–22),

devemos perceber quão sério é o pecado da ira.

Há um lugar, porém, para a ira justa? É claro que há. Mas muito frequentemente tendemos a desculpar nossa ira pecaminosa sob o disfarce da indignação justa. Se nossa ira for uma reação a palavras ou ações dirigidas contra nós, então nossa ira é provavelmente pecaminosa.

Outros pecados interpessoais dos quais devemos nos despojar incluem amargura, cólera, fúria, gritaria e calúnia (veja Ef 4.31). Todas essas são atitudes pecaminosas e procedentes da ira que acabamos de discutir. Elas são, num certo sentido, expressões diversas da ira elevada a um nível mais alto. Podemos ver aqui a força destrutiva da ira e começar a entender por que ela é um pecado tão sério quanto mentir, roubar e praticar impureza sexual de qualquer tipo.

Nosso dever, porém, não é simplesmente nos despojar da ira e seus pecados relacionados, mas também "ser uns para com os outros benignos, compassivos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus, em Cristo, [nos] perdoou" (versículo 32). Uma vez que o perdão de Deus é a chave para entender o perdão, Jesus contou uma parábola sobre um servo que devia ao seu mestre dez mil talentos (calculando com base em um salário de nove mil reais por ano, isso equivaleria hoje a mais de vinte e quatro milhões de reais). Quando o servo não pôde pagar, o mestre perdoou gratuitamente a dívida. Logo após, o servo perdoado encontrou outro servo que lhe devia cem denários (cerca de dois mil e quinhentos reais nos valores de hoje) e recusou-se a perdoar.

O mestre chamou o primeiro servo e disse: "Servo malvado, perdoei-te aquela dívida toda porque me suplicaste; não devias tu, igualmente, compadecer-te do teu conservo, como também eu me compadeci de ti?" (Mt 18.32–33). A aplicação deve ser clara para nós. Todos nós somos

representados pelo primeiro servo. Somos todos devedores de dez mil talentos. Cada um de nós tem com Deus uma dívida moral e espiritual que não poderia pagar. Mas Deus, em Cristo — isto é, mediante a morte de Cristo — nos perdoou. E Paulo disse que temos de perdoar uns aos outros como Deus nos perdoou.

Há alguém contra quem você está alimentando um espírito não perdoador? Talvez seja por causa de um incidente que ocorreu há diversos anos ou mais e que você nunca perdoou verdadeiramente. Os detalhes e sua reação naquele tempo talvez estejam enterrados no fundo de sua mente, mas de tempos em tempos, algo desperta sua memória e o velho espírito não perdoador surge novamente. Se isto for verdade, esse espírito está atrapalhando você a se conformar à imagem de Cristo.

Deus disse em Isaías 43.25: "Dos teus pecados não me lembro" (veja também Hb 8.12; 10.17). Não se lembrar significa não trazer à mente velhas feridas abertas em nós ou em outra pessoa. E quando elas de fato vêm às nossas mentes espontaneamente, de imediato as expulsamos.

A maioria de nós precisa prestar atenção à admoestação de Paulo sobre a linguagem (veja Ef 4.29). Novamente Paulo usou linguagem absoluta: *nenhuma* conversa que corrompa, *somente* as que forem para edificar os outros. Conversa que corrompe é qualquer linguagem que fira outra pessoa, seja alguém com quem estamos conversando, seja alguém de quem estamos falando. Quando conversamos com alguém, isto inclui palavras ditas com ira ou com impaciência, sarcasmo ou quaisquer palavras proferidas para rebaixar a pessoa com quem estamos conversando. Quando falamos *sobre* alguém, isso inclui fofoca, calúnia ou qualquer linguagem que tenha o objetivo de afetar negativamente o caráter e as ações daquela

pessoa.

No versículo seguinte, Paulo escreveu: "Não entristeçais o Espírito de Deus". Estou certo de que todos os pecados entristecem o Espírito Santo e acho que essa advertência teria sido apropriada para as áreas de integridade e pureza sexual. Entretanto, Paulo, escrevendo sob a direção infalível do Espírito Santo, escolheu incluí-las imediatamente após sua exortação sobre a linguagem. Acho que isso nos ensina algo. Todos nós concordaríamos que a falta de integridade ou qualquer pecado sexual ou mesmo a ira pecaminosa entristecem o Espírito Santo. Mas será que estamos dispostos a enfrentar o fato de que qualquer conversa que corrompe, com alguém ou sobre alguém, também entristece o Espírito Santo? Em outro lugar, Paulo disse para "não difamar ninguém" (Tt 3.2). A triste verdade para a maioria de nós é que a conversa negativa sobre alguém parece escorregar de nossas línguas tão naturalmente quanto fazer uma refeição. Não posso contar quantas vezes tenho de me vigiar e me refrear para não dizer alguma coisa apenas "levemente" negativa sobre outra pessoa.

Será que estamos dispostos a fazer de Tito 3.2 nosso alvo enquanto buscamos ser conformados à semelhança de Cristo? Se você estiver disposto a isso, deixe-me sugerir três perguntas que você deve fazer a si mesmo quando conversar com ou sobre outra pessoa:

- É verdade?
- É bondoso?
- É necessário?

Se o que você está prestes a dizer, para ou sobre alguém, não passar nesses testes, não diga.

Nossas línguas podem ser instrumentos para edificar ou para derrubar. Peça ao Espírito Santo para fazê-lo ciente da conversa que tende a derrubar a outra pessoa e para capacitá-lo a usar mais a sua língua para edificar os outros. Então peça para ele mostrar as atitudes críticas do seu coração, pois Jesus disse: "A boca fala do que está cheio o coração" (Mt 12.34).

Cobrimos muitos temas neste capítulo. Por isso, deixe-me agora dar atenção às atitudes de nossos corações. Desejamos fazer a vontade de Deus, agradá-lo e glorificá-lo? Isto é muito mais eficaz do que focalizar somente a conduta exterior. De fato, sem um coração que faça a vontade de Deus, a mudança na conduta exterior é somente superficial. Lembre-se também de que é tão importante se vestir de um caráter positivo semelhante a Cristo quanto lidar com o padrão de pecado persistente em nossas vidas.

Na área de pecados específicos, quero destacar três:

- A importância de absoluta pureza sexual
- A gravidade da ira pecaminosa
- A necessidade de vigiar a conversa crítica com ou sobre alguém

Acima de tudo "guarda o coração, porque dele procedem as fontes da vida" (Pv 4.23).

PARA DISCUSSÃO EM GRUPO

1. Que tipo de gratidão nos faz *querer* fazer o que *devemos* fazer?
2. Você acha que as palavras de Jesus em Mateus 5.28 se aplicam ao uso de pornografia e à fantasia sexual? Por que sim? Por que não?

3. Com referência a Mateus 18.21–35, o que significa a frase "Somos todos devedores de dez mil talentos"?

CAPÍTULO CATORZE

Já, Mas Ainda Não!

Como filhos obedientes, não vos amoldeis às paixões que tínheis anteriormente na vossa ignorância; pelo contrário, segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento, porque escrito está: Sede santos, porque eu sou santo.

1 Pedro 1.14–16

Deus nos ordena a ser santos. Ele disse: "Sede santo, porque eu sou santo". Assim, Deus nos predestinou para sermos conformados à imagem de seu Filho, e ordenou que fôssemos santos como ele é santo. Conformidade à imagem de Cristo e ser santo como Deus é são expressões essencialmente sinônimas. O que Deus planejou para nós, ele nos ordena a buscar.

Esse mandamento é uma incumbência para todos os crentes, não apenas para um grupo de superespirituais ou de obreiros cristãos de tempo integral. É para alunos de escola de ensino médio tanto quanto para jovens adultos na faculdade ou no trabalho. Inclui a mãe que fica em casa e a pessoa envolvida no mundo profissional e executivo e, sim, abrange também o aposentado que desfruta dos seus últimos anos. Aplica-se a todos os crentes. Não admite nenhuma exceção.

O Novo Testamento está repleto de convites à santidade. Considere as seguintes passagens:

- Tendo, pois, ó amados, tais promessas, purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus (2Co 7.1).

- E vos revistais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade (Ef 4.24).
- Porquanto Deus não nos chamou para a impureza, e sim para a santificação (1Ts 4.7).
- Pois eles nos corrigiam por pouco tempo, segundo melhor lhes parecia; Deus, porém, nos disciplina para aproveitamento, a fim de sermos participantes da sua santidade (Hb 12.10).
- Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor (Hb 12.14).
- Visto que todas essas coisas hão de ser assim desfeitas, deveis ser tais como os que vivem em santo procedimento e piedade (2Pe 3.11).

A verdade é que todos os imperativos morais na Bíblia são chamados à santidade. Logo, temos de buscar a santidade com todo o vigor e anseio que a palavra *buscar* sugere.

Um foco exterior

Ao mesmo tempo, entretanto, temos de nos guardar de olhar interiormente e ficar preocupados com nossa transformação espiritual. Na noite da sua ressurreição, Jesus disse aos discípulos: "Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio" (Jo 20.21). Embora essas palavras tenham sido ditas aos discípulos, elas são aplicáveis a nós hoje, tanto como o corpo de Cristo quanto individualmente. Há um sentido no qual Jesus diz a cada um de nós: "Como o Pai me enviou, eu também vos envio". Ser conformado à imagem de Cristo envolve, então, não somente a transformação do nosso caráter, mas também o envolvimento na missão de Cristo ao mundo. Assim como a ordem moral de ser santo como Deus é santo aplica-se a todos os crentes, as palavras de Jesus "eu também vos envio" aplicam-se a todos nós, sem exceção.

Isto obviamente não significa que cada crente deve ser um missionário ou que deve assumir qualquer forma de trabalho cristão vocacional de tempo integral. Antes, significa que cada um de nós tem uma função, direta ou indiretamente. A Bíblia é clara sobre o fato de cada cristão receber pelo menos um dom espiritual (veja 1Pe 4.10–11; 1Co 12.4–11; Rm 12.4–8). Dom espiritual é uma habilidade dada e revestida de poder pelo Espírito Santo para capacitar uma pessoa a cumprir sua função dentro do corpo de Cristo. O fato de que todos nós recebemos um dom significa que todos nós temos uma função a cumprir. Como Paulo disse em Efésios 2.10: "Criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas". Parafraseando e resumindo as palavras de Paulo em Efésios 2.8–10: "Não somos salvos *por* obras, mas somos salvos *para* obras, para fazer o trabalho que Deus preparou para que fizéssemos".[1]

Cada crente tem uma função a desempenhar às outras nações, cumprindo a Grande Comissão de Cristo de fazer discípulos (veja Mt 28.18–20). Obviamente, não temos todos de ir às outras nações ou culturas, mas podemos nos unir àqueles que realmente vão, mediante oração, encorajamento e apoio financeiro. Para muitos de nós, nosso trabalho principal no corpo será nos bastidores, tornando-o possível que aqueles que estão na linha de frente da missão de Cristo ao mundo sejam mais eficazes. Mas seja nossa função no corpo e no cumprimento da Grande Comissão visível ou invisível, todos temos uma função a cumprir. E ser mais conformado a Cristo significa que levamos nossa função tão a sério quanto a nossa transformação espiritual.

Palavras de encorajamento

Tendo tratado rapidamente da importância do foco missionário exterior que deve ser verdadeiro para todos os

crentes, quero retornar agora ao propósito principal *deste* livro, que é a transformação de nosso caráter para que nos tornemos crescentemente conformados à imagem de Cristo. E à medida que faço isso, quero encorajá-lo a perseverar nessa busca, mesmo quando você pensar que não está progredindo muito. A verdade é que quanto mais sincera e diligentemente buscarmos a santidade, mais veremos o pecado e as falhas de caráter em nossas próprias vidas. A razão para isto é dupla.

Primeiro, o Espírito Santo não mostra todo nosso pecado de uma vez. Ao invés disso, ele gradualmente nos aponta, pelas Escrituras, o que significa ter um caráter semelhante a Cristo, e nos capacita a ver onde falhamos. Isso não significa que não vamos pecar mais; mas sim que estamos nos tornando mais cientes e mais sensíveis ao pecado que tem estado presente em nós o tempo todo.

Segundo, enquanto vivermos, experimentaremos a luta interna que Paulo descreveu em Gálatas 5.17: "A carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si, para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer". Há mais de 150 anos, o teólogo escocês George Smeaton escreveu:

> [Há] um conflito interno entre a carne e o espírito... e o estranho é que nesse conflito os poderes e faculdades do cristão parecem estar ocupados uma hora com um e outra hora com outro. Os mesmos intelecto, vontade e afeições ficam sob influências diferentes como se fossem dois exércitos conflitantes ocupando o mesmo terreno e, cada um por sua vez, sendo expulsos do campo. Para surpresa do próprio cristão, a mente e as afeições engajadas nos exercícios do amor santo pelo poder do Espírito Santo podem, de repente, ser desviadas por alguma raiz de pecado ou por uma estranha lei de associação na economia mental, se inclinando para o oposto. Assim, o conflito continua até o fim. Podemos compará-lo — embora nenhuma analogia possa retratá-lo exatamente — a um estado de convalescência

> onde a doença e a saúde lutam para ter domínio, às vezes predominando um e, às vezes, outro, até que a doença seja completa e perpetuamente curada.[2]

Devemos ter em mente que vivemos na era que os teólogos chamam de era do "já, mas ainda não", entre a ascensão de Cristo e sua segunda vinda. Durante esse tempo, há uma tensão contínua entre quem somos "em Cristo" e o que somos em nossa experiência diária. Mediante nossa união com Cristo, já estamos sentados com ele nas regiões celestiais (veja Ef 2.6), porém ainda vivemos num mundo amaldiçoado pelo pecado, com todas as suas dificuldades e dores. Já somos santos e sem culpa perante Deus por meio de nossa união com Cristo (veja Ef 1.4), mas ainda pecamos todo dia.

Ao lidar com nosso pecado, acho proveitoso pensar em quatro áreas:

- A culpa do pecado
- O reinado do pecado
- A presença do pecado (a carne)
- A atividade do pecado

Essas quatro facetas do pecado são comuns a todos os descrentes. Elas foram reais para cada um de nós antes de termos confiado em Cristo como nosso Salvador. Estávamos sob a culpa do pecado e, como consequência, estávamos sob seu reinado. Não podíamos agradar a Deus. Paulo disse: "Os que estão na carne não podem agradar a Deus" (Rm 8.8). Podemos ter sido indivíduos bons, decentes, mas mesmo naquilo que éramos melhores, nada que fazíamos fora de Cristo podia agradar a Deus.

Quando confiamos em Cristo como nosso Salvador, fomos, mediante sua morte, perdoados do pecado para que não fôssemos mais considerados culpados perante Deus. Ele nos

perdoou porque Jesus levou o pecado na cruz (veja Cl 2.13; 1Pe 2.24). Tendo, então, sido libertos da culpa do pecado, somos também libertos do seu reinado em nossas vidas. Como Paulo declarou em Romanos 6.2, temos: "morrido para o pecado" — não para a sua atividade em nossas vidas, mas para o seu reinado absoluto. O pecado pode travar sua guerrilha contra nós, mas não pode reinar em nossas vidas. Para usar as palavras de Paulo, morremos para esse reinado.

Assim, não temos mais ligação com a culpa e o reinado do pecado, mas ainda temos em nós a presença da carne. Quando queremos fazer o certo, o mal (isto é, a carne) se manifesta (veja Rm 7.21). O fato de ainda experimentarmos a presença e a luta do pecado é parte da tensão "já, mas ainda não" desta vida.

Por ainda termos a carne travando uma guerra contra nós, experimentamos a *atividade* do pecado todo dia. Porém somos chamados a mortificá-la (veja Cl 3.5). Temos de nos abster das paixões da carne que guerreiam contra nossas almas (veja 1Pe 2.11). As pessoas sem Cristo não experimentam essa guerra; eles vivem confortavelmente sob o reinado do pecado. Mas quando somos libertados desse reinado, a guerra com o pecado começa. Chamo isso o desconforto do estado justificado. Por um lado, somos justificados. Como vimos no capítulo 4, somos perante Deus como se nunca tivéssemos pecado e como se sempre tivéssemos obedecido. Por outro lado, vemos que, em nossa experiência diária, nós *realmente* pecamos; e com frequência realmente *não* obedecemos.

Assim, o que nos guardará de ficarmos desanimados ao vermos pecado em nossas vidas? O que nos motivará a perseverar em nossa batalha com o pecado restante, mesmo naqueles dias em que parecemos não progredir? É a percepção de que, em Cristo, já somos santos e sem culpa perante Deus.

Se você se dedicar à busca da semelhança a Cristo, descobrirá uma tensão crescente entre seu desejo de conhecer e fazer a vontade de Deus e seu progresso em cumpri-la. Essa tensão crescente pode ser desanimadora e desmotivadora. A solução para este dilema é ter em mente que, em nossa posição perante Deus, ele nos vê revestidos da perfeita obediência de Cristo. Essa posição nunca muda, não importa se estamos tendo um bom ou um mau dia. Nele, somos sempre santos e sem culpa. Nele, somos tão perfeitamente justos quanto ele era em sua humanidade impecável.

Essa é a maneira pela qual devemos resolver a tensão entre o que desejamos ser e o que somos em nossa experiência diária. Devemos olhar mais para nossa posição perante Deus em Cristo do que para nossa experiência real, e esse olhar nos motivará a ser mais como ele em nossa experiência. Para fazer isto, é claro, devemos nos apegar diariamente ao evangelho.

Para resumir este livro, deixe-me lhe dar sete características de uma pessoa que busca a santidade — alguém que está se tornando mais conformado à imagem de Cristo. Essa pessoa tem:

1. Um entendimento progressivo da santidade de Deus e suas implicações.
2. Uma crescente sensibilidade no anseio de permanecer sem pecado e uma percepção simultânea de falha em produzir mais plenamente o fruto do Espírito em sua vida.
3. Um desejo fervoroso e um esforço sincero de crescer na semelhança a Cristo, percebendo que o desejo sempre excederá a realização.

4. Um entendimento claro do princípio da responsabilidade dependente e de como aplicar esse princípio em sua vida.
5. Uma aplicação consistente dos instrumentos da graça por meio da prática das disciplinas espirituais que nos capacitam a crescer na semelhança a Cristo.
6. Um apego contínuo ao evangelho para obter a segurança do perdão dos nossos pecados e da nossa justiça perante Deus, a fim de que sejamos constrangidos por seu amor a viver para ele.
7. Uma percepção crescente de sua própria incapacidade espiritual e uma dependência crescente do Espírito Santo para operar em nós e nos capacitar para o serviço.

Embora a sexta característica seja alistada como uma das sete, ela deve, de fato, permear todas as cinco anteriores.

Não podemos verdadeiramente crescer em nosso entendimento da santidade infinita de Deus e da pecaminosa excessiva do nosso pecado a menos que vejamos sua santidade e nosso pecado através das lentes do evangelho. Vê-los à parte do evangelho somente produz uma mentalidade do tipo "ai de mim" em vez de uma alegre atitude de "Eis-me aqui, envia-me a mim". E o desejo fervoroso somado ao esforço sincero da terceira característica (o "avançar" de Paulo em Fp 3.12–14) podem ser mantidos somente mediante a motivação do evangelho. O mesmo é verdadeiro sobre a prática das disciplinas espirituais.

Um senso crescente de fraqueza espiritual e uma dependência progressiva do Espírito Santo deve também permear as primeiras cinco características. Somente o Espírito Santo pode verdadeiramente nos dar um entendimento crescente

da santidade de Deus e uma consciência elevada de nossas atitudes. Ele faz isto principalmente através da sua Palavra. Sem sua iluminação, nosso conhecimento das Escrituras permanecerá meramente intelectual. Precisamos de sua ação poderosa para levar aos nossos corações um conhecimento experimental crescente dessas verdades. De maneira semelhante, somos dependentes do Espírito Santo para nos capacitar a praticar eficazmente as disciplinas espirituais e vê-las como "instrumentos da graça" dados para nosso benefício em vez de meras obrigações a cumprir a fim de ganhar o favor de Deus.

Enquanto vivermos na era do "já, ainda não", continuaremos em guerra com o mundo, com o Diabo e com nossa própria carne pecaminosa. Embora a vitória final nessa guerra esteja assegurada, vivenciamos realmente os nossos defeitos e reveses à medida que pecarmos. Então, devemos manter nossos olhos em Jesus e na sua vida sem pecado e também em sua morte levando nosso pecado, por meio das quais permanecemos perante Deus revestidos da perfeita justiça de Cristo. Devemos continuamente olhar para o Espírito Santo para nos dar poder nessa guerra. A justiça de Cristo e o poder do Espírito Santo são as duas pedras fundamentais sobre as quais a transformação espiritual é edificada.

Finalmente, devemos ansiar pelo dia quando, na morte, entraremos na presença do Senhor, entre os "espíritos dos justos aperfeiçoados" (Hb 12.23). Além disso, "sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é" (1Jo 3.2). Nesse ponto, João acrescentou: "E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esperança, assim como ele é puro" (v. 3). Que isso seja verdade em nós!

PARA DISCUSSÃO EM GRUPO

1. Quanto mais sincera e diligentemente buscamos a santidade, mais veremos nossos pecados e defeitos de caráter. Quais são as duas razões para isso?

2. Quatros componentes do pecado foram alistados aqui. Como os descrentes e os crentes os experimentam?
   a. A culpa do pecado
   b. O reinado do pecado
   c. A presença do pecado (a carne)
   d. A atividade do pecado

3. O que evitará que fiquemos desanimados ao vermos mais e mais o pecado em nossas vidas? O que nos motivará a perseverar em nossa batalha contra o pecado, mesmo naqueles dias em que parecemos não fazer nenhum progresso? Preencha as lacunas considerando o "já, mas ainda não": "É a percepção de que em Cristo já estamos _____ e _____ perante Deus."

NOTAS

CAPÍTULO DOIS: **A santidade de Deus**

1. J. Alec Motyer, *The Prophecy of Isaiah.* Downers Grove, IL: Intervarsity, 1993, 77.
2. Edward J. Young, *The Book of Isaiah.* Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1965, 242.
3. Vale à pena observar que quando o apóstolo João teve uma visão de Deus assentado em seu trono, ele também ouviu criaturas angélicas clamando: "Santo, santo, santo é o Senhor todo-poderoso" (veja Ap 4.1–8). Cerca de oitocentos anos separavam as visões de Isaías e João. É lógico, portanto, pressupor que desde que Deus criou os anjos, e adentrando na eternidade, sempre houve e sempre haverá criaturas celestes constantemente clamando: "Santo, santo, santo é o Senhor."
4. William Plumer, *Psalms.*1867; repr., Edinburg, Scotland: Banner of Truth Trust, 1975, 557.
5. George Smeaton, *Christ's Doctrine of the Atonement.* 1870; repr., Edinburg, Scotland: Banner of Truth Trust, 1991, 21.
6. Devo essa ilustração ao meu amigo Bill Vogler.

CAPÍTULO TRÊS: **A vileza do nosso pecado**

1. J. Alec Motyer, *The Prophecy of Isaiah.* Downers Grove, IL: InterVarsity, 1993, 78, 430.
2. F. F. Bruce, *The Epistle to the Hebrews,* The New International Commentary on the New Testament. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1990, 336.
3. James Buchanan, *The Doctrine of Justification.* 1867; repr., Edinburg Scotland: Banner of Truth Trust, 1961, 236-237.

CAPÍTULO QUATRO: **A grande permuta**

1. Philip E. Hughes, *The Second Epistle to the Corinthians,* The New International Commentary on the New Testament. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1962, 211.
2. Charles Hodge, *Second Epistle to the Corinthians.* London: Banner of Truth Trust, 1959, 150.

CAPÍTULO CINCO: **Abraçando o Evangelho diariamente**

1. Richard Lovelace: *Dynamics of Spiritual Life.* Downers Grove, IL: InterVarsity, 1979, 101.
2. Lovelace, 101.
3. "Miserable Sinner Christianity," *Works of B. B. Warfield,* vol. 7. Grand Rapids, MI: Baker, 1991, 113ff.
4. Robert Haldane, *Exposition of the Epistle to the Romans.* 1874; repr., Edinburg, Scotland: Banner of Truth Trust, 1958, 132
5. Extraído de John Owen, *Communion with the Triune God,* editado por Kelly M. Kapic e Justin Taylor, ©2007, 316-319. Usado com permissão da Crossway, um ministério de publicação da Good News Publishers, Wheaton, IL, 60187, www.crossway.org

CAPÍTULO SEIS: **A motivação do Evangelho**

1. Com base nas palavras de João 12.37–41, alguns estudiosos da Bíblia creem que o Senhor assentado no trono de Isaías 6.1 era realmente o Filho de Deus pré-encarnado. Eles creem nisto por causa da maneira como João ligou a citação de Isaías 6.9–10 com sua declaração de que "Isto disse Isaías porque viu a glória dele e falou a seu respeito" (Jo 12.41).
2. Norval Geldenhuys, *Commentary of the Gospel of Luke,* The New International Commentary on the New Testament. Grand Rapids, MI: 1977, 234.
3. J. C. Ryle, *Holiness.* Old Tappan, NJ: Revell, n. d., 88.
4. Kenneth S. Wuest, *The New Testament: An Expanded Translation.* Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1961, 424.
5. John Newton, "Hymn 3," Christian Classics Ethereal Library, www.ccel.org/ccel/newton/olneyhymn.h3-3.html. Essa citação veio ao meu conhecimento primeiro por Timothy Keller, em *The Prodigal God* [New York: Dutton, 2008], 88-89.
6. William Cowper, "Love Constrained to Obedience," Poets' Corner, http://theothers.org/poems/olneyo3.html. Esta citação veio ao meu conhecimento primeiro por Timothy Keller em *The Prodigal God,* 88-89.

CAPÍTULO SETE: **Entendendo a graça de Deus**

1. Archibald Alexander, *Thoughts On Religious Experience.* Edinburg, Scotland: Banner of Truth Trust, 1967, 165.
2. C. FitzSimons Allison, *The Rise of Moralism.* Vancouver, Canada: Regent College Press, 2003.
3. Alexander, 165.
4. Esta citação é de um artigo escrito há alguns anos. Quando eu o li, ele "ardeu" em minha alma e nunca me esqueci dele.
5. Charles Spurgeon, citado em Iain Murray, *Spurgeon v. Hyper-Calvinism.* Carlisle, PA: Banner of Truth Trust, 1995, 20.
6. John Owen, *Communion with God,* ed. R. J. K. Law. Edinburg, Scotland, Banner of Truth Trust, 1991.117.
7. Lefevre d'Étaples, citado em Philip Hughes, *A Commentary on the Epistle to* the *Hebrews.* Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1977, 461.
8. Martin Bucer, citado em Hughes, 461.

CAPÍTULO NOVE: **Responsabilidade dependente**

1. John Owen, O Espírito *Santo.* Evansville, IN: Sovereign Grace Publisher, 1960, 228.
2. Jonathan Edwards, *The Works of Jonathan Edwards,* vol. I. Edinburgh, Scotland: Banner of Truth Trust, 1979.
3. Edwards.
4. Iain H. Murray, *Jonathan Edwards: A New Biography.* Carlisle, PA: Banner of Truth Trust, 1987, 101.

CAPÍTULO DEZ: **Instrumentos da graça**

1. Philip E. Hughes, *The Second Epistle to the Corinthians.* Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1962, 117-118.
2. John Calvin, *Institutes of the Christian Religion,* vol. I. Phildelphia: Westminster, 1960, 566.
3. James Fraser, *A Treatise on Santification.* Audubon, NJ: Old Paths Publications, 1992, 463.
4. James Buchanan, *The Office and Work of the Holy Spirit.* Carlisle, PA: Banner of Truth Trust, 1966, 245.

CAPÍTULO DOZE: **A graça da adversidade**

1. Para um tratamento mais completo deste assunto, veja meu livro *Trusting God: Even Life Hurts* (NavPress).

CAPÍTULO CATORZE: **Já, mas ainda não!**

1. Para uma discussão extensa sobre os dons espirituais e especificamente como discernir os dons de alguém, veja meu livro *True Community* (NavPress, 2012), capítulo 7, "Spiritual Gifts Within the Community".
2. George Smeaton, *The Doctrine of the Holy Spirit*. Carlile, PA: Banner of Truth Trust, 1958, 228.

O apóstolo Paulo escreve que precisamos ser transformados. Muitos cristãos, porém, lutam em vão para serem transformados e andam frustrados e desanimados. Apesar do seu sincero desejo de crescer, ainda não encontraram uma abordagem eficaz por não captarem a essência do crescimento cristão de acordo com a Bíblia. O conhecidíssimo autor Jerry Bridges ajuda-nos a entender que temos ao nosso alcance a fonte de toda transformação espiritual: o evangelho.

O evangelho não é apenas o poder de Deus para a salvação de todos os que creem (Romanos 1.16), é também o instrumento divino para nos educar sobre a vida cristã (Tito 2.11-12) e o método divino para nos fazer crescer espiritualmente (2 Pedro 3.18). Neste livro, o autor nos ensina, na sua famosa frase, a "pregar o evangelho a nós mesmos todos os dias". Não é apenas um conceito cativante, é o método bíblico e eficaz.

editora batista regular

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7414-052-0
9 788574 140520

CATEGORIA: VIDA CRISTÃ